JOÃO UBALDO RIBEIRO

SELO LITERÁRIO – ANO II

Fundação Gregório de Mattos

A paixão dos suicidas

NÍVIA MARIA VASCONCELLOS

A paixão dos suicidas

Nívia Maria Vasconcellos

A paixão dos suicidas

Fundação Gregório de Mattos
Salvador, 2019

Prefeito

Antonio Carlos Peixoto de Magalhães Neto

Secretário Municipal de Cultura e Turismo

Claudio Tinoco Melo de Oliveira

Presidente da FGM

Fernando Guerreiro

Chefe de Gabinete

Edwin Silva das Neves

Assessora Chefe

Viviane Vergasta Ramos

Assessor Técnico

Plutarco Drummond de Magalhães Neto

Gestor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Eric Ferreira de Castro

Assessora Jurídica

Thais Conceição de Santana

Gerente Administrativo-Financeiro

Gildete Nascimento Ferreira

Diretora de Planejamento e Projetos Culturais

Silvia Maria Russo de Oliveira

Gerente de Promoção Cultural

Felipe Dias Rego

Gerente de Equipamentos Culturais

José Francisco de Assis Santos Silva

Diretora de Patrimônio e Humanidades

Milena Luisa da Silva Tavares

Gerente de Patrimônio Cultural

Magnair Santos Barbosa

Gerente de Bibliotecas e Promoção do Livro e Leitura

Claudijane Pereira Palma

Assessora de Comunicação

Patricia Lins Cerqueira Rocha Barbosa

Copyright © by Fundação Gregório de Mattos
Todos os direitos reservados.

Fazem parte do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano II as seguintes publicações:
Adelice Souza / *Álbum fabuloso* / Conto
Antonio Farias de Oliveira Junior / *O preferido de Exu* / Romance
Carla Bittencourt / *Kanoni* / Literatura Infantil
Gilka Bandeira / *Janelas abertas* / Crônica
Luciana Comin / *Céu de Maracangalha* / Dramaturgia
Marcelo Lima / *O Bicho que Chegou a Feira* / Livre - Adaptação
Marcus Vinícius Rodrigues / *Manual para composição de vitrais* / Poesia
Nívia Maria Vasconcellos / *A paixão dos suicidas* / Livre - Novela

Comissão de Avaliação do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro Ano II
Alana de Oliveira Freitas El Fahl, Carlos Jesus Ribeiro, Cleise Furtado Mendes, Edilene Dias Matos, Gerana Costa Damulakis, Maria Isabel Vianna Telles Velloso, Ordep Serra

Coordenação | Claudijane Palma e Magnair Barbosa
Revisão | Conceição Rodrigues
Capa | Samuca Andrade
Fotografia da capa | Alcione Ferreira
Diagramação | Carolina Valois
Impressão | Gráfica e Editora Liceu

F981p Vasconcellos, Nívia Maria
A paixão dos suicidas / Nívia Maria Vasconcellos; Fundação Gregório de Mattos. – Recife: Editora Liceu, 2019.
163p.

1. Ficção brasileira. I. Título.

CDU 869.0(81)-3
CDD B869.3

PeR – BPE 19-189

ISBN: 978-85-5531-066-9

À leitora primeira, Dayane Sampaio, minha companheira de narrativas,
À minha mãe, dona Loi, que me envolveu no munda da leitura,
À presença constante de meu pai, seu Antonio, que é saudade em meus dias.

"A paixão dos suicidas que se matam sem explicação".

Manuel Bandeira

O lançamento da **Coleção do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano II** é resultado do trabalho da Fundação Gregório de Mattos/ Prefeitura Municipal de Salvador, com as práticas de incentivo e promoção do livro e da leitura. A **Coleção** cumpre o disposto no Decreto Municipal 24.883 de 02 de abril de 2014, que instituiu o Selo, e dispõe que *"incumbe ao poder público garantir a todos o acesso às fontes de cultura, apoiando e incentivando a produção, valorização e difusão das manifestações culturais"*, consoante com o art. 262 da Carta Orgânica Municipal e as diretrizes da Lei 8.551/2014, que instituiu o Sistema Municipal de Cultura.

Esta coleção conta com oito títulos de autores baianos, que experimentam diferentes gêneros literários, passando pelo conto, romance, crônica, poesia, dramaturgia, literatura infantil e adaptação de um livro para a linguagem dos quadrinhos. Os temas variam desde questões pessoais, lendas infantis, racismo, até fatos reais, como na peça teatral *Céu de Maracangalha,* traçando um painel rico e diversificado da nossa produção literária.

João Ubaldo Ribeiro era irreverente, irônico, bem humorado... um contador de "causos" genuíno. Reunia qualidade literária em diversos gêneros e estilos, carisma, simplicidade e popularidade. Em muitos dos seus livros, trazia o contexto social do Brasil passeando pela culturas portuguesa e africana, sem negar suas raízes nordestinas. Eleito para a Cadeira 34 da Academia Brasileira de Letras, João Ubaldo era romancista, contista, cronista e roteirista de renome internacional. Recebeu, dentre outros, os prêmios Jabuti, em 1972, e Camões, em 2008. Seus livros foram traduzidos para várias línguas e adaptados para o cinema, teatro e televisão.

O edital do **Selo Literário**, ao lado dos projetos **Litaratura na Praça**, **Sacola Literária**, e da plataforma virtual **Caminhos Digitais da Leitura**, além da reforma e restruturação das Bibliotecas Edgard Santos e Denise Tavares, visa aproximar cada vez mais o cidadão soteropolitano ao hábito da leitura, essencial para a formação de uma sociedade consciente e participativa.

Quero encerrar agradecendo às colegas Jane Palma e Magnair Barbosa, responsáveis pelo projeto, e à comissão de avaliação, que cuidou da seleção das obras. Boa leitura!

Fernando Guerreiro
Presidente Fundação Gregório de Mattos

Sumário

Capítulo 1 15
Capítulo 2 17
Capítulo 3 21
Capítulo 4 25
Capítulo 5 27
Capítulo 6 31
Capítulo 7 33
Capítulo 8 39
Capítulo 9 43
Capítulo 10 45
Capítulo 11 47
Capítulo 12 49
Capítulo 13 51
Capítulo 14 53
Capítulo 15 55
Capítulo 16 57
Capítulo 17 59
Capítulo 18 61
Capítulo 19 65
Capítulo 20 67
Capítulo 21 69
Capítulo 22 71
Capítulo 23 73
Capítulo 24 77
Capítulo 25 79
Capítulo 26 81
Capítulo 27 85
Capítulo 28 89
Capítulo 29 91

Capítulo 30 95
Capítulo 31 97
Capítulo 32 99
Capítulo 33 101
Capítulo 34 103
Capítulo 35 107
Capítulo 36 115
Capítulo 37 117
Capítulo 38 121
Capítulo 39 123
Capítulo 40 125
Capítulo 41 129
Capítulo 42 131
Capítulo 43 133
Capítulo 44 135
Capítulo 45 137
Capítulo 46 139
Capítulo 47 141
Capítulo 48 143
Capítulo 49 145
Capítulo 50 147
Capítulo 51 149
Capítulo 52 151
Capítulo 53 153
Capítulo 54 155
Capítulo 55 157
Capítulo 56 159
Capítulo 57 161
Capítulo 58 163

Capítulo 1

O caixão já dava a volta. A sepultura estava próxima, uns 4 metros, no máximo. Muitas pessoas acompanhavam o cortejo. Poucas ainda choravam. Com sua obsessão por Bandeira, pela quinta vez repetia mentalmente *Momento no Café*. Ele era o que olhava o *esquife longamente*. Esquife o quê? Disse o quê? Quase balbuciando, pensou para si: ataúde, féretro, tumba, mas na verdade não disse nada. Estou apenas pensando alto. Só isso. Seus passos nem apressavam nem retardavam a comitiva, apenas a acompanhavam dolorosamente. Seu irmão mais velho não o entenderia. Pra que explicar? Aproveitando o campo aberto, que o cemitério lhe representava, pegou mais um cigarro que deixou no canto da boca enquanto anotava algo com sua *Crown* vermelha, inseparável, em sua caderneta improvisada.

Capítulo 2

Alcatrão 8.0, nicotina 0.7, monóxido 8.0. Outro maço terminava com outro ponto final. Era assim sempre. Escrevia por horas e por horas fumava. *Carlton* era a sua marca preferida. Sua fumaça um tanto quanto densa, seus teores moderados e seu aroma bastante acentuado o tomavam por completo. Sabia dessas características e não se furtava a falar para um e para outro que tentavam, religiosamente, tirá-lo do vício. Não só por se preocupar com ele, mas, sobretudo, porque esse conjunto de qualidades era muito desagradável para muitos ao seu redor. Roupas, quarto, escritório, livros, cada canto da casa, por onde passasse ou por onde o vento se incumbisse de levar, impregnado de *Carlton.*

Tentou até atenuantes. Mudou temporariamente pra um tal de *Carlton Crema*. Pensou que seu aroma leve de baunilha, dizia, poderia fazer sua mulher suportá-lo por mais tempo. Mas aquele sabor suave, aquela coisa adocicada que deixava na boca o enjoava. Foi assim também com o *Mint* e seu acentuado sabor de menta, coisa de moleque. Deixava pouco cheiro residual e foi um dos quais sua mulher mais tolerou, mas não dava a *onda* que o *Carlton* original lhe dava. Tentar, tentou. Esforçou-se! Repetia para si. Mas não deu jeito. Se dependesse dele a Souza Cruz não decretaria falência nunca.

Quando o *Carlton* virou *Dunhill,* teve até crise, não reconhecia mais a identidade de seu cigarro predileto. Não adiantava ter um *Blend* melhor tal e blá blá blá, só queria continuar com seu *Carlton.* Se não havia tolerado nem as suas variações, como toleraria outro nome? Como revolta, ou resposta, mudou para o *Malboro: o Malboro Red. Malba*, como ele chamava carinhosamente seu novo companheiro de empreitadas. Não era como o *Carlton* que, furtado do pai, guardava em si suas fumadas escondidas da adolescência. As melhores, sempre repetia. O *Malboro,* definitivamente, mesmo que admitisse ser até melhor, não era aquele

cigarro que ele chamava de seu. Aquela embalagem vermelha e aquele filtro amarelo já denunciavam. Alcatrão 10.0, nicotina 0.8, monóxido 10.0. E outros tantos pontos finais. Viu a mulher e seus rebentos saírem pela porta principal sem nem dizerem até logo.

No início, três primeiros dias no máximo, até gostou daquela sensação. Ao contrário de quando sua mulher viajava, ele até aumentou o número de cigarros/dia. Para piorar a situação, às vezes, mas só às vezes, até traia seu *Malba* com um *Gudang*. Sem se preocupar com maiores consequências. Compôs muito. Essa impressão de liberdade, no entanto, foi se transformando em consciência do abandono. Sabia-se só e se pegava pensando se foi o aroma de tabaco pela casa, a fumaça mais forte, as caixas de cigarro sobre a mesa ou as bitucas que ele muitas vezes descartava displicentemente de tão envolvido que estava com a escrita. O seu hálito, poderia ser. No fundo, ele pensava: o que fez sua mulher lhe dar a cartada final foi a sua saúde e a da família, é claro.

A chapa dos pulmões mostrou um coisa enegrecida nem um pouco boa de se ver. Parecia que ele tinha absorvido cada miligrama da nicotina e suas companheiras. Indiferente a isso, de falta de ar em falta de ar, mais bitucas, caixas, mais fumaça e mais aroma pela casa. E, sempre, mais alguns pontos finais. Incompreensível, óbvio, pensava a sua mulher. Completamente plausível, pensava ele. De desentendimento em desentendimento, iam se afastando centímetros quase imperceptíveis dia após dia.

Ele não percebeu que ela aumentou sua carga de trabalho na clínica. Nem percebeu quando ela passou a deixar as crianças mais na casa da vó ou quando ela aumentou suas viagens a congressos e afins ou ainda quando emendava uma especialização na outra, o mestrado e já se preparava para um doutorado quiçá fora da cidade ou do país. Ele até se orgulhava dela, achava-a estudiosa e guerreira. Mal sabia que tanto estudo e trabalho longe eram também subterfúgios para outra distância. Alguma parte dele, todavia, sentia o corpo de sua mulher ausente na cama, percebia que seu escritório há muito tinha virado seu quarto. Mas ela já me conheceu fumante, cortava sempre qualquer pensamento desabonador.

Na verdade, assim como na juventude fumava escondido da família, sobretudo da mãe, agora tentava parar de fumar escondido. Às vezes, escondido até dele mesmo. Nunca deixava a mulher perceber suas tentativas para que ela não notasse sua derrota. E elas sempre viam. Seria mentira dizer que Conrado não se assustou ao ver o raio X de seu tórax. Ele ficou mais que pasmo. Enquanto jovem, sentia-se imune: algo que lhe faz tão bem não poderia lhe proporcionar tanto mal. Mas, já adulto, sabia que, na vida, sempre se dá exatamente o oposto. Tudo que é bom mata! Mas, quando pensava em tudo o que escreveu, ficava com aquela sensação de que cada pontinho preto nos seus pulmões valia a pena.

Tinha resenhas a escrever. Livros a lançar. Prazos e prazos a cumprir. O cumprimento de um é a concretização de outro. Assim ele ia, de texto em texto, fazendo de *Pneumotorax* o poema da sua vida. Era um dos muitos que sabia de cor. Já estava num tango argentino há muito tempo.

Sua mulher era psicóloga. O que ele mais odiava era percebê-la tentando fazer dele seu paciente. Aproveitava os momentos em que ela tinha que viajar para colóquios, visitar parentes distantes, coisas assim. Nesses momentos, ele tentava se concentrar na vida sem cigarro. Amava Laura, não queria perdê-la. Mesmo ela sendo esse ser assim distante que ela foi se tornando. Esse negócio de fumante passivo o preocupou realmente, não queria que seu prazer trouxesse qualquer problema a seus filhos. Titubeava.

Ficou, certa vez, uma semana inteira *limpo*. Uma semana inteira sem nenhum ponto final. Cada linha que escrevia não tinha fim. Nenhum texto ficou pronto. Até as ideias para iniciá-los não vinham com tanta facilidade. Sem o seu cigarro, ficava escasso de imaginação, como se toda a sua capacidade de fabular estivesse condicionada àquele movimento de mão, em cada tragada.

Gostava do passo a passo da arte de fumar. Para ele, era uma ação quase ritualística. O primeiro cigarro do dia, inclusive, era de fato um ritual. Virava a carteira de cabeça para baixo e batia contra a sua mão. Rasgava parte do papel alumínio. Batia novamente na carteira. Tirava o

primeiro cigarro e o recolocava ao contrário na carteira. Disseram para ele que dava sorte e ele já repetia isso sem nem sentir. Virava e batia no pacote de cigarros para que algum deles saísse mais um pouco e, então, tirava um cigarro com a boca e o deixava de canto. Pegava seu isqueiro *Zippo* predileto, *Iron Eagle Harley Davidson Cromado Street*, recarregado *n* vezes, acendia-o com rapidez. Puxava o ar com naturalidade e força, acendia também rapidamente o cigarro. Dava aquela primeira tragada do dia. Pegava aquele prazer entre seu indicador e o dedo do meio e o conduzia em direção a seu computador, depois do cigarro, seu outro grande companheiro dileto. Isso não limitava nem um pouco a sua digitação, criara uma habilidade incrível de digitar com aquele cigarro entre a primeira e a segunda junta dos dedos de sua mão esquerda. Na realidade, era isso que o permitia escrever.

Quando a mulher disse que ele ia ficar um inútil em cima de uma cama e ela não estaria lá para presenciar isso, ele ficou realmente abatido. Nunca pensara que ela pudesse ser tão cruel. Pensou em Alzheimer. De todas, era a que mais temia. Na alegria e na doença, uma droga! Esse juramento nunca havia soado para ele tão falso quanto naquele momento. Foi depois dessa discussão que ele tentou o cigarro eletrônico. Não gostou dessa simulação da realidade. Essa como suas outras técnicas para parar de fumar deram em irritação, angústia, silêncio, um verdadeiro esvaziamento de sua capacidade criativa e mais nada. Foi assim com o chiclete de nicotina, com o adesivo de nicotina, com aquelas porcarias todas. Ele queria sua esposa e seus filhos. De quebra, queria respirar um pouquinho melhor também, mas não queria parar de fumar. Precisava de seus pontos finais. Queria se esquecer dos ensinamentos de Dona Cecília: *Quem sobe nos ares não fica no chão,/quem fica no chão não sobe nos ares*. Pronto: queria isto e aquilo. Impossível e sempre ficava a um triz da depressão.

Capítulo 3

Conheceu Laura em um dos saraus para o qual foi convidado. Seus olhos brilhavam enquanto ele declamava Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, Gullar, Drummond, Vinícius. O predileto dela era Pessoa; o dele, Bandeira, sem dúvida. Falava com entusiasmo para ela sobre Bandeira. Como todos pensavam que a qualquer momento ele fosse morrer de tuberculose e como ele passou a rasteira em tantos morrendo apenas na velhice: aos 82 anos! gostava de frisar com voz mais afetada. A conquista veio realmente quando fez poemas dedicados a ela. Ela nunca havia se sentido tão importante e amada. Assim como Petrarca, Conrado teria também a sua Laura.

Essa história, assim como suas declamações, agora mais chateava que encantava Laura que nem se lembrava mais do último sarau em que fora e, faz tempo, não se entregava aos deleites de um bom livro de poesia, nem sequer os de seu marido. Ele aborrecia-se com ela por ela ter mudado tanto, e ela com ele por ele continuar o mesmo. Ainda se amavam, mas aquele amar de resquícios. E, de sobra em sobra, os anos foram passando. Nem saberiam dizer quando pararam de dormir juntos. Nem foram avisados ainda disso.

Lembrava-se, vez ou outra, de uma professora de sua graduação, aficionada por Freud, ela contava histórias incríveis de seus pacientes e se posicionava encostada na porta de modo que seu braço direito pudesse ir para fora da sala, colocando o cigarro e sua fumaça no corredor. A vontade que Conrado tinha era de pegar ele também seu *Carlton* e ir ter com ela à porta da sala, os dois lá encostados conversando sobre o inconsciente e tragando como dois bons amigos. Situação inimaginável agora. Não se fazem mais professoras espontâneas como ela. Seu fim foi desconhecido. Quem sabe quando se viu impedida de fumar em plena aula não suportou mais a vida ou está sendo agora ela a paciente mantida sob controle com um coquetel de camomila, erva-cidreira e maracujá. Ou pior, com as *tinas* da vida: *Fluoxetina, Sertralina, Paroxetina,*

entregue à sonolência e à improdutividade. Os olhos dele iam vagando com a fumaça enquanto sentia pena desse fim imaginado. Não queria esse *The end* para ele e, desesperado, toda vez que pensamentos como esse o invadiam, balançava a cabeça num gesto repetitivo que já estava se tornando um cacoete todo seu.

Não bastasse o cigarro, esse seu tique também incomodava Laura. Na verdade, a carreira meio instável dele, seus problemas financeiros, suas brigas com os editores, a forma como não queria lidar com seus leitores, suas recusas às bienais e feiras, suas respostas ranzinzas nas poucas entrevistas que concedia, a sua falta de esforço em ser agradável nos lançamentos, tudo, tudo isso a molestava profundamente. Ainda bem que os prêmios que ganhou o ajudavam a ter um pouco de prestígio no mercado. Desde quando o suplemento de cultura do jornal para o qual trabalhava foi desativado, a condição piorou bastante. Passou a ser *freela* de outros jornais e até escrevia para internet, mas não tinha aquele *feeling* para lidar com a web.

Nada disso Laura falava nas brigas. Apenas culpava o cigarro. Não gostava de vê-lo se matando. Dizia. Se me garantir que quem não fuma vive eternamente paro agora mesmo. Retrucava, mesmo sem ser verdade, meio de gozação, pois mesmo assim ainda preferiria o cigarro. De que adiantava viver eternamente? Viver eternamente deve ser uma maçada. Pensava no seu português arcaico. E balançava a cabeça como quando pensa. Seu pai fumou até quando um carro decidiu interromper seu destino. Sua mãe não o largou antes disso.

Uma semana, duas, e Laura não voltava. Na verdade, embora a euforia de sua liberdade alcançada tivesse passado, ele não fez nada para que ela voltasse. Ligava para seus filhos, procurava saber deles. Nenhum esforço. Apenas escrevia como nunca. Ia enfim cumprir o prazo que seu editor não aguentava mais dilatar. Ganhou até mais dinheiro nesses dias. Comprou alguns presentes para quando todos voltassem. Deixou-os lá guardados.

Dona Carmen, a diarista, era a única visita que recebeu nesses dias de isolamento forçado. Seu Conrado, só falta limpar o escritório, poderia sair? Não, pode deixar o escritório comigo. Mas, Seu Conrado. Pode

deixar, já disse. Para Dona Carmen, era uma luta. Abria todas as portas e janelas à procura de algum ar fresco. Não tinha um cantinho em que ela não colocasse potinhos com vinagre. Até gotas de perfume nas lâmpadas ela colocava. Era um tal de bicarbonato de sódio nos carpetes. Certa vez, descobriu uma vela antitabaco, levou-a. Tinha virado uma *expert* em eliminar esses tipos de odores. Até sexta, seu Conrado. Até. Respondia aliviado com o cigarro entre os dentes.

Quando o advogado chegou na quinta, entendeu que Laura falava sério. Acabou a brincadeira. Não entendia como ela preferia um ex-escritor a um fumante. Ele acabou se transformando mesmo foi em ex-marido. Sentiu aquilo como uma traição. Era tão acostumado a vê-la ali com sua distância ao alcance de seus olhos que a ideia de nem sequer saber onde ela estaria o perturbava. Uma sensação de posse mais que de qualquer outro sentimento tomava conta dele. Sabia até lidar com a sua ida, mas nunca teve que lidar com o seu não-retorno.

Desde a morte inesperada de seu pai, sua vida não passava por um turbilhão desses. Lembrava-se daquela dor. Como ela fez de seus irmãos seus irmãos como nunca haviam sido. Como ela os unia mais do que seus traços em comum e suas memórias de infância. Todos lá sofrendo a mesma ausência, entregues a mesma impotência, contendo a mesma revolta, acometidos pela mesma solidão. Órfãos de pai, ali naquele exato momento, nunca tão sós como naquele aqui e agora, nunca tão ligados. Era essa dor que compartilhavam, mais que o amor ou outras fraternidades, o que os identificava. Seus 30 anos não lhe valiam de nada, mais parecia uma criança acuada sem saber muita coisa da vida. Fumava mais um para esquecer. Vírgulas, travessões e muitos, muitos pontos finais. Seus olhos queimavam.

Ela foi longe demais ou será que ele que não saiu do lugar?

Capíulo 4

O uísque passou a ser um companheiro cada vez mais próximo. Pensava o que sua mulher pensaria disso. Além de um CA no pulmão uma esclerose do fígado. Dava até para ouvi-la falando. Já pediria a sua certidão de óbito sem nem esperar o corpo esfriar. Com certeza. Mal sabia ela o quão agradável era aquela sensação. Estava até feliz. Sorria de canto ao pensar nisso. Olhava para sua estante repleta de livros. Jogava os pés sobre a cadeira. Olhava mais um pouquinho. Fumava, claro. E escrevia como nunca. Era uma felicidade estranha. A saudade que sentia de seus filhos. A saudade que sentia de sua mulher. Era uma saudade dolorosa, porém débil. Não tinha resistência nenhuma diante de um novo texto.

Consensual? Amigável? Era coisa que realmente ela não imaginava. Esperava dele a luta, o desentendimento. Preparou-se para um litígio longo e pungente. Que nada! No fundo, o divórcio era apenas uma forma de fazê-lo lutar por ela. Mas nem isso. Ela não queria assim tão rápido. Foram as crianças, não ele, que retardaram o processo. Dependesse dele sairia no mesmo dia. O casamento termina pelo fim do afeto. Afeto de quem? Basta um cônjuge querer. Na verdade, ali assinando tudo passivamente pensando ser o querer dela e ela assinando tudo passivamente pensando que ele de fato não a queria mais. Nesse caso, quem queria? Divorciados, assim, instantaneamente? Pra que tanta agilidade?

Quando o advogado o visitou, ele apenas abaixou a cabeça. Você pode ser meu advogado também? Conversaram sobre a existência dos filhos. Laura fazia questão da guarda. Permitiu sem hesitar. Não se sentia capaz mesmo de cuidar deles sozinho. Falaram sobre os bens, poucos. O carro era dela. O apartamento era dela. Os livros eram dele. O advogado continuou esclarecendo os procedimentos necessários. Plano de saúde das crianças. Mensalidade da escola. Pensão. Falaram sobre tudo. Ele não sabia muito o que fazer. Nunca se divorciou antes. Pensava que jamais passaria por isso. Falam que divórcios "amigáveis" são menos

desgastantes. Pra quem? Balançava a cabeça incontrolavelmente. A essa altura, Conrado já estava devastado. No fundo, ambos sabiam que tudo aquilo era uma grande precipitação. Cada um, no entanto, aguardava a reação do outro que, há muito, já tinha se transformado em resignação.

O advogado já ia entrando no elevador quando Conrado, disfarçando a voz embargada, à distância quase com um grito: E se uma das partes se arrepender? Pode ser apenas o calor do momento. Um impulso. Não tem uma audiência de conciliação? Não tem mais?! Celeridade processual? *Pas de nullité sans grief*... O quê? A porta do elevador fechou antes que Dr. Herculano pudesse falar novamente. Decidiu respeitar a vontade dela. Sabe aquelas coisas que vão se agigantando? Quem semeia vento, colhe tempestade. Odiava clichês, mas sabia que em algumas circunstâncias eles eram inescapáveis. Já nem sabia como havia chegado àquele ponto. Voltou para o escritório com mais uma ideia na cabeça e acendendo um cigarro antes que ela fugisse.

Capítulo 5

"O quarto rodava. Olhou para o lado, mas não era Laura. Balançava a cabeça meio sem entender. Aquele respirar diferente ferindo seus ouvidos. Sentia-se cansado. Com uma sensação ressecada na boca. Ele tirou sua perna de cima da dela. Cuidadosamente saiu da cama. Olhou-a de longe. Linda. Mãos na cabeça, olhar de que que eu fiz. Pegou o que era seu das roupas que estavam no chão. Olhou de novo a moça como se desejasse que ela fosse Laura. Mas não era. Não sabia onde estava. Tranquilizou-se ao perceber que era uma casa. Quando estava prestes a abrir a porta de saída, entre cobertas, a moça linda, uma ninfa, tão bela com uma voz suave e languida o chamou. Sabia que não podia olhar para trás, mas olhou:

— Desculpe, tenho que ir.

— Fica mais um pouco.

— Tenho mesmo que ir.

— Fica.

— É... não. Não posso mesmo.

— Lembra meu nome? — Entre corado e se sentindo cafajeste que não era.

— Não. Desculpa de novo.

— Beatriz. Você me disse que eu era a verdadeira Beatrice de Dante. — Nesse momento, ele tinha certeza: era o cafajeste que tentava não ser ou não se percebia sendo.

— Desculpa novamente. Estava bêbado.

— Eu conheço você.

— Me conhece? De onde?

— Leio seus textos. Acompanho cada um. Olha ali na estante. Terceira prateleira. Tem seus livros lá. Poesia e contos. — Ele se sentiu um pouco vaidoso, não podia negar.

— Beatriz, Beatriz, né?

— É.

— Pois bem, Beatriz, obrigada por ler minhas mal traçadas linhas. E... desculpe mesmo. Tenho que ir.

Como que o segurando pela voz:

— Conrado!
— Oi.
— Vou continuar lendo você. Faz um texto pra mim?
— Talvez, quem sabe. Nem sei se voltarei a escrever de novo.
— Toma.
— O que é isso?
— Meu número.
— Me liga.
— Estamos em qual bairro mesmo?
— Graça.
— Conrado! Eu lhe deixo em casa.
— Não. Não precisa, Beatriz.
— Bia!
— Ok, não precisa, Bia.

Andava pela calçada, tomado pelos *flashs* da noite que iam invadindo a sua lembrança. O bar. A dança. O papo. O som alto. Cigarros. Muito uísque. Estava cansado.

— Pituba, por favor. Rua... — assim que desceu do táxi, percebeu outro autoengano: não era mais dele aquele endereço. Ficou ali parado em frente ao prédio. Olhava debilitado aquele ambiente que agora lhe era interdição. Tinha que se evadir dali. Ela não podia vê-lo com trajes de ontem, cara de ressaca etc. Andou algumas quadras até o quarto e sala que havia alugado. Um quarteirão depois já estava, sem perceber, na praia, absorto, olhando o mar e a sua inquietude.

Só pelas 9h da manhã se deu conta de que Laura nem estava na

cidade e de que não tinha, desde sei lá que horas, colocado um único cigarro na boca. Tinha que voltar pra casa. Tinha que dormir direito. Comer algo. Beber água. Sentia-se tão ridículo. Já com o seu *Malba,* olhava o cartão com e-mail, número e afins. Beatriz Spina. Jornalista. Deve ser recém-formada, pensou irônico.

Só depois de refeito, deu-se conta da falta de seu celular. Recusou mil vezes a ideia de ligar para Beatriz, Bia! pra perguntar se estaria por lá e tal. Não queria um segundo contato. Resistiu. Mas e se Laura ligar para ele e ela atender. Tinha que resgatar o celular o quanto antes.

— Sabia que iria me ligar.

— Como sabe que sou eu.

— Intuí.

— Certo. Primeiro queria reiterar minha desculpas.

— Deixa eu ver se adivinho o segundo motivo: queria saber se seu celular ficou na minha casa?

— Isso. Ficou, né?

— Estava lá na realidade, agora está aqui na minha bolsa. Descarregado.

— Ufa! — Deixou escapulir.

— Por que tanto alívio?

— É que sou, não sou, mas... ahhh é outra história. Posso reaver meu celular?

— Claro, não sou sequestradora de celulares. Posso levá-lo até você.

— Não não não. Eu tenho um amigo aí na Graça. Ele pega pra mim. Pode ser?

— Não!

— Não?

— Não!

— Mas... por que não?

— Seu celular está comigo e eu não estou na Graça. Eu trabalho sabia?

— Ok ok não se irrite comigo.

— Por que me irritaria? Porque você está deixando claro que não

quer me ver nem pintada de ouro?

— Quê?

— Me irritar com isso... Só não jogo esse telefone fora porque você nem deve ter dinheiro pra comprar outro. — Voz languida que nada, sua voz cresceu e tomou conta de todo o telefone. O que poderia fazer para se sentir menos lixo do que naquele momento?

— Bia...

— Sou Beatriz, por favor!

— Ok Ok, Beatriz! pode jogar o celular no lixo, assim você se vinga de mim e eu me sinto punido por ter sido tão pilantra com você.

— Sabe qual é seu problema, poeta? Gosto do que escreve, gostei de conhecê-lo, podíamos até ser amigos, mas você só pensa que quero transar com você de novo. Como se nós tivéssemos transado alguma vez na vida.

— Não transamos? Por favor, mais tarde, pego o celular, me deixa te pagar um café. — Não havia mais ninguém na linha."

Capítulo 6

Pegou-se escrevendo essa história. Releu-a muitas vezes. Gostou. Não gostou. Gostou de novo. Desistiu dela. Tragou seu *Malba* com muita força. Não era acostumado a escrever assim. Sem máscaras. Mais um arquivo para a lixeira? E se substituísse os nomes? Conrado seria Paulo, Pedro, João, Ricardo. Beatriz seria Roberta, Fernanda, Fabíola, Catarina. Sei lá. Todas tentativas negadas. Lembrou-se de que já tinha dois outros contos com personagens chamadas Beatriz. Seria uma obsessão inconsciente? Não... vai ver era apenas a música do Chico tomando conta de suas lembranças. *Para sempre é sempre por um triz*. Adorava em especial esse verso. Manteve o nome Beatriz. Ficou dias dedicando-se a essa nova empreitada que provisoriamente foi nomeado como "Conto novo 2017". Escrevia e lembrava como Beatriz, Bia, entrou em sua vida.

Ela era linda, mas não era Laura. Àquela altura, quem era mesmo Laura? Atrapalhou-se com os prazos. O conto interrompeu suas resenhas e artigos. Fumava tanto quanto antes, mas produzia menos. Seu conto, quase uma novela já, não alcançava um ponto final.

Via os filhos a cada quinze dias. A ex-mulher uma por mês, no máximo. Engatou o Doutorado em São Paulo, voltava de três em três meses e algumas fugas rápidas nos finais de semana, quando dava. Deixou os filhos com a mãe. Dona Sônia até gostava de Conrado. Adorava suas histórias de poetas e romancistas. Gostava também de vê-lo declamar. Gostava de ver sua foto vez ou outra nos jornais. Por extensão, se achava importante. Queria escrever quando mais nova. Meio que se realizava nele. O filho que não tive. Ele também a amava. Mas era aquele amor de Conrado. Atravessado e esquivo. As crianças se adaptaram rápido à situação. Gostavam do pai brincalhão quando perto, mas o achavam na maioria das vezes longe, lá trancado no escritório, fechando-se naquele mundo que ia criando. Morar em casas diferentes fez até com que eles se vissem mais. Adoravam a per-

missividade da avó e a falta de pulso do pai. Só odiavam a ausência cada vez maior da mãe. Tetê era mais velha. Zinho era seu brinquedo predileto. A TV, e não os livros, preenchia seus dias. Controlava-se ao máximo quando tinha que jogar videogame com aquela história matutando em sua cabeça.

Marília, colocaria o nome Marília e assim falaria que era a musa de Tomaz Antonio Gonzaga. Teve esse *insight* em pleno *Fifa 2015*, que nunca se permitia perder mesmo que para seu filho de 6 anos. Tetê vem aqui rapidinho, joga com seu irmão. Papai vai anotar uma ideia aqui que veio na cabeça. Sabia que se deixasse pra lá, a ideia se perderia para sempre no limbo que era a sua imaginação. Beatriz agora seria Marília. Pronto.

Pegou rapidamente a sua *Crown,* o caderninho surrado e foi confabulando, indiferente ao filho que insistia em dizer que sua irmã não valia, que queria jogar com o pai. Tetê já entendia a importância disso mesmo sem aceitar. Zinho? Não. Zinho tinha tão pouco o pai que quando estava com ele queria explorar cada momento. Preferia que o pai não escrevesse nada. De preferência, nunca. Cruzou os braços enquanto o pai na varanda, soltando fumaça pra fora do ap., rabiscava algo. Tinha ciúmes de ver o pai mais empolgado lá escrevendo do que enquanto jogava com ele. Foi para o quarto. Bateu a porta. Assim, forte. Bem forte. Tinha que chamar atenção de alguma forma. Não adiantou. O pai lá absorto em suas anotações. O menino chorando no quarto. Tetê achando aquilo tudo muito enfadonho. Precisava chegar Dona Sônia para pôr ordem naquilo tudo.

Capítulo 7

"— Estava aqui esperando seu expediente acabar, Marília.

— Realmente não esperava por isso.

— Liguei para cá, me informei.

— Não sei por que se deu ao trabalho.

— O meu celular...

— Está na recepção como lhe informei, nem precisava me ver.

— Precisava pedir desculpas, mil desculpas, de novo e de novo. E agradecer, é claro.

— Não precisa nem uma coisa nem outra. De qualquer forma, sinta-se desculpado e por nada.

— Só isso.

— Dia puxado aqui.

— Pode ser só isso ou pode ser isso e mais um café aqui mesmo embaixo. Que me diz?

— Digo não.

— Um café e 20 minutos e a deixo ir sem mais delongas.

— Delongas? Você é mesmo estranho.

— Isso é um sim ou um não? Pago a conta.

— Vou pedir o café mais caro.

— Peça o que quiser. — Riram.

Marília, antes mesmo de se sentar no Cafétéria, disparou:

— E Laura?

— Ahh?

— Laura, sua esposa.

— Ex, ex-mulher.

— Ok ok e Laura, sua ex-mulher?

— Que tem ela? Falei dela?

— A noite inteira sem parar.

— Desculpe.

Marília reagiu em tom mais alto:

— Para como essa mania de ficar me pedindo desculpas. Sou uma leitora sua que, ao reconhecer você, se aproximou de você em um bar, fomos pra uma festa, conversamos muito e só isso. Agora você está aí em minha frente, procurando não sei o quê e me pedindo desculpas cada vez que respira. Vamos parar isso por aqui?

— Conversamos e só? Só?!

— Isso mesmo. Deve estar mesmo confuso. Cachaça faz isso, sabia? Você pensou que não se lembrar de nossa transa era amnésia alcoólica, não foi?

— Por aí... mas as evidências.

— Evidências enganam. Um homem e uma mulher no mesmo quarto de cueca, calcinha e sutiã com as roupas pelo chão... rimos muito. Nos divertimos muito. Você tava muito mal de cigarro, cachaça, então chamei você pra ir pra minha casa.

— Você fumava também. Isso eu lembro.

— Sim, fumei bastante, fumo bastante, bebi também. Não sou muito acostumada a beber, muito menos quando estou dirigindo e menos ainda quando estou com um estranho. Mas nessa noite bebi, bebi muito, bebi demais. Li tanto o que escreve, que lá no fundo não sentia você um estranho. Era como se eu já o conhecesse, Conrado.

— Como se fossemos... Namorados?

— Não, Conrado. Eu ia falar amigos de longa data.

— Caramba. Ok ok. — Conrado balançava a cabeça tentando disfarçar o seu tique. — Mas me diga. Fomos para sua casa e...

— E nada. Ou melhor quase nada. Coloquei você no sofá e fui dormir. Tirei minhas roupas e deitei morta de sono. Você entrou no quarto tirou a roupa, quando percebi já estava vindo em minha direção. Você veio para me dar um beijo, eu impedi você de continuar. Você me abraçou e largou um: tava com tanta saudade de você, Laura."

D. Sônia entrou sem entender a situação. Conrado na varanda, cabeça baixa, cuspindo fumaça feito uma chaminé. Tetê em frente a um vídeo game inútil. Um choro vindo do quarto de Zinho. Todos espalhados em cada um dos cantos do ap. que, depois de tirarem a estante da sala com aqueles livros todos, parecia ser muito mais espaçoso. Conrado... Conrado! Absorto não queria se desligar do que fazia. Tenho que mudar todos os nomes. Todos. O quê? Disse o quê, Conrado? Os nomes, Sônia. Nomes de quem, menino? Seu filho está chorando, não está ouvindo? O que fez? Chorando... coisa de moleque pequeno. Veio para ficar com seus filhos ou apenas para fazer dessa varanda a extensão de seu escritório? Ok ok paro já já. Já já não, meu filho. Pare agora. Adoro suas histórias, mas prefiro a felicidade de meus netos. Zinho, filho. Vem, papai já acabou as anotações. Deixo você ganhar a próxima. Não teve conversa. Zinho só saiu direto para o colo da vó. Tetê, balançando a cabeça de reprovação, deixou claro que também não queria conversa. Só restou a D. Sônia dispensá-lo. Desculpe, meu filho. Da próxima vez venha apenas para ficar com seus filhos. É quê... Seus filhos, Conrado. Os reais. Seus filhos.

Se por um lado se sentiu o pior pai do mundo, por outro se sentiu aliviado. Não teria que ficar até a noite com aquela ideia matutando na mente e com a *Crown* coçando no bolso sem poder pegá-la. O elevador desceu vagarosamente. Queria acender logo outro cigarro, já estava com um na mão. Antes mesmo de alcançar à calçada, o acendeu. Decidiu ir para casa pela orla. Quatro quadras depois, já estava no seu quarto e sala.

"— Quer dizer que eu falei ~~Ofélia~~ logo após o beijo?"

Riscou o nome. Ofélia, não. Que me desculpe o Pessoa, o Shakespeare, mas não era um nome muito sonoro. Riscava o nome enquanto pensava em outro. Dulcineia? Não. Eurídice? Não. Helena. Não. Eugênia? Não. Matilde... Nem os *Cem sonetos de amor* fizeram esse nome menos personagem de novela mexicana. Difícil a escolha de outro nome para Laura. Laura era um nome tão lindo. Decidiria o nome depois.

"— Quer dizer que eu falei XXXXX logo após o beijo?

— Beijo não. Não houve beijo... depois do abraço. A-bra-ço. Ouviu?

— Ok ok. E aí?

— Aí rimos, rimos muito e caímos de sono e cachaça. Assim que tirou a perna de cima da minha, eu acordei. Continuei lá como se tivesse dormindo para ver o que iria fazer. Quando percebi que ia embora sem nem tomar um café. Me embrulhei naquelas cobertas, corri até a porta do quarto e chamei seu nome."

Nesse momento, ele percebeu que se não podia chamar Beatriz de Beatriz nem Laura de Laura como se chamaria Conrado mesmo? Teria que encontrar outro nome, mais um.

"— Cheguei a insistir que você ficasse mais um pouco, mas preferiu sair sem nem deixar eu explicar o que tinha acontecido mesmo. Voltei para a cama pra dormir mais um pouco, aí que percebi seu celular. Fiz até menção de correr atrás de você, mas estava de calcinha e sutiã, até que vestisse a roupa, não estaria mais a meu alcance.

— Entendo.

— Como lhe dei meu cartão, já sabia que a primeira coisa que faria ao se dar conta da falta do celular, seria me ligar.

— E foi o que eu fiz.

— Isso. O que fez. Mas como um canalha pensou que eu escondi seu celular ou coisa parecida só para que pudesse ter outra noite de orgasmos múltiplos como a que pensou que tivemos.

XXXXXXX baixou a cabeça. Envergonhado. Não sabia onde enfiar a cara. Seu tique veio forte. Ela riu. Achou-se má. Muito má. Pronto. Estava vingada ali naquele momento.

— Desculpa.

— Ahh, para, para de ficar pedindo desculpa, agora eu que te sacaneei. Me desculpa. Estou fazendo quase um bullying contigo e agora, na verdade, você só está querendo ser gentil.

— Marília, não sei o que dizer.

Ela riu mais intensamente e tanto que acabou contagiando XXXXXXX. Fazia tempo que ele não se pegava rindo daquela forma. Era uma mistura de vergonha com alegria,"

O telefone tocou. Poxa, agora não. Tocou insistentemente. Olhou pelo visor para ver quem era. Era Laura. Sentiu medo de atender como se sente medo da bronca que uma mãe vai dar depois de aprontar alguma. Mas não podia resistir a ouvi-la. Alô. Oi. Sabe por que estou te lingando, né? Zinho... É, ele ligou chorando pra mim. Disse que você... Foi. Conrado, é seu filho. Você só está com ele duas vezes a cada quinze dias. Eu sei. Foi a primeira vez. Não foi a primeira vez. "ele se pegou mais uma vez achando Marília linda". Conrado! Ainda está aí? Oi, tô. Eu estava falando ainda, não notou? Notei sim. Pode repetir? É que... Conrado. Ok ok. Odeio esse seu "ok ok". Laura, Laura... olhou o telefone por alguns minutos. Colocou de volta na mesa. Precisava se reconcentrar. Falar com Laura nunca era fácil para ele. Esperou um pouco a lembrança da ligação se atenuar para acender o próximo cigarro. Estava com um L.A, cigarro de menininha, como costuma dizer. Mas agora era o cigarro de Beatriz.

Capítulo 8

"Lídia foi o assunto preferencial dos próximos encontros de Marília e Ricardo. Pelo menos preferencial para ele. Marília já estava um pouco enfadada, mas entendia a necessidade do amigo. Os dois fumavam e trocavam ideias durante horas. Ela não se importava com os momentos em que Ricardo puxava a sua *Crown* e seu caderninho de anotações para copiar mais uma ideia instantânea. Ela mesma dava pitacos. Conversavam sobre os livros que Ricardo tinha que resenhar. Ela adorava vê-lo aceitando suas interferências, sentia-se parte daquilo tudo. Mas de seu conto, ele não revelava para ela a história, apenas algumas frases soltas. Uma ideia superficial da trama."

Escrevia e escrevia. Conrado encontrava em Beatriz a Laura dos seus 20 anos. Encantada com cada descoberta linguística, cada poema improvisado, cada recital dedicado, cada textinho publicado, empolgada por ele, admiradora dele e de suas conquistas literárias. Beatriz era a Laura de ontem. Pegou-se pensando nisso algumas vezes. Beatriz, de alguma forma, estava fazendo com que ele voltasse a saber como ser suave. A literatura que há muito tinha virado uma obrigação com prazos a cumprir e contas a pagar se tornava novamente a sua grande aventura.

Não via Laura há semanas. Teve que aprender a lidar com o seu não-retorno na marra. Mas era a foto dela que ainda estava no seu protetor de tela. Foi buscá-la no aeroporto. A situação foi um pouco constrangedora. Cansada, teve ainda que esperá-lo por quase uma hora. Culpou o trânsito. Culpou os semáforos. Culpou o carro dela. Mas ela só se satisfaria mesmo se ele culpasse a si mesmo, o que demorou de fazer. Sua mãe me pediu para buscá-la em cima da hora. A gota d'água foi culpar a mãe dela. Conrado! Um dia de antecedência é em cima da hora? Que custa admitir que esqueceu? Pior é que Conrado não tinha esquecido. A ansiedade pelo reencontro depois de tanto tempo o fez titubear algumas vezes. Pensou em várias desculpas. Dirigiu devagar pensando em

desistir. Quase fala "eu te pago um táxi". Foi não indo e acabou saindo num horário que realmente nem semáforos nem o trânsito auxiliaram, mas, na verdade, não tiveram culpa, a não ser sua covardia. Balançava a cabeça. Desculpa, tá? Tive culpa, mas não foi intencional. Sei que está cansada. Laura sentiu uma sinceridade tão grande que decidiu dar trégua. O celular dele tocou insistentemente. Com medo de ela perceber a proteção de tela, ele cuidou de pegar rápido o telefone, impedir o acesso dela ao aparelho. Laura olhou para Conrado com tanta raiva que disfarçava o ciúme e pensou o pior possível. Tinha certeza de que ele queria impedi-la de ver quem era seu novo romance, sua nova musa... Foram para o ap. em silêncio. Evitavam até se olhar. Um não sabia mais o que falar como o outro. Como pode tanta intimidade acabar assim?

Conrado colocou o carro na garagem do condomínio. Não precisa, Conrado. Deixa o carro fora mesmo. Eu levo você pra sua casa. Não precisa, vou andando. Vai fumando, você quer dizer. Ele olhou pra ela com olhar baixo de reprovação. Você costumava andar por aí fumando comigo. É... costumava. Eu vou subir pra ver Zinho e Tetê. Não... estou cansada. Vem almoçar aqui amanhã. Tanto tempo sem vê-los quero curti-los. Sem mim por perto, né? A escolha foi sua. Minha? Quem mandou aquele advogado lá, aqui, sei lá, quem pediu divórcio? Quem não tentou impedi-lo? Eu tinha que impedi-lo? Um olhou para o outro como quem tem muito a dizer, mas ambos continuaram calados. A respiração dos dois era forte, porém estava sobre forte controle. Ela percebeu que ele estava um pouco diferente. Um tanto mais cuidadoso, um tanto mais leve. Ele percebeu que ela estava mais linda do que nunca, mas não a percebeu feliz. Acho melhor você ir. Ajudo você com as malas. Já disse que não precisa subir. Deixo no elevador. Ok ok. Esse ok ok é meu e você odeia. Seus vícios contaminam, Conrado. Ok ok... indo embora. Hey! Diga, senhorita. Como quem pede trégua. Cuidado. Quando ouviu isso dela foi tomado por uma alegria tão grande. Sentiu-se amado um pouquinho. Ela ainda se preocupa comigo. Não quero que meus filhos fiquem órfãos de pai. Ahhh, é isso? Ok ok... pode deixar. Você sempre com esse poder de me deixar pra baixo. Tá, agora sou eu quem te pede desculpas. Desculpa... Conrado se aproximou dela.

Há meses não havia chegado tão perto. Foi em direção a seu rosto. Ela, atônita sem saber direito o que ele iria fazer. Sem saber direito o que queria que ele fizesse. Só ficou ali. Ali parada com um desejo que nem ela sabia que ainda tinha. À medida que ele se aproximava, ela fechava os olhos. Deu-lhe um beijo na testa e saiu acendendo, por incrível que pareça, o primeiro cigarro da noite.

Capítulo 9

"Beijei a tua testa e saí... saí com tua testa em meus lábios e o gosto de teu suor me acompanhou ainda por mais tempo, fez-me prisioneiro dessa lembrança recente que tornava aquele beijo ainda presente, muito presente, como se te beijasse agora e a cada instante: minha boca na tua testa, teu suor, teu cheiro... Desci do ônibus, outros odores ameaçavam a minha memória, mas resisti: fechei os olhos e meu olfato me fez mais uma vez perceber a tua presença. Outros passavam por mim, cheiros e pessoas, mas em meus lábios, neles, ainda estava a tua testa... o suor dela, o seu aroma. Andava pela calçada apenas pensando em voltar... a testa é muito pouco. Não dava... só me deste a testa: respeito que eu não queria ter, e tive. Beijava-a, com o olhar levemente cerrado, como quem beija a mais saborosa boca. Não olhei para trás, não sei se acompanhavas meus passos cada vez mais distantes. E se quisesses... mais. Não olhei para trás, não sei se teu olhar me seguia. Mas, eu, mesmo me apartando de teu corpo, acompanhava os teus passos, imaginava-os, e tu ias comigo. Presa em meus lábios. Presa em meu nariz. Completamente presa em meus olhos. E eu preso também... cativo desta doce lembrança..."

Capítulo 10

E aí, o que achou? Beatriz, embasbacada, achou lindo demais. Lá no fundo sentiu um ciúme estranho. Estou vendo pela sua cara que não gostou. Não, não é isso. Gostei. Gostei muito até. É quê... É que o quê, fala. Beijou a testa de Laura? É pra Laura esse textinho? Não, não é pra Laura. Um site me pediu um texto até sexta. Ontem assim que cheguei a minha casa fiz esse. Tem nada a ver comigo e com Laura. Tem certeza? Tenho, ora, não sou escritor de autobiografias. Hey, não quero falar sobre Laura, tá bom? Liguei para você ontem. Por que não atendeu? Estava dirigindo. Dirigindo? Sim, quem não tem carro pode dirigir também... Riu de sua própria ironia. Você esteve com a Laura ontem. Disse que ela chegaria ontem. Estive, mas pera aí... Então? Quê? Você por um acaso está fazendo um interrogatório? Eu? Eu não. Pareceu. Estive com Laura e dei um beijo na testa dela, e aí? É, acho que você está certo. Vamos parar de falar sobre Laura. Ótimo. Nosso café está esfriando. Acho que nem quero mais café. Beatriz levantou meio confusa, pegando-se sentindo o que sentiu, inventou na hora uma atividade do emprego. Conrado estranhou, mas achou melhor não investigar a real razão. Ok Ok já que tem que ir. Me devolve o textinho. Ah, toma. Ele está lindo mesmo. Obrigado. Depois lê lá no site para me dar mais audiência. Pode deixar, poeta... leio, curto, compartilho e comento. A risada final selou a paz de novo entre os dois.

As conversas com Bia eram tão inspiradoras que Conrado sempre voltava com mais histórias. Só lá pelas 16h é que lembrou que Laura o convidou para almoçar. Era tão certo almoçar com Bia às quartas-feiras e depois irem ao *Cafétéria*, era tão improvável almoçar em sua ex-casa, com sua ex-mulher. Sentiu-se o pior dos homens. Pensou que esse esquecimento no fundo foi inconsciente, mas necessário. Precisava se preservar. Laura ainda lhe causava muitos danos. Lá estava ele de novo sem saber o que fazer e sem cara para um novo pedido

de desculpas. Uma mensagem no telefone já tirava dele esse dever: "(Laura) ñ prcsa ligar ja sei q a culpa n foi sua". O tom da mensagem foi tão sarcástico que Conrado preferiu evitar maiores contatos. Entregou-se ao trabalho.

Capítulo 11

"Falência
Por Conrado Fischer

Chegou sem jeito. Não sabia se olhava para baixo ou para os lados. Tinha um modo de ser meio assim... cabreiro. As circunstâncias apenas intensificavam sua timidez que se assemelhava a um constrangimento frequente como se a qualquer momento alguém fosse atingi-la com uma palavra ou um gesto. Andava como quem se defende. Protegia-se. Sentou-se à mesa ainda com olhar baixo. Falou:

— Boa noite.

A voz já baixa tornou-se inaudível diante do som um pouco mais do que ambiente que ocupava o espaço e atingia os bares vizinhos. Sua beleza se concentrava no sorriso, não raro apesar de sua introversão. Pessoas são dessa forma mesmo sempre afeitas a paradoxos. Depois de ela insistir um tanto, o garçom, finalmente, trouxe seu pedido: uma cerveja "mofada". O de comer pediria depois quando chegasse quem esperava. O primeiro gole desceu leve e confortante, até baixou um pouco a guarda. No segundo gole, já se sentia mais segura. A música que tocava já não lhe parecia um barulho ensurdecedor. Mas os minutos que passavam faziam o relógio tornar-se o objeto mais importante da noite. Olhava-o pelo menos a cada três minutos e espiava perifericamente as pessoas que chegavam e iam se achando pelo bar. A cerveja começava a não ser tão leve, quente inclusive. Voltar a sua casa era uma possibilidade já cogitada. Até que avistou um cabelo familiar. Respirou fundo. Abandonou uma porção de salgados que pedira há certo tempo. Já frios, não mais apresentavam um aspecto agradável. Eram tantos ali. Muitos altos papos. Alguns gritos. Mesas diversas com gentes diversas ali por objetivos diversos. O tempo de espera já transformava ansiedade em irritação. Nada a irritava

mais, entretanto, que os engraçadinhos se oferecendo para lhe fazer companhia. A confirmação da chegada de Ricardo a fez soltar um suspiro de alívio. A chateação se abrandara de forma instantânea e, apesar de ainda martelar fundo, não era mais tão explícita.

— Demorou.

— Demorei? — Olhou o relógio (silêncio).

— Péssimos esses bolinhos de bacalhau, hein?

— Esfriaram. — Falou com tom notavelmente forte.

— Olha pra mim... — Levantou a sobrancelha antes de erguer o rosto.

— Por que demorou?

— Trabalho, trânsito. Tô aqui, não tô?

— Sim... — nunca uma palavra tão pequena carregara tanta dúvida.

— Desculpa.

— Tá bom, fiquei surpresa com seu convite, não me convida para sair no meio da semana assim faz tempo.

— É... — Ele olhava para todos os lados, parecia não conseguir encará-la. Sabia que sua observação era muito mais que uma cobrança.

— Rick, na verdade faz tempo não saímos.

— É... — Ela erguia o rosto aos poucos, não por uma firmeza de existir, mas por necessidade de olhá-lo, de sentir o que dizia, de lhe perceber as feições.

— Amigo, uma cerveja, por favor. — Tomou o primeiro copo com um só gole. Não por calor nem por sede, mas por uma necessidade de molhar as palavras que tinha que dizer. Naquele momento, mais pareciam estranhos.

— Agora que tomou a cerveja toda, pode me falar alguma coisa...

— Calma, amor... calor grande aqui, né?

— É...

— Você reclamou que não mais saíamos. — Eles, quanto mais se conheciam, mais pareciam estranhos. Ele olhava a ela tentando achar a beleza que o encantou. Ela olhava para ele tentando encontrar o seu desejo. Nessa procura, seus olhos se encontravam e fugiam e as palavras, que já foram fartas, tornavam-se mais e mais escassas."

Capítulo 12

Como de costume, leu o que escreveu mais de mil vezes. Sentiu necessidade de mostrar para alguém antes de mandar para o site. Outra sexta-feira se aproximava. Publicar seus textos era a parte mais angustiante para ele. Era uma angústia estar dando uma forma definitiva para algo que ele pensava que podia ainda ser mais trabalhado. A reação inesperada dos leitores também o afligia. Preferia não pensar neles. Mas confessa que gostava quando um texto seu era bem curtido e comentado. Apesar de não ficar sempre consultando esses resultados, seu editor mandava para ele uma análise semanal que, às vezes, ele abria. Mas só às vezes. Não queria enviá-lo para Bia. Ela estava começando a achar a proximidade dos dois singular demais. Começou a ficar um pouco esquiva. Primeiro, desmarcou seu já tradicional encontro das quartas-feiras. Depois, demorava a responder seus whats. Imagina um e-mail. Pegou-se algumas vezes pensando nisso mais que em Laura. Seu *Malba* no canto da boca, seu tique em alerta. Ok ok, vamos lá. Sentia que precisava dar um tratamento estético àquilo tudo, tinha que metabolizar os acontecimentos.

"— E aí, o que achou? — Marília, embasbacada, achou lindo demais. Lá no fundo sentiu um ciúme estranho.

— Estou vendo pela sua cara que não gostou.

— Não, não é isso. Gostei. Gostei muito até. É que...

— É que o quê? Fala.

— Beijou a testa de Lídia?"

Ao escrever esse trecho, Conrado sentiu que não havia feito uma boa escolha do nome de suas personagens: Lídia, Marília, Ricardo, pareceu uma tríade árcade. Trocaria pelo menos um. Dessa vez, a escolha foi mais fácil, lembrou-se de Machado.

"— É pra Carolina esse textinho?

— Não, não é pra Carolina. Um site me pediu um texto até sexta. Ontem, assim que cheguei em casa fiz esse. Tem nada a ver comigo e com Carolina.

— Tem certeza?

— Tenho, ora, não sou escritor de autobiografias. Hey, não quero falar sobre Carolina, tá bom?

— Liguei para você ontem. Por que não atendeu?

— Estava dirigindo.

— Dirigindo? Sim, quem não tem carro pode dirigir também... — Riu da sua própria ironia. — Você esteve com a Carolina ontem. Disse que ela chegaria ontem.

— Estive, mas pera aí... Então? Quê? Você por um acaso está fazendo um interrogatório?

— Eu? Eu não.

— Pareceu. Estive com Carolina e dei um beijo na testa dela, e aí?

— É, acho que você está certo. Vamos parar de falar dela.

— Ótimo. Nosso café está esfriando.

— Acho que nem quero mais café. — Marília levantou meio confusa, pegando-se sentindo o que sentiu, inventou na hora uma atividade do emprego. Ricardo estranhou, mas achou melhor não investigar a real razão.

— Ok Ok já que tem que ir. Me devolve o textinho.

— Ah, toma. Ele está lindo mesmo.

— Obrigado. Depois lê lá no site para me dar mais audiência.

— Pode deixar, poeta... leio, curto, compartilho e comento. — A risada final selou a paz de novo entre os dois."

É... não mandaria para Beatriz *Falência*, não mandaria mais para ela nada que se referisse a Laura ou a ela mesma.

Capítulo 13

Silvio leu uma, duas, três vezes. Achou *Falência* um bom texto. Mas achava que Conrado deveria experimentar mais, arriscar-se mais. Respondeu a Conrado com uma análise completa mais uma reclamação sobre a sua ausência e um P.S. O isolamento de Conrado tinha o afastado de seus melhores amigos. Mais que isso, de seus principais interlocutores. Seus leitores de cabeceira, como os chamava. Silvio era um deles. Seguiu a carreira acadêmica que Conrado desistiu. Os dois sempre se uniram por seu amor ao cigarro. Eram até de clubes de fumo, faziam coleções acerca do assunto e trocavam impressões de suas experiências com o narguilé, charuto, cachimbo, fumo de corda etc. Um era mais ou menos o que o outro queria ser. Conrado via na carreira acadêmica de Silvio uma possibilidade de se firmar, de ser levado a sério enquanto Silvio via na carreira literária de Conrado uma maneira de deixar um nome. Imortalidade subjetiva, ele dizia. Sim, compartilhavam o mesmo gosto pela literatura. Discordavam bastante. O reacionário e o moderninho. Vez ou outra mudavam de postura. No final, tudo terminava em poesia mesmo. E de todos os tipos. Dos galanteios medievais aos antilíricos modernos, com eles sempre havia poemas à mão cheia.

Uma felicidade tomou conta de Conrado ao ver que mesmo depois de tanto tempo, Silvio foi tão receptivo diante de seu contato inesperado. Não poderia dizer "não" ao pedido do amigo: iria ao sarau da próxima quinta. Prometeu para si mesmo que não ia dar uma de declamador, se conteria. De tanto ouvir reclamações de Laura, já estava se achando um chato e tendo a impressão de que todos pensavam como ela e o ouviam por educação ou renúncia.

Respondeu o e-mail de Silvio com urgência e alegria. Mandou seu novo endereço. Antes mesmo do sarau, marcaram de se ver. Vamos ao *Cafétéria*, fica num prédio... Não, lá não. Havia uma semana que Bia desmarcou o encontro de quarta, Conrado não queria passar pelo constrangimento de impor a sua presença. É certo que ele queria vê-la. Uma

saudade, ainda de fácil digestão, começava a surgir. Mas lá é ótimo. Conheço o café de lá. Realmente, é muito bom. Mas vamos a outro local. Vamos ao café da livraria. Já que insiste. Café da livraria às 17h. Fechado? Fechado. Antes que desligue, João queria fazer uma entrevista contigo. Pode ser? Conversamos lá. Certo? Certo. Até. Tchau.

Capítulo 14

Laura ainda estava em Salvador. O recesso do doutorado permitiu que ela estendesse a viagem um pouco. Era bom estar em casa. Era bom estar com os filhos. Mas ela tinha inveja daquelas mulheres que, quando se separavam, revigoravam, ganhavam um novo viço. Pareciam ressuscitar. Ela não. Ela era lá a mesma, só que com outro estado civil. Achava horrível a palavra: divorciada. Decidiu continuar com o sobrenome de Conrado. Ela adorava aquele Fischer. Laura Fischer. Psicóloga. Voltar para o Santos de sua mãe ou o Silva de seu pai, nem pensar. Na verdade, já tinha até desligado o sobrenome de seu dono. Era como se ela sempre fosse Fischer independente de nome de casada. Dez anos depois, já se reconhecia assim.

Todo dia em algum momento, pensava em Conrado. Ora com raiva, ora com preocupação. Ora com liberdade, ora com cautela. Tinha dias em que até se arrependia. Mas na maioria das vezes achava que fez a coisa certa. Acompanhava a repercussão de seus textos, percebia que nunca escreveu tanto. A distância dela fazia bem a ele, afinal. Tentava não ler os textos. Clicava neles para aumentar a sua audiência, até indicava para algumas amigas. Não curtia ou compartilhava para que ele não descobrisse esse cuidado. Comentar, nem pensar. Engraçado é que há anos não mais acompanhava o que seu marido escrevia. Sentiu uma vontade enorme de fumar. Pegou o cigarro de um dos maços de *Dunhill Carlton* que Conrado havia, por revolta, abandonado num dos armários do escritório. Foi para a varanda. Aproveitou que as crianças estavam na natação. Acendeu. Tragava como aos 20 anos. Olhava a pontinha do mar que se apresentava na sua varanda. Soprava aquela fumaça como um portal do tempo. Por trás dela, a projeção de cenas de seu passado. Lembrou-se do primeiro poema que Conrado falou para ela. Tinha memorizado de tanto repeti-lo. Ele adorava quando percebia seus lábios mexendo como quem, acompanhando, sussurra. Fala aquele do Vinicius, fala. Quando insistiu para que ela o falasse para ele, ela relutou,

não quis, não falou. Mas, por dentro, falava palavra por palavra daquele *Soneto de devoção*. Não entendia naquele momento por que negou para Conrado aquela pequena felicidade. Sussurrante, permitiu que suas palavras cortasse a cortina de fumaça.

Essa mulher que se arremessa, fria
E lúbrica aos meus braços, e nos seios
Me arrebata e me beija e balbucia
Versos, votos de amor e nomes feios.

Essa mulher, flor de melancolia
Que se ri dos meus pálidos receios
A única entre todas a quem dei
Os carinhos que nunca a outra daria.

Essa mulher que a cada amor proclama
A miséria e a grandeza de quem ama
E guarda a marca dos meus dentes nela.

Essa mulher é um mundo! — uma cadela
Talvez... — mas na moldura de uma cama
Nunca mulher nenhuma foi tão bela!

Sentiu um prazer revigorante. Ela sabia que por muito tempo tinha sido essa mulher para Conrado. Agora, quem seria?

Capítulo 15

O encontro com Silvio foi ótimo. O que ele precisava para se sentir um escritor de verdade. Falaram sobre filosofia, falaram sobre suas leituras, falaram sobre novos poetas, falaram, sobretudo, sobre os próprios textos de Conrado. A conversa atravessou o próprio café, ganhou a rua e durou umas três horas. Fumavam e falavam mal da academia. Mal do mercado editorial. Mal das livrarias. Não sobrou ninguém. Teorias literárias e mais teorias literárias foram alvo de seus questionamentos. Riam muito. Silvio queria entender o processo criativo de Conrado e Conrado queria esconder a todo custo seu processo criativo. Conrado pensava que seria uma frustração para Silvio descobrir que ele nem sequer tinha um processo criativo. O que diria? Inventaria um passo a passo? Procedimentos periclitantes. Inimagináveis? Incríveis? Fantásticos? E, se dissesse a verdade. Sento e escrevo. Não pareceria pedante ou displicente demais? Soaria descaso? Não atribuiria menos importância a suas produções? Melhor deixar Silvio imaginando uma série de esforços. No fundo, escrever nunca foi fácil mesmo.

Conrado precisava de uma tarde assim. Precisava daqueles *feedbacks*. Tomar um café com outra pessoa que não Bia, entretanto, causou um estranhamento e intensificou a saudade que já começava a arranhar. Engraçado que era uma saudade diferente da que sentia de Laura. Não era uma saudade dolorosa. Era uma saudade pouco espessa, sutil. Ali, atuando sem machucar.

Assim que chegou a seu *home office*, pegou logo sua caderneta. As anotações que fez durante a conversa com Silvio foram salutares. Carecia recarregar a *Crown*, daqui a pouco poderia deixá-lo na mão. Os blocos de anotações dos celulares sempre o desinspirava. Se é que essa palavra existe. Caneta recarregada. Caderneta a postos. PC ligado. Um *Malba* ao alcance das mãos. Começaria a trabalhar. Mas não sem antes responder as perguntas da entrevista de João.

Capítulo 16

"ARQUIVOS INDESTRUTÍVEIS

À maneira de João Filho

Nome: *desde que eu nasci, Conrado Fischer.*

Onde nasceu e a data: *Salvador, Ba, março de 1976, não digo o dia para evitar as felicitações, me enfadam.*

É casado (a), tem filhos? *Divorciado, dois filhos.*

Altura: *1,75 m.*

Peso: *85 kg.*

Número dos sapatos: *42.*

Prato preferido, bebida e jogo: *respectivamente: comida italiana; uísque; da sedução, todo escritor é um sedutor, não é?*

Gosta de cinema, teatro, quais prefere? *Cinema, teatro me apavora um pouco, acho que a qualquer momento alguém vai errar algo e por tudo a perder.*

Poeta e prosador preferido: *Bandeira sempre e Dostoyevsky.*

Tipo de música e músico preferido: *Jazz, Blues, Bossa, Rock, Soul. B. B. King.*

Qual pintor preferido? *Bosch.*

Qual a cor predileta? *Nenhuma.*

Quando escreveu seu primeiro texto? *Nem sei, cara.*

Dos seus livros publicados qual o preferido e por quê? *Prefiro não ler meus livros publicados.*

Se pudesse recomeçar a vida o que desejaria ser? *Cantor de blues, mas não queria deixar escrever.*

Seu principal defeito: *ser escritor.*

Sua principal virtude: *ser escritor.*

Coleciona alguma coisa? *Coisas relacionadas a fumo e livros.*

Algum hobby? *Ler e fumar (meu médico mandou eu incluir cooper na orla, mas ainda não sou adepto).*

Uma ou duas grandes emoções em sua vida? *Até os 30, pensei que*

fosse meu primeiro livro publicado. Depois, vai parecer clichê, eu sei, nem eles vão acreditar nisso, mas o nascimento de meus filhos.

É crente ou ateu? *Ateu, desde os 18.*

Três livros que mudaram sua vida ou, se não mudaram, mas tocaram fundo: *Mudaram não, mas tocaram... coloca aí qualquer um do Bandeira, tá valendo.*

Se pudesse escolher como gostaria de morrer? *'com cada coisa em seu lugar'".*

Capítulo 17

A última pergunta inquietou Conrado por demais. A morte sempre estava presente em seus livros de uma forma ou de outra. Era um acontecimento que em todo tempo mexia com ele. Embora já não se lembrasse do pai todo dia, sua morte ainda não havia sido digerida de todo. Sabia que jamais seria. A união repentina que teve com os irmãos durante todo o processo de velório, sobretudo, durante o enterro, parte mais terrível, pior que qualquer pesadelo, veio tão de repente quanto se desfez. Na missa de sétimo dia, foi renovada. Mas depois se transformou em encontros superficiais nas missas anuais, nas quais quase sempre um dos três faltava, ele e o irmão do meio principalmente, por algum motivo de força maior. A mãe já não tinha força para ser-lhes o elo de que tanto precisavam. Nem a morte foi. A pergunta fez ele se lembrar dessa dor que carregava consigo. Daquela ausência diária. Lembrou-se dos filhos. Da sua ausência diária. Achou melhor não se entregar a melodramas. Mas passou o resto da tarde meio atormentado com as hipóteses que criava sobre a morte e fazendo dela acessório para as suas novas produções.

O sarau estava próximo. Queria tanto que Bia fosse. Não queria invadi-la. Odiava a ideia de ser inconveniente tanto que, por vezes, foi mais visto como omisso. Sua cautela confundia-se com covardia. Seu respeito, com indiferença. No dia seguinte, pela manhã, cedinho, viajaria para o interior. Tinha a missa de 10º ano de morte de seu pai para ir. Antes de dormir, no entanto, voltou a trabalhar.

"Ricardo escrevia seu mais novo conto, lembrando-se da risada com que ele e Marília se despediram no último encontro. Ela parecia tanto selar entre os dois uma paz. Por que Marília se evadiu assim? As semanas se somavam. Nesse tempo, apenas se falaram para desmarcar o encontro das quartas-feiras que, a partir dali, não eram mais certeza. As elucubrações de Ricardo eram das mais surreais possíveis até as mais presunçosas. Imaginava que Marília confundia as coisas e havia, enfim,

se apaixonado por ele. Pensava que Marília estava pelo menos atraída por ele, por isso quis evitar o contato. A maioria de seus pensamentos o colocava como alvo de algum sentimento de Marília: amor, paixão, ciúmes, até inveja ele pensou. Afinal, Marília havia confidenciado para ele que queria ela ser escritora. Ao enumerar mentalmente as possibilidades do que pensava, sentiu-se tão arrogante. Em nenhum momento parou para pensar o que ele poderia estar sentindo por Marília."

As lembranças da morte do pai eram mais fortes. Não conseguia a concentração necessária para continuar a escrever.

Capítulo 18

A coroa de flores logo ao portão transmitia aos que passavam mais uma morte no bairro. Alguns espiavam, pelas grades, o que na casa acontecia. Lá dentro, todos rodeavam o caixão ainda aberto. Um por um, passavam por ele, olhavam com rosto de compaixão e saíam para um canto da sala a se benzer como se fizessem uma suave genuflexão num sinal de reza à alma do falecido.

Tal cena se repetia diversas vezes ao longo do velório que parecia já acumular horas de "meus pêsames" para lá... "meus pêsames" para cá a parentes já exaustos de apertar mãos, de serem alvos de abraços, às vezes, histéricos e de expressarem a tristeza esperada naqueles que acabam de perder um ente querido.

Refrigerantes e iguarias eram servidos aos que tentavam, em vão, consolar a viúva e seus filhos enquanto crianças corriam de um lado ao outro, indiferentes ao desventurado evento: o caixão, para eles, era apenas mais um obstáculo como a mesa e as cadeiras que compunham a sala. Dona Norma, mais achegada da família, não os deixava gritar, mas de correr ninguém conseguia impedi-los.

Seu Afonso, funcionário público do cartório, homem sensível e dedicado, deixou, já homens feitos, três filhos – Carlinhos, Cláudio e Conrado – a filha que pretendia ficou entre seus planos interrompidos. Deixou também uma esposa dedicada a tornar seus dias mais confortáveis: Dona Dora. Eles, esposa e filhos, não demoraram a saber do seu adeus repentino e inesperado. A morte, ao vir de supetão, fere mais do que aquela que se anuncia aos pouquinhos.

Seu Afonso não era muito de ficar doente. Parecia meio depressivo às vezes. Cansado vez ou outra, mas doente, doente mesmo, de cama, quase nunca. Era o que pensava Dona Dora e repetia àqueles que lhe indagavam o porquê do infortúnio. Era jovem ainda, casou-se cedo. Formavam um belo par. Quando se conheceram, dançavam valsas e tangos. Falava poemas aos quatro cantos e sonhava em ser escritor

famoso. Depois, tendo que manter a família, trabalhava mais que produzia, virou apenas o poeta da repartição. O que, na maioria das vezes, era mais deboche que elogio.

Morreu antes dos 60... era inaceitável. Dona Dora tinha tudo isso borbulhando em sua mente, perguntas e lembranças a dominavam, não tinha nem tempo para chorar, é tudo tão rápido. Dorinha lá, ao pé do caixão, atônita para quem a observava. Seu olhar esticava-se para o rosto, colo, mãos transpassadas, olhava até as partes íntimas do marido, as imaginava atrás daquela fúnebre roupa e sentia saudades dos prazeres que havia de ter e que se tornaram impossíveis. Visualizava o corpo que havia sido seu por noites incontáveis, ainda ontem, e que não mais lhe pertencia: por quê? Era o que sua boca balbuciava sem que ninguém a ouvisse. Começou a pensar nos filhos.

Carlinhos, o mais velho, era o mais introspectivo. Ligado mais à mãe, sofria por ela, sentia-se a partir de então seu protetor, responsável pela manutenção da família, passava por sua cabeça, à medida que contemplava o defunto, que eram suas as responsabilidades do pai. Levou sua mãe para morar com ele e sua esposa. Tinha um trabalho estável no mesmo cartório em que o pai trabalhava. Era uma espécie de suplente de marido para Dona Dora que, aos poucos, acostumou-se com os favores do filho e foi se transformando de avó em babá de seus filhos.

Cláudio, primeiramente, sentiu alívio. Nunca mais aquelas sovas e reclamações. Como filho do meio, não se sentia muito amado nem pelo seu pai nem por sua mãe. Era como se fosse a vida toda um órfão morando de favor com estranhos. Sentia-se assim e comportava-se assim. Estudioso e esforçado, foi o que mais se deu bem financeiramente. Antes dos 30 já seguia uma carreira internacional para orgulho da mãe que pagava todo esse orgulho com saudade. Diante do caixão, chorava muito sem entender o porquê.

Quanto a Conrado, parecia o mais triste de todos, nunca mais o *Boa Noite* com aquela voz grave de locutor ou os poemas do pai, a paixão dos dois pela literatura e pelos cigarros. Quem da família iria agora a seus eventos literários? Quem seria seu leitor cativo? Seu pai era meio que seu parâmetro. Quase sempre escrevia para impressioná-lo. Para ser o escritor famoso que o pai não pode ser. Chorava.

A família de Conrado realmente estava incompleta. Conrado, principalmente, sentia-se incompleto. Enquanto isso, mais vizinhos chegavam, mais parentes entravam, até estranhos penetravam em meio aos conhecidos ora pelas guloseimas ora por mera curiosidade mesmo. Atropelamento! Foi o que se ouvia pelos cantos. Estava Seu Afonso a atravessar a rua, ali, pertinho do trabalho, o estrondo assustou a todos da repartição. Gritos, telefonemas e a ambulância que não chegou a tempo. Se o socorro não tivesse demorado. Se o motorista atropelador tivesse parado. Se alguém soubesse lhe dar os primeiros socorros. Se ele tivesse atravessado mais atento. Se o motorista não tivesse tão rápido. Mas o motorista nem estava rápido, falava outro. Foi pura distração dele. Se, se, se. Era tão bom simplesmente que ele não tivesse morrido. Tão forte Seu Afonso, engraçado também, quando queria, claro, o poeta da repartição e ir por tão pouco...

O pai de Conrado tinha saúde de ferro. A rua de seu cartório era perigosíssima. Mão dupla. Sem quebra-molas. Bem asfaltada. Cheia de curvas. Perfeita para uma corrida com emoção. O motorista parou. O motorista não parou... Outras tantas pessoas iam se achegando com outras tantas suposições. Preocupavam-se tanto com as conjecturas, cada vez mais fantásticas, que esqueciam o fato: Seu Afonso estava morto. Mulher e filhos, desprezando todas as versões, continuavam ao lado do caixão, olhando aquele inerte corpo que um dia, há poucas horas, lhes fora marido e pai.

Em meio a essa contemplação, o moço da funerária abriu caminho e, como se fechasse uma caixa qualquer, tampou agilmente o caixão. Ninguém tentou impedi-lo do inevitável. Estáticos, Dorinha e seus rebentos continuavam a olhar o caixão agora lacrado e pareciam não acreditar que era Seu Afonso, Afonso, Afonsinho, painho, que estava ali... ali! fechado e distante, para todo o sempre.

As cenas do velório se sucediam pela janela do interurbano. A vontade de fumar veio com força. Seu tique nunca esteve tão descontrolado. Parecia que foi ontem. Essas missas machucam. Torturam. Prometeu não ir para mais nenhuma. No resto da viagem, os versos de *Ao Divino Assassino* o tomaram num ímpeto. Ainda meio nervoso, ligou para os filhos. Combinou que, quando voltasse da viagem, iriam todos ao cinema. Uma hora depois, chegou à cidade da sua infância.

Capítulo 19

Fazia tanto tempo que não entrava naquele local. Pisava com cuidado como quem não quer ser observado. Reconhecia ainda elementos de sua época: alguns armários, as salas, as estátuas, alguns dos quadros. Seus olhos estavam atentos, tentava reconhecer pessoas e reconhecia algumas, objetos eram identificados em todo momento, inesperadamente. A essência daquele local parecia se manter, era o que notava. Só ele se sentia mudado. Sua infância invadia sua mente com uma força que se percebia de novo com 8, 10, 12, 15 anos de idade, quando, por força do trabalho do pai, foi com a família inteira morar no interior.

Era como se o tempo tivesse parado ali. Via-se nas crianças que passavam. Começava a se indagar o que poderia ter sido diferente. Não conseguia fugir às reflexões. Aquele lugar era o seu passado presentificado. Sentia-se um futuro em meio a tantas lembranças.

Sentou-se. Outras pessoas também sentaram. Aos poucos, o lugar era tomado, porém não chegou a lotar. Devia ser porque não era domingo, pensou aliviado. Preferia assim. Seu irmão mais velho e sua mãe o ladeavam. Ver Dona Dora, sua mãe, era uma alegria estranha. Sentia-se mal sem seu pai ali presente. Seu irmão mais velho sempre foi o mais religioso. Ele e sua mãe, contritos, graves, circunspectos se assemelhavam aos demais, enquanto que Conrado, distante de toda aquela concentração, olhava para todos os cantos, não se fixava em nenhum. Às vezes, esquecia-se do que foi fazer lá, esquecia-se de onde estava. Mas sabia de uma coisa: sua mãe estava adorando vê-lo ali, naquele banco, mesmo assim sem participar, assim remoto, emudecido.

Um louco, no banco ao lado, gritava os ritos, memorizados pela insistência da sua presença. Antecipava-se a todos. Isso doava um ar de graça, de leveza, até as senhoras mais reservadas deixavam escapar um sorriso de canto sob as mãos que fingiam orar. Outros se incomodavam de verdade e tentavam contê-lo como se dessa forma se transformassem em salvadores da cerimônia. Embalde, apenas tornavam

aquilo tudo mais extraordinário, histriônico. Até ele fazia parte daquele presente. Menos Conrado. Menos Conrado. Sairia de lá como da outra vez, cogitou.

Ajoelhou-se, seguindo o ritmo de todos, dissimulado. Só não abaixou a cabeça como todos, continuava investigando. Sentiu sinceridade nesse momento. Notou uma confiança, uma crença que desejava ter. A carência tomou conta de seu momento. Pensou na aparente falta de ambição daqueles que observava. Queria aquela paz. Tudo aquilo contrastava tanto com suas vontades acumuladas. Sentiu inveja. Inveja da fé que não conseguia ter. Que Deus os acompanhe... Essas palavras fizeram-no voltar. Graças a Deus!

Capítulo 20

Laura costumava sempre ir à missa de ano de morte de seu Afonso. Pensou no dia anterior em ligar para Conrado. Perguntar se queria companhia. Desistiu como das outras tantas vezes em que pensou em manter algum contato. Ela sabia que esse dia seria difícil para ele por tudo. A viagem. Rever Dona Dora. Topar com o irmão mais velho, queridinho da mamãe. Passar pela chateação da missa. Receber o cumprimento daqueles estranhos. Reencontrar seu passado quando mais curtiu com o pai. Parecia que sua tristeza de tão imaginada podia ser sentida por Laura. Nesses momentos, ela entendia muito bem o sentido da palavra compaixão. Mas preferiu dar vez mesmo ao egoísmo. Não ligou.

Capítulo 21

Voltando para capital se sentiu tão abandonado quanto o seu pai que se foi. Tão abandonado quanto quando Laura se foi. Em grau menor, Beatriz também era um tanto responsável por aquela sensação de abandono. Todos naquele momento lhe eram impossibilidades. O celular tocou. Era Silvio. Tudo certo para o sarau de amanhã? Todo ânimo que sentia por aquele evento parecia ter se arrefecido. Mas respondeu positivamente tentando disfarçar a fadiga. Nem ficou agoniado para fumar como geralmente fica em ônibus. Nem pegou a sua *Crown*. Apenas olhava pela janela. Nem via as paisagens ou a linha do horizonte. Só tentava impedir que as lembranças do velório e enterro de seu pai invadissem de novo sua memória. *Não tem um refratário à hora do massacre*. Balbuciava.

Um pequeno regozijo o atingiu quando pensou no cinema com os filhos. Estava cansado, mas chegaria a tempo. Dessa vez, não iria decepcioná-los. Será que deveria ter chamado Laura? Laura estava cada vez mais se tornando um nome, nunca uma presença. Por mais que ainda estivesse na cidade, parecia que um evitava o outro ainda que ambos se lembrassem, com um carinho semelhante e desconfiado, do beijo que ele deu em sua testa noutro dia.

Ao se lembrar do beijo, lembrou-se do texto que mostrou para Bia. De sua reação. Era ciúme com certeza. Lembrou-se de Bia. Pareceu nesse momento querer mais a presença de Bia no cinema com seus filhos do que da própria Laura. O que queria mesmo era entender.

Capítulo 22

Beatriz Spina. Jornalista. Leitora assídua de obras e sites literários. Sempre nutriu a esperança de conhecer um escritor e se tornar amiga de um. Seu sonho: sair do jornalismo esportivo e ir para o jornalismo literário. Ao reconhecer Conrado não titubeou. Aproximou-se. Fez questão de provocar o encontro. Puxou papo. Ofereceu cigarro. Literatura era mais que paixão. Estar ali com o escritor que tanto lia era demais. Ter um escritor em sua casa lhe era uma satisfação, lhe dava brio.

Naquela noite saiu para beber e mais nada. Queria esquecer a noite anterior. Estava solteira há exato um dia. Mas solteira daquele tipo de separação que a gente sabe que é pra sempre. Pois é. Desse jeito. Conrado falava tanto de sua vida, de seus textos, de seus filhos, de seu pai. Quase nunca havia espaço para Bia falar de sua vida. No fundo, Bia não queria mesmo falar de sua vida, preferia ser aquela incógnita. Era assim no trabalho. Sempre muito reservada. Falar de literatura com ele para ela já bastava. Como desde a primeira vez em que se viram ele já foi confidenciando coisas da sua vida pessoal para ela, continuar fazendo isso foi o mínimo. Em poucas quartas-feiras, ela já estava praticamente inteirada de toda existência de Conrado até aquele momento e achava isso o máximo. Sentia-se sua amiga de verdade. Amiga de um escritor. Empolgava-se. No último encontro, no entanto, Conrado passou para ela certa arrogância, pareceu tão prepotente. Ao contar a Conrado que queria ela também ser escritora, sentiu nele uma mudança de tom que não lhe agradou. Sentiu nele certo desdém. Decepcionou-se um tanto. O sorriso ao final suspendeu a hostilidade que se instalou por alguns instantes, mas ela tinha que resolver sua vida. O fato de sair com Conrado. Atender seus telefonemas. Responder com urgência seus e-mails. Ser sua confidente oficial. Tudo isso estava causando estranheza na relação amorosa que tentava reestabelecer e que, antes mesmo de Conrado, já nem estava mais por um fio.

Capítulo 23

Beatriz ouvia as histórias de Conrado e não queria ser assim tão inerte. Tão esperando a reação do outro. Identificou alguns dos comportamentos de Conrado nela mesma. Achava horrível a falta de reação dele diante de Laura, mas se via também sem reação. Depois do último encontro com Conrado, depois do texto que Conrado lhe mostrou: *E se quisesses... mais*. Essa frase ficou latejando em sua cabeça. Bia percebeu que sempre estava agindo dentro de uma resignação sem tamanho. *Beijando testas*. E se a outra parte estivesse esperando mais. Esperando uma reação dela como ela achava, tinha quase certeza, que Laura esperava uma reação impactante de Conrado. Aquele texto agitou seus pensamentos de tal forma que os transformou em ação.

Beatriz não apenas vestiu a melhor roupa, comprou a melhor roupa. As roupas que possuía não eram suficientes para contemplar seus planos. Queria mais do que o seu guarda-roupa podia oferecer. Queria muito mais do que o que tinha sido até aquele momento. Queria ultrapassar-se. Cada peça pensada com a minúcia de um figurinista ia compondo sua última personagem, sua derradeira tentativa, seu quase suicídio. Demorou na loja mais tempo do que o de costume. Vestiu-se e desvestiu-se com a insistência de quem busca a perfeição. Pensava em todo momento que não seria capaz de tanto. Pensava em desistir. Mas não parava. Deixava que cada ação atropelasse o pensamento e seguia com seus planos de louca.

Tinha receios, é claro. Tinha medo também. Preferia encará-los como uma quase cautela que sempre tinha e que lhe freava. Dessa vez não. Não deixaria que cuidado nenhum se manifestasse. Tirava-se temporariamente do centro. Pela primeira vez, se vestia não para ser a protagonista da cena. Preparava-se para esse papel desconhecido de depender da decisão alheia, de se colocar à disposição. Vestia-se e desvestia-se pensando nisso. Cortando os pensamentos sobre isso. Voltando a pensar. Cantava e disfarçava a tensão que a corroía por dentro. Já

viu esse? Agia com a normalidade de uma simples cliente. De simples aquela situação não tinha nada.

Depois de horas de entra e sai do provador, bastou-se. Cortar os pulsos seria mais fácil. Nunca se imaginou nessa situação. A hora de pagar também foi um susto. Gastou mais naquele *look* que em muitas das peças que comprara ao longo do ano. Economizava. Em um conjunto, quase todo o seu guarda-roupa. Loucura. A consciência da loucura que fazia a apunhalava por dentro. Mas não tinha jeito. Fazia. Uma alegria quase que infantil a invadia vez ou outra. Não se imaginava naquela situação. Uma preocupação de mulher inundava sua alegria quase infantil. Não podia perder assim. Vestida pra matar, hoje, hein? Com um sorriso de canto, meio sem graça, meio irritado, meio confuso, meio Monalisa, meio da Vinci, não respondeu a pergunta. Segurou a sacola. Carregava a roupa de guerra ainda entre a indecisão e a preguiça, mas seguia. Nunca se tinha dado a tais estratagemas. Voltou para a casa que quase nunca tinha a sua presença. Estranhava ainda tudo: a rua, a porta, a cor da parede, os móveis, a falta dela. Na verdade, a falta dela é o que mais estranhava. A falta dela é que causava a estranheza de tudo. Não se imaginava perdida em tamanha falta. Decerto que viajaria. Mas não agora. Só depois. Colocou as compras sobre o sofá. Colocou as compras na cama. Guardou as compras. Não fiz isso. Fiz! Abriu o computador. Anotou custos. Fez contas. Percebeu que a loucura que acabou de fazer era bem maior do que havia pensado. Tudo na Graça é tão caro. Quem quer a tranquilidade de não ter dívidas com um coração assim tão inquieto. E as outras contas do mês? Os pais não poderiam ter deixado uma casa num bairro mais em conta? Fechou o notebook para qualquer outra preocupação. Tirou as compras de onde guardou. Espalhou as peças pela cama. Juntou-as uma a uma como se a cama fosse seu corpo. Olhou, olhou, olhou. Gostou do que viu e mais ainda do que imaginou. Desejava que o dia se fosse. Suas perspectivas não eram para qualquer horário. Só a voluptuosidade da noite seria capaz de suportar seus planos. Esperar lhe era penoso. E se ela não estiver? E se ela estiver e também outra? E se ela não abrir? E se ela... Esse último pensamento preferia não pensar. Não falou com nenhum ami-

go de seus planos. Se não dessem certo não passaria pela humilhação de contar suas frustrações. Sempre reservada. Morar sozinha tem suas vantagens, se arrumar às escondidas seria difícil, pensava. Um sobretudo feminino cobria suas intenções e medos. Entrou no carro decidida. Sabia-se louca. Tenho que me permitir. Permitiu-se. Aproveitou da chave que tinha em mãos para ultrapassar a primeira barreira. Mas a segunda tinha que ser uma escolha não só dela. Tocou a campainha. O susto se abateu sobre quem não esperava visitas. Sobretudo naquela hora. Quem é? O silêncio de alguns segundos pareceu o de muitos minutos. Ladrões infestam o bairro. Olhava a maçaneta como quem quer perceber se há nela algum movimento. Pensava quem poderia ser àquela hora. Não conseguia completar suas conjecturas e já pergunta novamente. Uma porta separava o apetite do fastio. Quem é?... Eu. A reposta veio como o inesperado. A voz de tão diferente quase não foi reconhecida, mesmo sendo a voz de quem habitava lá há tanto tempo. Eu. Desarmou-se e abriu a porta para constatar o susto. Ãaaa, entra. É... Olhou de cima a baixo aquela mulher linda. Aquela mulher e sua nova roupa. E sua nova personagem. Tudo era transparência e renda. Tudo era lascívia e medo. Os olhos tinham até vergonha de se fixar. Desviavam-se para as margens daquela cena. Entrou. Senta. A roupa que escolheu com tanto esmero e investimento estava ali para exercer a função de armadilha. Para ser a carapuça de sua vontade. Para declarar a sua necessidade de estar ali. Para aprisionar um futuro que ainda queria ter. Ter ao lado dela. Vou tomar um banho. Fica à vontade. Como se fosse possível ficar à vontade diante daquela situação. Pensou em ir embora. Pensou em entrar no banho. Pensou. Seria demais. Esperou cada gota d'água. Sua maquiagem se segurava firme. Prendeu a vontade de chorar nas outras vontades que a habitavam. Saiu do banho. Sentou-se ao lado do inesperado. Conversaram. Mas você... Não. É que eu... Não. Pensei que nós.... Não... na verdade, não falava "não", mas tudo o que dizia poderia ser resumido por um "não". Um não às vezes doeria até menos. Não. Não e não.

Cada peça de sua roupa ia se perdendo. Queria matar o dramaturgo que escreveu essa cena. Por que aceitou esse papel? Seus olhos cas-

tanhos ultrapassavam o azul daquela inércia. Não acreditava. Dorme aqui, é o mínimo, sei lá, o máximo que posso fazer por você. É tarde. Deitaram uma ao lado da outra. De longe, a cena parecia linda. Mas cada parte de seu corpo doía. Comprimia pernas, peitos, gestos, mãos. Comprimia cada toque. Quando acordou da noite em que não dormiu, sabia que o dia não ia ser bom. Nem o mínimo nem o máximo. Pensava nessas palavras enquanto a olhava despertar. Parecia mais linda do que nunca fora. Já a sua própria beleza já não sabia mais onde estava. Já acordou? De novo, aquele sorriso de canto meio irônico. Dessa vez, também meio melancólico. Olha vou tomar café e tenho que trabalhar. Se quiser... Não!! Já vou. Não insistiu. O coração nessa hora apertou mais que em todas. E olha que ele já havia se estreitado tanto.

Olhou a falta dela, os móveis, a cor da parede, a porta que a esperava, e antes de alcançar a rua tão familiar quanto o corredor ao qual se encaminhava, o último pedido. Devolve as chaves. Ãaaa... As chaves. Ah! Baixou a cabeça. Abriu letargicamente a bolsa. Demorou-se mexendo em seu interior. Já havia achado as chaves. Queria ganhar tempo. Não sabia ao certo que expressão fazer ao entregá-las. Deixaria acontecerem as lágrimas, que de tão presas estavam prestes a sair pelos seus poros? Não acreditava no que estava passando. Num súbito de última chance, reagiu. Não tenho nada com ele. Certo. É sério. Ok, já estávamos mal antes dele. Não quer conversar? Bia, desculpa, toma aqui as chaves da sua casa. Me dá as chaves daqui. Antes de dar as costas, devolveu as chaves e, com elas, todo o adeus. Nunca tinha feito isso antes, mas não queria carregar o peso de ser a causadora de uma nova perda. Tentar já foi para ela um consolo. Aquilo tudo foi muito forte. Era quarta-feira.

Nem ao trabalho compareceu. Não respondia os torpedos e *whats* de Conrado. Precisava de um tempo só para si. As quartas-feiras ficaram em suspenso.

Capítulo 24

Dona Sônia já estava no térreo esperando Conrado. Ele, embora exausto da viagem, não se atrasou mesmo como havia prometido. Cadê Laura? Saiu, meu filho. Sempre que venho pegar os meninos ela nunca está. Acontece. Coincidências. Quando ela volta para Campinas? Em breve. Mas daqui a pouco tempo não precisará mais ficar nessa ponte aérea. Graças a Deus. Quê? Nada. Bom pra ela. Viajar sempre é muito cansativo. Olha aqui as chaves, ela deixou o carro para vocês irem mais confortáveis para o shopping. Laura saiu sem carro? Dona Sônia... Laura está aí, não é? Se vacilar está até olhando a gente nesse instante. Meu filho. Tudo bem. Ahhh, ela disse para não fumar na frente dos meninos. Nunca vi tanta ausência marcando tanta presença assim. Dona Sônia riu. Já de superfície dava para notar que Dona Sônia adorava Conrado. Vá, vá, senão podem não achar mais ingressos.

Beatriz já estava pelo *shopping* desde cedo. Fazia um bico de assessora de imprensa por lá. Estava mais arrumada que nunca. A maquiagem realçava seu olhar castanho e a ausência dos óculos substituídos por lentes tornava-o mais impactante. Apresentava a todos dentro da beleza que já comunicava, uma nova beleza ainda mais sedutora. Essa é a descrição que os olhos de Conrado fizeram assim que se depararam com ela. Tetê também a achou linda. Zinho não ligou muito pra nada daquilo. Você conhece, pai? Conheço, filha. É minha amiga. Me apresenta a ela, ela é linda, não é? É sim. Mas não é mais linda que minha mãe. Não, filha. São belezas diferentes. Como o pouco tempo que os separavam o fez percebê-la assim de forma tão diferente? Bia! Era um barulho enorme no *shopping*, ela não o ouviria assim tão facilmente. Deixa pra lá, pai. Não, filha. Vamos lá, vamos falar com ela. A vontade que era da filha era de Conrado e ainda mais intensa. Com licença, Bia. Beatriz virou-se e jamais esperava encontrar Conrado dentro de um *shopping* sem poder fumar e ainda mais com duas crianças a tira colo. Suponho que sejam seus filhos Tetê e Zinho. Isso! Gritou Tetê. Feliz por

perceber que seu pai falava deles para suas amigas. Que lindos. Devem ter puxado a mãe. Tetê riu tanto que só faltou falar que concordava. Só o olhar do pai cortou a sua gargalhada. Gostei dela, pai. Zinho continuava prestando atenção no movimento. Bom te ver. Temos que ir, o ingresso pode acabar, ainda nem compramos. Ah, certo. Bom ver você também. Ok ok. Ok ok, poeta. O olhar dos dois se cruzou e ambos perceberam que a afinidade não havia se perdido.

Pai, quem é ela? Ela é Beatriz, filha. É jornalista. Sabe que papai tem vários amigos jornalistas, não é? Amigos eu sei, amiga acho que é a primeira. Bobagem, filha. Vamos comprar os ingressos. Achar um filme que agradasse Tetê e agradasse Zinho ao mesmo tempo era difícil. Enfrentar essa tarefa era um pouco estimulante às vezes. Conrado dessa vez realizou tudo com primor. O encontro, inesperado, com Bia quase o desestabilizou. Mas, pelo menos dessa vez, não deixou seu egoísmo dominar a situação. Manteve os planos. Os filhos se divertiram tanto. Ele até gostou do filme. Achou inteligente. Engraçado. Interessante. Pensou em até fazer uma resenha dele. Se João quiser publicar no blog dele seria uma boa.

Capítulo 25

Enquanto a sessão cinema acontecia, Dona Sônia conversava com Laura que, realmente, estava em casa olhando Conrado da janela, à espreita. Tem que parar de fugir de Conrado, minha filha. Se não quer mais nada com ele por que continua aqui em casa trancada estudando como se a defesa fosse amanhã? Falava tanto que Conrado só vivia para escrever seus textos e agora você é a reprodução dele, fumando aí no escritório escondida por essa pilha de livros e escrevendo até o dia raiar. Mãe. Filha, é sério. Estou vendo Conrado aqui na minha frente. Você hoje é tudo que você mais reclamou nele. Até a fumar você voltou. Como é isso? Vai se divorciar de você também? Uma faca afiada faria menos estragos que essa pergunta. Faça o favor de levá-lo pra casa dele quando ele vier trazer as crianças. Ele nunca quer. Insista. Obrigue. Lembra o que me disse sobre o divórcio? Sim, que ele aceitou. Nem contestou. Nem nada. Pois é, minha filha. Você hoje é a dona do nem nada. Se ele disser não, conteste. Mas, mãe. Não quer que ele note o ranço do cigarro em você? Não quer que ele perceba que voltou a ser fumante? Talvez seja isso. Talvez simplesmente não queira vê-lo. E quer ver quem? Nem sai. Mas, mãe. Minha filha, esperar que os filhos saiam pra não vê-la fumando não a coloca num patamar superior ao de Conrado. Fumar não é pecado, não é crime, não é infração. Mas não era isso que Conrado sempre lhe dizia? As duas se calaram. Laura tomou banho, gargarejou muito, desceu. Ficou lá embaixo mesmo aguardando a chegada do carro.

Enquanto isso, por mensagens, Conrado marcava um encontro com Beatriz para um pouquinho mais tarde. O tempo de deixar os meninos na casa da mãe e pronto. Ambos estavam felizes com o reencontro. Tinham coisas a contar. Bia já pensou que dessa vez abriria o jogo para Conrado. Se era tanto amiga dele, ele tinha que passar a ser seu amigo também. Ele entenderia. Conrado pensando em dizer o quanto ela fez falta, o quanto ela estava mais bonita, o quanto não sabia mais o que dizer.

Capítulo 26

A garagem do condomínio se abriu umas dez vezes. Eram todos. O chato do 405. O riquinho da cobertura. A perturbada do 309. A implicante do 202. O inquilino de seu Robson. A esposa de Ronaldo. A filha da Flavinha. As visitas barulhentas do 505. O filho gato da vizinha. O porteiro da noite. Em cada um o coração disparou como se fosse Conrado. Estava demorando. Pensou ligar. Achou-se autoritária demais. Preferiu aguardar.

Quando o carro entra pela garagem, uma arritmia toma conta dela que a todo custo tenta se controlar. O coração de Conrado também não passa incólume diante daquela surpresa. A alegria das crianças já denunciava que a tarde foi ótima. Ela sorriu também de pronto. Conrado se sentiu, como há muito não havia se sentido, acolhido. Entregues os filhos. Ela sorriu ainda mais abertamente. Chamou para entrar. Não, tenho que ir. Mesmo? Mesmo. Então levo você pra casa. Não precisa. Faço questão. Na verdade, eu não estou indo para casa. Ia até perguntar se pode me emprestar o carro. Laura escolheu o dia errado para insistir. Ah, tá. O carro ficou pra mim, mas sempre vi esse carro como nosso. Toda vez que precisar dele, pode pegá-lo. Ela falou num tom triste, porém amigável. Você é demais! Ela estranhou essa alegria. Melhor não perguntar mais nada. Vamos crianças. Direto para o banho. Agora foi ela quem foi na direção dele. Deu-lhe um abraço como quem entrega as guardas. Ele retribuiu o abraço. Ao sentir essa diferença em sua atitude, deu até vontade de ficar. Na verdade, ele nunca tinha querido mesmo partir. Tinha que ir. Beatriz o esperava. Almoço amanhã. Ok? Ok ok.

Chegou do encontro com Bia, mais fortificado. Era o que precisava para no dia seguinte estar preparado para encarar um novo sarau depois de tanto tempo à margem. Foi uma conversa franca, Conrado pensava. Na realidade, foi um monólogo franco, dele. Pena Bia não poder demorar tanto. Como sempre, depois que se encontrou com Beatriz, vinha uma inspiração que, na realidade, não passava de uma vontade de

escrever. Foi o que fez durante o resto de noite.

"Aqueles dias foram importantes para que ele pensasse o que sentia por Marília em vez de sempre ficar se colocando como alvo de algum sentimento dela. Não chegou a uma posição definitiva. Só sabia que ela já era importante em sua vida. A convidou para o sarau do dia seguinte. Ela aceitou sem hesitar. Preferia o sarau a qualquer outro programa. Nem precisou ele falar duas vezes.

— Vou adorar. Claro que irei. Já tem um tempo que vi você falando poemas em um bar lá na Barra.

— Na Barra?

— Foi há um ano mais ou menos.

— Talvez, não sei.

— Entendo que não se lembre de mim, escreveu nos meus livros sem nem olhar na minha cara. Mas não lembrar nem do sarau?

— Foram tantos.

— Só sei que lembro e gostei.

Ricardo achava cada vez mais que ela gostava dele. Aquele amor obsessivo. Passou a cogitar que ela o seguia. Que fuçava sua vida. Que planejou tudo para seu primeiro encontro. Que não houve entre eles nenhuma coincidência. Era tão evidente seu rosto de suspeita. Uma expressão que irritava Marília e dessa vez não foi diferente.

— Ricardo.

— Diga.

— Já disse que desde antes que era sua leitora e tal. Normal uma leitora ir assistir a seu autor predileto.

— Sou seu autor predileto?

— Um dos... — A conversa não durou tanto. Marília preferiu não avançar muito no papo. Tornou a ser mais ouvinte que confidente. Ele estava tão empolgado com o sarau. Ricardo voltou para sua casa, devolveria o carro a Carolina depois. Como sempre, depois que se encontrou com Marília, vinha uma inspiração que, na realidade, não passava de uma vontade de escrever. Foi o fez durante o resto de noite.

Cantiga apenas de partida
para um amor que foi e se perdeu
Por Ricardo Peixoto

Como se buscasse outro destino
Que não teu, faca e fenda sou eu
A procurar-me em outro horizonte.

Iniciei mil vezes tentar amar-te,
Em vão, pois o desejo, mais que a vontade,
Não foi suficiente à permanência do enlace.

Não pudeste ser presença nem podes ser ato
És Laura para que a poesia (de Petrarca)
Se faça, flor irônica e inacessível à mão

Por isso a mais bela, a eleita
No olhar de quem agoniza diante
da distância que lhe atribui contemplação, viço,
Início que leva a um fim nefasto.
Não podes ser mais fato, acontecido,
Só imagem concebida e irreal, intransponível,

Quadro intocável no museu dos amores:

Tu és dores, dívidas, ilusão, peleja,
A torturante beleza que ainda me atrai
A atrativa boca que não mais me beija."

Capítulo 27

Conrado se esqueceu de avisar a Laura se devolveria ou não o carro no mesmo dia. Laura aguardou um contato. Ela queria mesmo era ligar para ele, perguntar a ele que horas traria o carro. Estava cansada de parecer sua mãe. De ficar cercando. Ia parecer até um ciúme sem motivo. Apesar de ser, ele não precisaria ficar sabendo. Queria mesmo era vê-lo. Vê-lo mesmo que fosse só entregando o carro. Ora. Ele ligaria para avisá-la que horas deixaria o carro, né? Perguntou a si mesmo. Tinha que ligar. Pelo menos era o que ela queria. Deitou-se.

A cama parecia grande, infinita. E ela, diminuta, tentando ocupar os espaços vazios. Continuar com a cama de casal foi um decisão em busca do conforto. Mas, às vezes, lhe dava solidão. A noite, num *tic tac* moroso, só piorava sua pequenez e desespero. Onde ele estaria? A pergunta mais insistente era com quem ele estaria. O medo da madrugada vinha como uma raiva contra aqueles que a curtiam enquanto ela estava na sua masmorra pessoal. Seu olhar fixo e vermelho entregava a sua espera. Estava com sono. Muito sono. O lençol movia-se como se fosse um ser animado. O travesseiro suava e, cada vez mais, tornava-se desagradável: ora abraçado ora esmurrado era o companheiro de sua carência e de uma ira das quais desconhecia a origem. Ou fingia não conhecer. Desistia provisoriamente do quarto.

Andava pela casa como se, de alguma forma, desse um objetivo a seu tempo perdido, era uma atividade, pelo menos um movimento que diminuía sua sensação de inutilidade e perda. Ia à cozinha e tentava alguns barulhos deliberados. Quem sabe alguém acordava e viria lhe fazer companhia. Com cuidado, olhou com a porta entreaberta Tetê, tão linda. Era a cara do pai. Com mais cuidado ainda, ficou observando Zinho. Era um anjo. Tão ligado a ela. Tetê era extrovertida; Zinho, tímido. Na infância, a diferença de poucos anos parece um abismo. Só eles dois para fazerem repousar os pensamentos que a atormentavam.

Gostava sim das noites, e muito, mas não daquela. Improdutiva, via

na parede cenas que sua imaginação se encarregava de fabricar. Tentava distrair-se com a almofada. Já havia tentado escrever alguma coisa da sua tese, mas nada saía. Sentava-se na cadeira a balançar os pés puerilmente. Articulava algo inaudível ao telhado. Percebeu-se um tanto gripada. Seus olhos lacrimejavam. Apesar de triste, não chorava. Entre um limpar de nariz e outro espirrar, sentia uma cólera crescendo com aquela espera. A coceira insistente nas suas narinas colaborava com a sua irritação.

A manhã não chegava, ela não dormia. Era torturada pelo criado-mudo, pela estante, pelo guarda-roupa. Cansava-se da mesma paisagem. Estava ali perdendo parte de sua vida tão fugaz. Como diria Conrado: uma noite perdida para uma vida tão curta. Ali jogada ao ostracismo. Pensou ler, desistiu; pensou assistir a um filme qualquer, desistiu; pensou escrever qualquer outra coisa que não lembrasse doutorado, desistiu. Pensou matar-se. Epa, não era pra tanto. Riu-se. A varanda já estava sendo seu refúgio predileto. Pegou a última careira de *Dunhill Carlton*, de todos os maços que Conrado havia abandonado no escritório. Novamente olhava o canto de mar que sua janela lhe ofertava e fumava, deixando-se inebriar pela cortina de fumaça e pelo *Black Label* do qual deu cabo de pelo menos meia garrafa.

Depois, embilocou-se toda no lençol se escondendo novamente na escuridão do quarto. Fechou os olhos, se parasse talvez conseguiria dormir e descansar a razão de tantos pensamentos. Contava. Contava. Continuava a contar em vão. Atrapalhava-se com os números, pulava-os, agoniava-se com a demora para chegar ao "100". Chateou-se ainda mais. Coisa estúpida essa de contar.

Olhou para o celular. Sussurrava para ele algo como se estivesse fazendo um pedido. O mesmo que fez quando ficou olhando para o interfone na cozinha. Cansou-se. Impaciente, pensou antecipar o início do novo dia e começar seus afazeres da manhã. Não prosseguiu com nada. Vendo-se só, tocou seu corpo como quem procura conforto. Encontrou inesperadamente um lugar no cantinho da cama que proporcionou a seu cansaço um bem-estar bem-vindo. Quando as primeiras luzes invadiam a janela e combatiam a obscuridade do quarto, seus

olhos, involuntária e imperceptivelmente, já haviam se fechado para um sonho que nem se deu conta.

Ao lado do travesseiro, o celular. Abriu dolorosamente os olhos como quem ainda tem o sono pesando sobre as pálpebras. O celular, sobre o colchão, apitava periodicamente, anunciando as chamadas perdidas. Ela o mirou com um desdém que contrastava com a importância concedida àquele aparelho ao longo da sua penosa noite insone. Nem leu as mensagens nem conferiu as chamadas. Virou para o lado e tornou a dormir pesadamente.

Já Conrado, apesar de ter dormido tarde compondo, acordou cedo. Tinha muito o que fazer e não podia se atrasar para o almoço. Antes de tudo, porém, mandou um e-mail para Silvio. Precisava da opinião de alguém sobre seus novos desafios literários.

Capítulo 28

A primeira coisa que Silvio leu assim que abriu sua caixa de e-mail foi o rascunho do que seria um futuro conto ou novela ou romance, sei lá, de Conrado. O e-mail era sucinto. "Caro amigo, preciso que alguém leia. Você e meu pai sempre foram meus leitores de cabeceira. Faz esse favor? Ainda não sei o que será. Ainda não importa. Não está pronto. Apenas leia. Me diga algo. Preciso ouvir algum retorno disso. Abs". A resposta de Silvio foi rápida. "Como você gosta de dizer, meu caro, 'ok ok'. Não poderei ler hoje, estou nos preparativos para o sarau. Estava com saudade dessas suas 'inconveniências'. Obrigado pela honra. Até hoje à noite, hein?"

Silvio abriu o arquivo por curiosidade. Eram 163 páginas em *word*. O texto ainda tinha um título: "A paixão dos suicidas". Conrado e sua incorrigível adoração por Bandeira, pensou Silvio. Por enquanto, abaixo do título, um pseudônimo: Ricardo Peixoto. Silvio sabia desse hábito de Conrado. Enquanto um texto não estivesse pronto, ele não colocava seu nome para não se comprometer. Ricardo era o pseudônimo preferencial dele em concursos. Até para paquerar algumas meninas, às vezes, ele usava esse nome que ele chamava de "meu nome de guerra".

Ao passear um pouco pelas páginas, Silvio já percebeu algo diferente. Encontrou, lá pela página 83, um poema. Não resistiu e, mesmo com o tempo apertado, o leu. Pelo menos ele. Não aguentou. Na hora, mandou para Conrado uma mensagem. "Caro poeta, você conseguiu juntar todos os arquétipos, todos os lugares comuns da poesia lírica de uma só vez: o amor, a saudade, a mulher, blá blá blá. 'Quadro intocável no museu dos amores:' é um verso demasiado apelativo. Citar o nome de sua mulher no poema foi uma entregação sem tamanho. Penso que a distância de Laura está fazendo o poeta pintá-la com essas tintas do incrível. Não me soa muito contemporâneo. É idealização demais para o século XXI. Conrado, o que as mulheres estão fazendo de/com você? O meu olhar agonizou ao ler. Rsrs Repense. Sei que vai falar que não é

você. Que é o tal do Ricardo aí etc etc. Que não é sua Laura, mas a de Petrarca. Ok Ok. Rs. Depois de ler a narrativa toda, mando mais comentários. Sei que vai odiar esses, mas sabe, né? Quando gosto, gosto, mas... Sem mais, até a noite, poeta".

Conrado, ansioso por alguma resposta, enquanto escolhia que poemas falar à noite, consultava a caixa de e-mail a todo momento. Viu o primeiro e-mail de Silvio falando do tempo e tal. O segundo feito inesperado. Leu e chateou-se. Seu cacoete veio forte. Aquele canalha. Não sabe nada sobre lirismo romântico. Sobre emulação. Sobre eu-lírico. Fica falando essas canalhices. Nem viu o contexto nem nada. Pega a porra assim solta e destaca pra detonar. Típico de Silvio. Aquele pilantra. Irritou-se mesmo. Cogitou até faltar ao sarau. Mas João poderia estar lá. Tinha que agradecê-lo a entrevista. O editor poderia estar lá. Era uma oportunidade para vender alguns livros encalhados e Beatriz estaria lá, principalmente. Foi se arrumar. Um almoço em família o esperava.

Capítulo 29

Deixou a sua até então inseparável *Crown* em casa. Queria evitar confusão. Antes das 12h já estava entrando pela porta da garagem. Ligou para Laura algumas vezes. Em vão. Subiu. Não seria deselegante a ponto de usar a sua chave. Apertou a campainha. Dona Sônia abriu a porta surpresa. Meu filho, você por aqui. Mais surpreso ficou Conrado com a reação da ex-sogra. Como assim, Soninha? Laura me convidou para almoçar aqui hoje. Tetê e Zinho estão na casa dos amiguinhos e Laura até onde puder perceber está deitada. Fui lá para vê-la, estava até roncando. Laura dormindo até agora? Roncando? Mas já vai dar 12h. Isso mesmo. Deve ter tido uma noite longa como a sua. Soninha, eu cheguei cedo. Dormi tarde compondo, mas estou aqui, não estou? Você aí e ela lá dormindo. Mas entre. Venha. Vamos almoçar nós dois. Costumava gostar de minha companhia. É... era a vergonha diante de meus amigos eu dizer que gostava de minha sogra. Ô, meu filho, a recíproca é verdadeira, verdadeira, viu?

Almoçavam regados a um longo papo. Ela perguntou o que ele estava fazendo da vida. Como foi o filme de ontem. Como se comportaram os netos. Como estava a saúde. Como era a nova casa. Se estava precisando de alguma coisa. Se já tinha começado as corridas na orla. Se tinha mais coisas além de livros. Se ainda gostava de Laura. Essa última pergunta o pegou de jeito. Engoliu a carne quase sem mastigar. A boca secou na hora. A *Malzbier* que tomava não foi suficiente para aliviar o queimor daquela pergunta. Antes tivesse comido aquela pimenta pensando que era vinagrete do que ouvir uma pergunta assim de sua própria ex-sogra. Quando se preparou para a resposta, eis que surge Laura apenas de sutiã, calcinha e pantufas no meio da sala ainda meio zonza. Conrado nem percebeu as pantufas. Laura estava linda, como sempre, mesmo de olheiras.

Conrado?! Laura?! Mãe, a senhora não me avisou que Conrado estava aqui. Minha filha, você que não me avisou que tinha convidado

Conrado para o almoço. Convidei? Sônia e Conrado de uma só vez: Convidou! Laura, com o susto, até se esqueceu de seus trajes. Por outro lado, também teria vergonha de quê? Conrado já viu aquele corpo tantas vezes. Ela pensava que seu corpo para Conrado já não lhe causava efeitos. Lembrou-se de um trecho que ele sempre gostava de repetir, dando vivas a *Dostoyevsky:* "Tenho a impressão de que até este dia ela me olhou como aquela imperatriz da antiguidade que se despiu diante de seu escravo apenas por não considerá-lo na condição de homem". Algo assim. Poderia ficar ali, despida, por achar que Conrado não mais a considerava na condição de mulher.

Enganava-se. Conrado tentava conter-se, mas aquela seminudez o aprisionou. Ficou vermelho. Como nos rubores da adolescência. Sentiu-se um adolescente. Cada disfarce que tentava apenas mais denunciava seu incômodo. Dona Sônia inventou na mesma hora que tinha que ir ter com a vizinha. Se foi sem nem querer saber o que dali aconteceria. Desculpe aparecer assim. Não sabia que estava aqui. Tudo bem. Não precisa dizer que já está acostumado. Não, eu não ia dizer isso. Eu ia dizer... O que ia dizer? Nada, deixa pra lá. Levantou-se, foi até ela. Deu um passo para trás. Você fumou, bebeu? Não... é quê... voltei a fumar um pouquinho. Vou vestir algo. Volto e conversamos. Ele andou até a janela pra tomar um ar, queria entender. Só nesse momento Conrado se deu conta do cinzeiro cheio e de bitucas de cigarro na varanda. Agora, tinha entendido tudo. Laura tinha saído ontem. Bebeu. Chegou tarde. Fumou na varanda! Esqueceu-se do compromisso com ele. Fumou aquilo tudo sozinha? Devia estar com algum paquera. Foi dormir naqueles trajes. Não se assustaria se um cara saísse pela porta do quarto deles, dela. Não pagaria pra ver.

Conrado, só mais um minutinho. Laura estava escovando os dentes. Vestindo uma roupa legal. Embelezando-se para Conrado e se perfumando. Então, como foi a saída ontem? Conrado? Você foi ao lavabo? Conrado?! O prato ainda pela metade. A *Malzbier* esquentando. A chave do carro sobre a mesinha. E Laura lá, vestida para ninguém. Estava com muita sede, muita fome. Atacou a comida sobre a mesa. Almoçou sozinha. Ele deve ter se chateado porque esqueci que o convidei para

almoçar. Ficou tentando entender.

Conrado sentia um misto de raiva e ciúme. Como tão rápido? Bebeu e fumou, o que mais condenava em mim. Chegou tão tarde que dormiu até às 12h. Esqueceu que me chamou para almoçar. Por mais que não visse Laura, por mais que seus contatos remotos fossem mais pequenas brigas do que conversas, ele ainda a tinha num lugar especial e os gestos dos últimos contatos indicavam uma reaproximação. Aquele abraço parecia ainda estar nele como o beijo na testa. Ela insistiu para me levar para casa porque precisava do carro para sair, com certeza. O abraço foi o carinho típico de quem quer aprontar algo. Ela estava era me preparando para o pior. Pela primeira vez, ao andar da casa de Laura até seu quarto e sala, não escolheu ir pela orla e nem triscou em nenhum cigarro. O cheiro do cigarro naquele momento remeteria ao disparate de Laura. Ele lá derretido diante da imagem de Laura em peças íntimas pensando ser um jogo de sedução dela, ao qual ele não se esforçaria em resistir. E, na realidade, era o desleixo de uma ressaqueada que nem sabia direito o que estava fazendo.

Naqueles meses todos de separação, ele se culpava pelo fim. Por ser tão egoísta quanto Laura dizia que ele era. Por não ter deixado de fumar. Por não pensar nela e nos filhos. Por negligenciar a saúde. Ouviu isso por dez anos. Desde quando Tetê nasceu. Dez anos de culpa. Sentia-se, o tempo inteiro, culpado. Dez anos de culpa dissolvidos assim. Voltei a fumar um pouquinho? Uma ova! Voltei a fumar um pouquinho... Um caralho! Seu principal argumento para a separação caiu por terra assim, fácil, rápido. Agora vai se separar de quem? Dela mesma? Conrado só pensava em tudo que ouviu nesses dez anos. Sua mão não saia do queixo parecendo querer impedir seu tique de se realizar. Só pensava o tanto que a separação o travou. Quanto o divórcio, ainda mais da forma que foi, o deixou fraco, sem iniciativa, sem ardil nenhum. Preferia carregar aquela culpa pelo fim àquele vazio enorme no qual estava submetido agora.

Mais uma manhã perdida para uma vida tão curta. Parafraseou seu próprio verso. Não perderia mais tempo. Trabalharia no resto de tarde que lhe cabia e, à noite, o sarau o esperava. Nunca quis tanto ir ao sarau como naquele momento.

Capítulo 30

"**CULPA**

Por Conrado Fischer

Conduzia sua cabeça baixa por essa palavra terrível. Cada uma de suas ações, sua voz, o que quer que fizesse ou pensasse, fazia e pensava com culpa. Culpa era o que consigo carregava. Sua fisionomia abatida, seus olhos sombrios, seus braços de gestos comedidos e passos como os de quem se arrasta... era culpa. Sua discrição era mais um esconder-se, e escondia-se. Ombros arriados, cabelos soltos e desgrenhados, sem corte, sem viço. Descuidou-se de si. É a culpa, a culpa que carregava. Dez anos, dez anos de culpa... Meses de arrependimento e os dias somavam-se sem nem pra quê. Vida pior que a morte. Mas, não podia matar-se, morrer impura? Não! Tinha que se purgar. Viver assim, desse jeito era uma penitência. Há dez, dez anos, dez.

Era bonita até; alegre às vezes; sedutora sempre. Simpática para aqueles que lhe agradavam. Na medida do possível, considerando-se possíveis oscilações, gostava-se. Mas a culpa fez um estrago em seu espírito, obscureceu sua alma, manchou sua pele. "Foi sem querer, mas fui eu". Pensava-se. Há uma década... uma. Tivesse parado. Não parou. Não adiantam conjecturas. Restou-lhe viver com o que sobrou...

Tinha certeza disto: matara um homem. Levaria consigo sempre essa sentença. Evadira-se. Jeito covarde de ser. Olhou o homem no rosto, nunca se esqueceria daquela fisionomia. Matara um homem... Assassina e impura. Devia uma alma a Deus, pagava, então, em vida, com a sua. Há dez anos... "Deus tenha piedade de mim". Resignava-se. Terá sido sua culpa o acidente? E se lembrava daqueles olhos mirando os seus antes de desaparecem sem sinal de vida. Último olhar que trocara com alguém em dez anos. Ela tinha certeza de que ele levaria para o além-mundo seu rosto, assim como o dele, todos os dias, em dez anos, frequentava seus dias, suas noites. Devia tê-lo ajudado... assustou-se

diante da morte. Mais temor e omissão que maldade. Deliberadamente ou não, causou aquela morte. Desde então, passou a ser uma só coisa: culpa, culpa, culpa...

Mas, a vida tem lá os seus mistérios:

— Foi a senhora! Nem ajuda me deu!!!!

Assustou-se. Jamais esqueceu aquele rosto. Pelo visto, ele também não. O homem morto por ela há dez, dez anos, lá, à sua frente exigindo uma ação que deveria ter ocorrido há uma década. Impossível, pensou com sua necessária incredulidade. Seu fantasma à sua frente dez anos depois. "Não, não, não, não, não... Não! Não pode estar vivo!" Como ficaria sua culpa? Sua culpa de dez anos? Não podia permitir perder dez anos assim, assim em um minuto."

Deixou o texto num arquivo chamado "Textos em andamento". Revisitaria muito ainda esse arquivo. Começava a perceber que, como nunca, logo com ele, baluarte da objetividade e do distanciamento autoral, de repente, tudo o que sentia, tudo o que acontecia em sua vida, tinha algum desdobramento literário que nem sempre conseguia omitir com suas técnicas literárias e habilidades linguísticas como nesse. Esse, ele escreveu de pronto. Sem nem precisar de seu velho *Malba* como subterfúgio.

Capítulo 31

Beatriz acordou cedo. Entrou no trabalho antes do horário, pois queria adiantar suas tarefas logo. Estava ansiosa pelo sarau. Gostava mesmo desses eventos, não entendia quem não gostava. Duda não gostava. Ver Conrado falando poemas lá depois de um ano ia ser bem legal. Mais legal ainda que ele agora era seu amigo.

Conciliava o trabalho na sessão de esportes do jornal com a assessoria de imprensa do shopping. Era descolada, embora preferisse sempre preservar sua vida pessoal, o que a fazia parecer um pouco séria. Desde que decidiu ficar em Salvador, aquela era a primeira vez que estava sozinha realmente. Evitava antes a casa da Graça, lá havia as coisas de seus pais por todos os cantos. Queria ganhar a vida sozinha. Ela vivia mais mesmo no sobrado de Duda. Seu status no Face era até de casada. Só não alugava a casa da Graça por causa dos pais, vai que eles aparecem do nada. A casa da Graça tinha que sempre parecer minimamente habitada por ela. E, às vezes, era por ela e Duda. Sem que os pais soubessem, é claro. Duda preferia a casa da Graça. Há muito abriu mão da mesada. Depois de formada, começou a ganhar seu dinheiro sozinha. Não era muito. Vivia um pouco apertada. Mas ter uma casa e um carro para iniciar a vida já era para ela privilégio demais.

Cuidava de seu *black* com muito esmero. Era uma falsa magra. Tinha os olhos castanhos, quanto mais o sol se aproximava mais eles ficavam translúcidos. Era um castanho todo dela. Andava de óculos a maior parte do tempo. Óculos grandes. Cadê meus olhos? Perguntava quando os perdia. Preferia se ver de óculos. Os óculos, ainda que escondessem um pouco da beleza de seu olhar, doava-lhe certo estilo. Duda preferia sem óculos. A cara não negava que gostava de ler. Era um misto de beleza e inteligência. Duda se irritava com sua mania de ler tudo em todo momento e não gostava dos livros pela casa. Duda havia se apaixonado por ela à primeira vista. Foi por Duda que ela não quis ir para o Rio com os pais. Foi por Duda que ela deixou o noivo. Era para Duda, mais

que para seus pais, que ela queria provar que conseguiria. E agora, cadê Duda?

Não conseguia se concentrar direito nos afazeres. Ficou sabendo, por um acaso, que Duda tinha outra. Trocou três anos em duas semanas. Tá, sabia que não estavam bem. Mas estavam. A manhã não foi suficiente para finalizar suas atividades. Chateou-se por ter que ficar tarde adentro ainda no jornal. Na realidade, estava enfadada do setor de esportes. Todo dia se arrependia de ter dito que quase se profissionalizou como jogadora de futebol. Ainda, com petulância, completava: como atacante. Ninguém, olhando para ela, falaria que ela tinha sido alguma vez na vida jogadora de futebol. Muito menos atacante. Mas todos pagavam pra ver. Ganhou de cara a simpatia do editor que achou legal a ideia brilhante que teve de colocá-la pra cobrir os esportes. Ela tentava sublimar isso escrevendo em seu blog quinzenalmente sobre literatura, claro.

Correria. Ainda queria relembrar um poema que tinha preparado para falar hoje à noite.

Capítulo 32

Silvio, exausto, olhava o local todo arrumado. Não sabia com que milagre tudo ficou pronto com antecedência. Som testado. Bar pronto. Cenários montados. Livros dispostos. Projetores a postos. Foi para casa tomar um banho. Quem sabe até daria para descansar um pouco. Antes de entrar em casa, porém, cruzou com uma conhecida do bairro. Ele gostava muito de conversar com ela. Ela tinha uma paixão por literatura tão grande que o agradava. Lembrava seu tempo de moço. Os seus mais de 40 não lhe permitiam mais tanta entrega. Oi! Olá, Silvio! Está apressada? Sim, é que vou sair hoje. Ahhh, pena, se não já tivesse compromisso ia fazer um convite. Fiquei curiosa. Qual seria o convite? É que estou organizando um sarau hoje. Lá no Porto? Sim, sim, lá mesmo. Tô ligada. Estarei lá. Que bom! Maravilha! Então, sinta-se à vontade pra sentar à minha mesa. Não vou ficar muito tempo parado por lá, mas tem a Thelma, ela pode lhe fazer companhia. Eu já tenho uma companhia. Mas, mesmo assim, muito obrigada. Não precisa agradecer. Obrigado você por ir. Será um prazer. Bom, deixa eu adiantar. Quero falar um poema hoje, será que posso? Claro, claro. Teremos um autor convidado, mas depois os microfones estarão abertos. Não sabia que declamava. Não declamo. Tchau. Até logo.

Antes de ir para o banho, Silvio se lembrou do rascunho de Conrado. Uma curiosidade tomou os espaços. Abriu o arquivo e mexeu o mouse para cima e para baixo. Escolheria algum outro trecho aleatório. Parou na página 82:

"Aqueles dias foram importantes para que ele pensasse o que sentia por Marília em vez de sempre ficar se colocando como alvo de algum sentimento dela. Não chegou a uma posição definitiva. Só sabia que ela já era importante em sua vida. Convidou-a para o sarau do dia seguinte. Ela aceitou sem hesitar. Preferia o sarau a qualquer outro programa. Nem precisou ele falar duas vezes.

— Vou adorar. Claro que irei. Já tem um tempo que vi você falando poemas em um bar lá na Barra.

— Na Barra?

— Foi há um ano mais ou menos.

— Talvez, não sei.

— Entendo que não se lembre de mim, escreveu nos meus livros sem nem olhar na minha cara. Mas não lembrar nem do sarau?

— Foram tantos.

— Só sei que lembro e gostei.

Ricardo achava cada vez mais que ela gostava dele. Aquele amor obsessivo. Passou a cogitar que ela o seguia. Que fuçava sua vida. Que planejou tudo para seu primeiro encontro. Que não houve entre eles nenhuma coincidência. Era tão evidente seu rosto de suspeita. Uma expressão que irritava Marília e dessa vez não foi diferente.

— Ricardo.

— Diga.

— Já disse que desde antes que era sua leitora e tal. Normal uma leitora ir assistir a seu autor predileto.

— Sou seu autor predileto?

— Um dos... — A conversa não durou tanto. Marília preferiu não avançar muito no papo. Tornou a ser mais ouvinte que confidente. Ele estava tão empolgado com o sarau. Ricardo voltou para sua casa, devolveria o carro a Carolina depois. Como sempre, depois que se encontrou com Marília, vinha uma inspiração que, na realidade, não passava de uma vontade de escrever. Foi o fez durante o resto de noite."

Sarau? Barra? O que esse puto tá fazendo é o quê? Uma espécie de autobiografia ficcional?! Eu tenho que descobrir quem é essa Marília. Acho que vai ser hoje.

Capítulo 33

A essa hora da tarde, Laura já tinha conseguido se recompor. Perdeu um dia todo de pesquisa. Sua mãe suavizava a perda lembrando que ela tinha que aproveitar o recesso que estava chegando ao fim. Mas a resposta sempre era a mesma: pesquisa não tem férias nem recesso. A pesquisa não para, mãe. A mãe sabia que sua chateação de horas não era necessariamente por causa da pesquisa. Desde que Dona Sônia voltou da casa da vizinha só ouvia falar de uma coisa: Conrado. Por que não vai logo a esse sarau? Tem tanto tempo que não vou a um sarau. O último foi uma catástrofe. Ele querendo ficar lá infinitamente. Eu querendo ir embora logo. Aquelas menininhas pedindo autógrafo. Foto, beijo. Um saco. Tinha uma black da última vez que Deus me livre. Era vidrada nele. Comprou três livros assim de vez. Fez questão que Conrado dedicasse cada um. Aquela menina não me saiu da memória. Entojo dela. Aff. Toda estilosinha. Dona Sônia lembrava muito bem a confusão que isso deu. Conrado dizendo que não se lembrava de nada. Que deu tantas dedicatórias que aquela foi mais uma. E tinha sido apenas mais uma mesmo. Conrado nem olhava direito para o rosto das pessoas. Nunca gostou desse contato direto com seus leitores. Sem contar que tinha uma péssima memória para nome e fisionomias. Só queria ficar mais pelos amigos e pela cachaça. Dar autógrafos ou fazer dedicatórias era o purgatório do escritor. Dizia.

Lembrar-se do episódio só lhe deu mais irritação, por outro lado a motivou a ir. Observaria o movimento. Veria como Conrado se comportaria na condição de divorciado e, de quebra, poderia servir como um pedido de desculpas pelo esquecimento de mais cedo.

Tetê queria ir também. A vó logo despistou. Ao perceber que a mãe se arrumava, Zinho começou a chorar. Ela ficava tanto tempo viajando, que quando estava por lá queria ela toda para ele. Dona Sônia administrou a situação como só uma vó saberia fazer. O evento não era para crianças mesmo e não ir estava fora dos planos. Para Dona Sônia, isso

faria Conrado muito feliz. Para Laura, era um risco necessário. Estava nervosa como um primeiro encontro. Foi escolher a roupa. Enquanto se olhava no espelho até sussurrou aquele soneto de Vinicius. Não sairia enquanto não se sentisse no mínimo tão bela.

Capítulo 34

Às 19h, Conrado já estava à porta do condomínio, fumando seu *Malba* enquanto aguardava o carro da produção que iria buscá-lo. Olhou para o cigarro e ficou com saudade do *Carlton* e das memórias que ele carregava. Seu pai, seu primeiro encontro com Laura. Ficou com saudade de sua casa. De seu escritório. Da rotina que tinha lá. Chegou a se lembrar de quando fumava com Laura. Nem se lembrava direito em que momento esse hábito que eles chamavam de prazer, passou a ser chamado por ela apenas de vício. E ele, de descolado e charmoso, passou a ser um dependente. Só faltava colocar à sua frente aqueles cartazes: "Livre-se do cigarro, antes que ele acabe com você". E com sua família! Completava. Riu nessa hora.

Estava decepcionado com Laura. A raiva já tinha sido mitigada, mas uma frustração chata insistia em ficar. Fumar na varanda? E as crianças? E o cheiro que fica pela casa? E os dentes? E a boca? E o hálito? E a língua? E os olhos, garganta, traqueia, esôfago? O pulmão como é que fica?! Parecia tão inexplicável. Ele até estava fumando menos. Parar nunca. Mas tinha diminuído sim. Até cogitava seguir o conselho do médico e começar o *cooper* na orla. Afinal de contas já passava dos 90 kg. Não ia demorar muito pra perceberem que mentiu na entrevista.

Às 19h40min, o carro da produção chegou. Seu Conrado Fischer? Sim, sou eu. Sou Maria Eduarda, a motorista contratada pela produção. Prazer. Vamos nos atrasar, hein? Que nada, Seu Conrado. Vou rapidinho. Pituba pra Barra é um tanto, 10 km, em 20 minutinhos estaremos lá. Ok ok. Se me garante. Bote fé! Vamos lá. Pode me chamar só de Conrado. Já tá tudo pronto por lá? Olha, não sou da produção, trabalho com transporte e a produção contratou esse carro para vir pegar o senhor. Você. Certo, pra vir pegar você. Só isso. Ok Ok. Não precisa correr assim. Combinado é combinado, estará no Porto às 20h em ponto. Pelo visto, Silvio está cada vez mais profissa. Tá fazendo bom uso do dindim que conseguiu com o edital. A primeira vez que vem carro

com motorista e tudo. Você dirige bem, hein? Faço isso todo dia, se não fizesse bem... Conrado engoliu a aspereza da resposta. Eduarda já estava achando que ele era um machista chato. Quase pergunta: não poderia dirigir bem por que sou mulher? Desistiu. Até que uma pergunta de Conrado invadiu o silêncio meio constrangedor. Gosta de literatura? Não muito. Hum. Mas sei quem você é. Sabe? Já passaram por minhas mãos três livros seus. Três? Sim... eu tinha uma companheira que adorava poesia, conto, essas coisas. Ela leu alguns pra mim. Foi? Sim. Uma buzina forte pôde ser ouvida. Menina, quer nos matar? Esse otário que não dá seta. Odeio motorista que não dá seta. Tá com o dedo onde, filho, no cu?! Gritou projetando a cabeça para fora da janela. Conrado ficou chocado com a reação dela. Mas gostou de sua espontaneidade. Depois disso, riram um tanto. Atrás daquele jeitão todo, parecia ter uma mulher interessante. Meu nome não é menina, é Maria Eduarda. Certo, Eduarda. Não vou me chatear se não chegarmos às 20h. Manera aí, tá?! Ok.

Às 19h58min. 18 minutinhos aí, tá vendo? Entregue. Eduarda, não fala assim. Ficou parecendo que eu era uma pizza. Riram mais um pouquinho. Por que não desce? Assiste a um pouco do evento. Talvez goste. Quem sabe não falo um poema que por um acaso é o que marcou lá seu relacionamento. Não quero muita coisa que marque meu relacionamento anterior não. Acabou, acabou. Conrado se sentiu meio amigo dela. Conrado sempre gostava de histórias dos outros. Depois de alguns ajustes e outras metáforas, usava quase todas. Desceram do carro, sentaram na calçada. Mulheres, separação, pareciam dois amigos conversando.

Dentro do bar/livraria, Silvio já estava preocupado com a demora. Jamais contrataria aquele serviço novamente. À sua mesa, fazendo companhia a Thelma, Laura já se re-enturmava com os amigos da boemia. Conversava distraída, mas ansiosa pela chegada de Conrado. Bia também já se encontrava lá dentro, mas em outro ambiente. Sabia que essas coisas demoram um pouco a começar. Ficou ouvindo *long plays*, só sairia dali quando escutasse a voz de Conrado ao microfone.

Às 20h30min, a conversa entre Eduarda e Conrado ainda rolava sol-

ta. Toma aí, só uma. Trabalho dirigindo, cara. Só uma, rapa. Já estavam com uma *long neck* em mãos. Aceita? Não, cara, valeu. Não fuma? Não fumo sempre, quando fumo é *Gudang*. Sentados lá longe da entrada. Silvio odiava ligar para cobrar, essa era para ele a pior parte. Mas não teve jeito, ligou. Alô, Maria Eduarda? Sim. É Silvio, cadê Conrado? Conrado fez um gesto para Eduarda dizendo para ela se safar que ele se virava com Silvio depois. Velho, deixei ele aí exatamente às 19h58min. Antes das 20h como combinado. Pô, ele não entrou. Cara, sou motorista, não babá do autor. Silvio se irritou com o tom meio agressivo dessa ironia, mas se conteve. Afinal, ela só estava reagindo à aspereza dele mesmo. Vou aí embaixo ver o que foi que aconteceu. Foi mal. Valeu. Nada. Para não perder de todo sua autoridade sobre a contratada. Não se esquece... Sei sei, pegar equipamento e afins no final do evento. Isso. Tchau. Até.

Eduarda teve que sair correndo para não ser vista lá. Conrado estava com a cabeça borbulhando de ideias, a conversa com Eduarda foi bastante revigoradora. Deixou até um pouco de lado a frustração que lhe acometia. Queria até conversar mais. Entrou confiante de si.

Silvio o encontrou já na escada. Cara, onde você estava? Dessa vez pensei que fossemos começar no horário. Que é isso, bicho? Fica tranquilo. Já não tá rolando um som aí, de boa? É bom que o bar vende mais. Silvio interrompeu antes que ele continuasse. Tá bom, tá bom. Olha, sabe quem está aí? Nem precisou dizer. A primeira imagem que sequestrou os seus olhos foi a de Laura, com um copo de uísque nas mãos, conversando entre sorrisos, parecia muito feliz, mais livre. Ao seu lado, Thelma. Não precisa dizer, Silvio. Já estou vendo. Laura. Isso. E agora você vai me dizer que aquele do outro lado dela é... Ele é Rodrigo, meu orientando. Me ajudou um pouco com os preparativos, ele está pesquisando. Conrado não quis saber o que ele pesquisava. Só sentia alívio. Pensou que Laura estivesse com Rodrigo, é isso? Não, deixa pra lá. Rapa, cê tá que tá, viu? Ciumento! Ainda quer algo com Laura? Mas e a tal de Marília, onde fica? Que tal de Marília, Silvio? Tá doido! Marília, pô. Falou em tom jocoso: "Aqueles dias foram importantes para que ele pensasse o que sentia por Marília". Personagem, Silvio. Apenas uma, mais uma, personagem. Silvio tinha notado que Conrado

nunca havia se revelado tanto subjetivamente em seus textos. Marília existia. Existia sim! Podia ser Roberta, Fernanda, Fabíola, Carola, Nicole, Désirée. Ele descobriria.

Não estava reclamando de meu atraso? Agora fica aqui de conversinha. Vamos logo pra lá. Ok ok. Conrado já não suportava isso de todo mundo ficar imitando o seu "ok ok". Joguei pedra na cruz, Deus! O cacoete veio de leve. Desculpa. Vamos.

Falou com Laura mais por educação que por vontade. Aquele novo comportamento dela era tudo o que ele queria, mas pelo menos há uns dez meses. Agora, de que adiantaria? Já devia até ter outro. Mulheres sempre mudam quando tem outro. Mais um pensamento machista pra sua conta. Lembrou-se de coisas que Eduarda disse a ele. De como, quando estava com outra, a primeira coisa que a companheira notou foi sua mudança de comportamento. De como ela tentou inverter as coisas, fazendo a companheira pensar que ela que tinha ciúme, fazendo a coitada, além de corna, se sentir culpada pelo fim. Era para que as coisas parecessem mais aceitáveis pra ela. Sem notar o quanto foi cruel. Justificava.

Laura notou certa frieza no cumprimento de Conrado, mas ainda via aquilo tudo como pirraça por ela ter se esquecido do almoço. Esquecia mesmo era de como a imaginação dele era fértil. Suas conjecturas não paravam. Subiu ao palco.

Capítulo 35

Morrer.
Morrer de corpo e de alma.
Completamente.

...

Morrer sem deixar porventura uma alma errante...
A caminho do céu?
Mas que céu pode satisfazer teu sonho de céu?

Morrer sem deixar um sulco, um risco, uma sombra,
A lembrança de uma sombra
Em nenhum coração, em nenhum pensamento,
Em nenhuma epiderme.

Morrer tão completamente
Que um dia ao lerem o teu nome num papel
Perguntem: 'Quem foi?...'

Morrer mais completamente ainda,
- Sem deixar sequer esse nome.

A morte absoluta, Manuel Bandeira

Os copos foram deixados sobre as mesas. Os aplausos foram fortes. Contagiantes. Ele sempre falava poesias muito bem, mas, naquele momento, tinha se superado. Sua voz um pouco mais rouca doava certa capciosidade às palavras. Ainda bem que cumpriu sua promessa. Laura se arrepiou. À porta da sala dos vinis, boquiaberta, Beatriz se orgulhava do amigo que tinha. Após o poema, Silvio fez as honras da

casa. Apresentou o autor a todos e começou um bate-papo sobre sua carreira literária e assuntos diversos. Entre uma conversa e outra, os presentes prestavam atenção ao que Conrado dizia. O espaço estava cheio. Ao final, Conrado estará autografando os livros. Comunicou Silvio. As pessoas comiam, liam e bebiam, mas, sobretudo, ouviam o que Conrado tinha a dizer. Vez ou outra, a audiência era premiada com mais um poema ou um trecho de alguma prosa predileta. Enquanto isso, a vida corria solta lá fora, indiferente àquele momento no qual parecia que todo o resto estava em suspensão.

Conrado, nos fale um pouco sobre seu processo criativo. Conrado olhou para Silvio de soslaio, riu entre dentes, disfarçando a irritação da pergunta. Lembrava que Laura sempre dizia que tinha que ser menos ranzinza nas apresentações em público. Estava até conseguindo ser mais leve. Mas aquela pergunta filha da mãe o pegou de jeito. Na verdade não sabia o que responder. Falaria que não tem porcaria de processo criativo nenhum? Achava que o simples "sento e escrevo" era tão desabonador. Mas era a verdade. Mentiu. Inventou mil maneiras. Expôs sua ars poética a todos os ouvintes. Maravilhou alguns com suas técnicas inovadoras. Laura pensou que não sabia que lhe era tão trabalhoso escrever. Tudo o que escrevia a partir daquelas respostas parecia ter mais valor. Com um processo criativo daquele. Afff.

Alguns aspirantes a escritor pegaram logo a caneta e fizeram anotações rápidas para não esquecerem aquelas dicas maravilhosas. Tentariam assim que possível repetir aquele procedimento. Alguém lá na mesa ao fundo gritou como quem sugere e pede: Por que não ministra um curso de escrita criativa? Conrado não aguentava mais. Ficou com vontade mesmo de gargalhar. Diante do ridículo disso tudo, apenas disse que ia ver, que Silvio informava a todos qualquer decisão sobre isso. Toda aquela encenação retórica lhe fez ganhar alguns fãs. Silvio percebia que seu amigo já começava a se enfadar com aquele falatório todo. Por que não recita uma última pra gente? Laura já preparava seus ouvidos para o *Soneto de devoção* com o qual ele costumava encerrar sua participação. Conrado, entretanto, enchia seus pulmões rígidos para lançar mão de um Drummond. Nem um nem outro. Silvio o interpelou. Mas

recita agora uma sua. Ok? Ele odiava recitar poemas seus, tinha até dificuldades de memorizá-los. Mas, enfim, não daria um de turrão. Em vez de falar, posso ler? Claro. Escolheu um longo, de muito tempo.

O homem,
por trás de seus negócios,
de seus cansaços, de suas insônias,

por trás de suas agonias,
de seus desejos, de suas obstinações,
é tão somente um homem.

O homem,
por trás de seus óculos,
de seu corpo, do que todos veem,

por trás de seu bom-dia!
de suas paixões, de sua impassibilidade,
não é certamente o que aparenta ser

nem é, por trás da subjetividade
do seu Ser, o inverso de sua aparência,
de sua intrepidez e de sua implícita fraqueza.

O homem
não é suas roupas
ou sapatos ou matérias,

não é seus estudos
ou diplomas ou trabalhos.

O homem
não é seu dinheiro
ou despesas ou contratos,

não é o que existe
nos que pensam conhecê-lo.

O homem,
oculto no próprio homem, impedido,
não pode ser o que pensa... e perde-se,

e procura revelar-se a um outro
que não o repreenda, porque procura
ouvidos e não cobranças ou acusações.

O homem
que na multidão não se enxerga
e nem ao menos vê-se ante ao espelho,

que não enxerga os outros, e sim
o que pensa ser os outros... e engana-se.

O homem
que percebe que não está
em si, nem os outros nos outros,

e acoberta seu medo de,
por trás de todos os seus planos,
por si e pelos outros, não ser encontrado.

O homem
que, por trás de sua astúcia,
de suas reflexões, de suas lembranças,

de seus esquecimentos, de seus receios,
de suas preces, de suas saudades,
é as suas anulações,

e não se exemplifica,
nem pode explicar-se aos outros
nem pode explicar em si os outros.

O homem
que, por trás de suas buscas,
busca a si mesmo,

que, por trás de seu rosto,
chora e apetece por entender-se
em seus omitidos pensamentos e ações,

que, por trás de si,
é o seu próprio avesso,
é a sua meta que de si escorre.

O homem
que se esconde:

por trás do olhar,
por trás do silêncio, dos gestos,
por trás das palavras e de cada pedido,

que se esconde
por trás do dia, da noite,
por trás de suas irritações e calmas,

que se esconde
por trás da sociedade, por trás de volúpias,
por trás de quartos de hotel e por trás do homem.

O homem-rio
que, quando descobre-se,
já não é o mesmo,

mas se deixa ser seguido
por seus afluentes,

que são partes do mesmo rio
que o é sem sê-lo.

O homem-magno
que, veloz, com seu carro,
corta a estrada, sangra a estrada,

dividido entre cidades
e mulheres,

entre cigarros
e acontecimentos,

entre acontecimentos
e esperas.

O homem-cotidiano
que, entre sua existência,

entre sua indefinição
e a falsificação da verdade,

entre seu almoço,
seu descanso e suas necessidades,

cravado de mistérios e sonhos,
grávido de esperanças e desesperos,

entre o que talvez seja
e o que não se sabe,

(por trás de seus rótulos,
preconceitos, virtudes, princípios,
ideias, relações, máscaras e carências)

apenas almeja mostrar-se,
e simplesmente ser aceito: homem.

Foram 2 minutos e 50 segundos em suspensão. Para um dia de 24 horas parecia nada, mas para quem ouve um poema parece mais uma eternidade. Mesmo com a rouquidão charmosa, parte da audiência se dispersou do meio para o final. Aqueles que prestaram atenção, no entanto, seja para criticar ou elogiar, prestaram atenção mesmo. Laura pensou logo que cidades e mulheres seriam essas. Que quarto de hotel? Sentiu naquele poema uma indireta para ela. Mostrar-se e ser aceito? Laura já estava aceitando tanto Conrado que imperceptivelmente já era quase ele próprio com seus vícios e comportamentos. Só ele não percebia isso.

Beatriz era outra das que estavam atentas a cada palavra, a cada imagem. Percebeu logo alguma relação dele com coisas que Conrado havia contado sobre sua vida. Ficava dividido entre o interior e a capital. Entre estar na capital com Laura ou entre continuar no interior com a mãe. Da relação difícil de Laura com Dona Dora, o que o dividia entre essas duas mulheres. Queria se deixar mais levar pelo poema do que tentar ficar descobrindo as suas charadas. Sabia que o poema era mais que isso. Mas decodificar alguns versos era irresistível. Essa é uma das vantagens de se conhecer o autor. Pensava, gabando-se. Vantagem?

Capítulo 36

Na vida lá fora, Eduarda fazia outro trabalho. Sabia que o evento demoraria para acabar. Achou Conrado simpático. Ficou um pouco com vergonha de ter lá no fundo sentido mesmo um pouco de ciúmes dele com Beatriz. Pela primeira vez, inclusive, admitiu para si mesma que teve ciúmes de Bia. Via ali que era bobagem. Ele, afinal, falava de Laura com tanta decepção. Só alguém que causou muita alegria e ainda é muito amado pode ser o causador de tanta frustração. Laura parecia ser bem importante para ele. Estava na cara dele que ele ainda gostava dela. E o nome Beatriz não apareceu em nenhum momento. A conversa de um pouco mais de 30 minutos não foi suficiente para saber mais coisas. Ao contrário do que acontecia em suas conversas com Beatriz, Eduarda acabou falando mais que o próprio Conrado. Era uma estratégia dele para se apropriar das histórias alheias. Na falta de imaginação, justificava. Conrado tinha esse poder de fazer as pessoas se sentirem amigas dele assim ao primeiro contato. Era um sedutor. Dizia que todo escritor tinha que ser. Mas que com relação à sedução amorosa era uma catástrofe. Ao contrário de Eduarda que era uma *expert* em deixar corações partidos.

A entrega que Eduarda estava fazendo era num bairro distante. Tinha que se apressar se não quisesse levar outro puxão de orelha de Silvio. Sua nova namoradinha ligava insistente. Não atendeu. Não por estar dirigindo ou com pressa, mas porque não queria ouvi-la naquele momento. Nem eram namoradas de fato. Estavam apenas se conhecendo melhor. Talvez tenha sido só uma paixonite ou um escape. Estava sentindo um tanto de saudade de Bia. Lembrando-se de como estava linda por baixo daquele casaco sobretudo. De como ela era linda. Não queria ter sido tão sacana com ela, mas não sabia outra forma de agir. Bia era de outra *vibe*, de outro mundo. Quando a paixão do primeiro ano acabou, suas diferenças saltaram forte. Estava difícil conciliar os gostos, as vontades. O dia a dia estava cada vez mais insuportável. Quando

Beatriz deixou de ser uma graduanda para ser uma profissional, as coisas só pioraram. Não gostava de seu curso de teatro. Não lia os textos que Bia escrevia, nem mesmo os que dedicava a ela. Não acompanhava Bia em seus eventos literários. Quando iam ao cinema juntas, entravam em salas diferentes. Bia gostava do carnaval de máscaras do Pelô, Duda queria era a bagaceira do circuito Barra-Ondina. Começavam a ter cada uma a sua rotina mesmo que praticamente morassem na mesma casa, dividindo-se entre Graça e Federação. Só se falavam mais quando iam discutir as contas. Eduarda não via motivo para Beatriz estar com ela, então, deu-lhe um para ela não mais estar. Os pensamentos atravessavam o asfalto.

Capítulo 37

Quando Silvio abriu os microfones para a audiência, Beatriz nem pensou duas vezes. Saiu da porta dos vinis já declamando a plenos pulmões, indo em direção ao palco.

Imobilizada, nessa manhã, sem ar e agrado,
Fico entregue às minhas angústias diurnas.
Permaneço aqui com um ar ensimesmado
Sem o passo, a firmeza e com feições soturnas.

Teria outra solução nesse Domingo nublado,
Apesar do sol que penetra janelas e urnas,
Que não continuar aqui um tanto aprisionado
Em minhas elucubrações mais taciturnas?

Quiçá, à revelia de toda a discordância,
O dia ainda se abra, meu passo ainda se faça
E o pensamento reduza cada distância.

Mas, num obscurantismo que não se disfarça,
Poemas baudelairianos, em dissonância,
Lembram-me que a vida é artifício e passa.

Todos foram pegos de susto, mas ninguém ficou mais surpreso do que Conrado e Laura. Já Silvio adorou a declamação, mas não gostou muito do poema.

Era nova, tão linda, adorava literatura, as poesias e ainda declamava? Parecia tão empolgada com aquilo tudo. Tudo que Laura não era mais capaz de dar. Foi tudo tão rápido que as palmas demoram para tomar corpo. Silvio apressou-se em dar-lhe um microfone. Esqueceu-se de dizer nome e autoria. Depois do rompante de coragem, parecia

a pessoa mais tímida do espaço. Seus olhos castanhos translúcidos arregalaram-se. O microfone chegou a tremer um pouquinho em suas mãos. Seu olhar de obrigada para Silvio se transformou em olhar de constrangimento para Conrado e, ao virar-se para a audiência novamente, já era um olhar de conquista. Sempre ensaiava fazer isso, nunca conseguia. Perdia o tempo, perdia a coragem, perdia-se. Então, diga para a gente de quem é o poema. Respirou fundo. O poema ainda não tem nome. É de minha autoria. Surpreendidos, Conrado e Silvio se entreolharam. Os que assistiam bateram palma novamente. Alguém ao lado dos livros usados, gritou: Bis! Beatriz abriu um sorriso tão sincero. Sua mão apertou mais firme o microfone. Tentou lembrar-se de algumas técnicas para metabolizar o nervosismo. O curso de teatro que a fez discutir tanto com Duda tinha que servir pra alguma coisa. Com o dedo médio empurrando o lado direito da armação para cima, ajeitou seus óculos em seu nariz. Então, fale mais algum texto para nós, Bia. O rosto de Conrado contraiu-se de espanto. Sua mão coçava a sua barba. Bia? Como Silvio sabe que o nome dela é Beatriz? Conrado olhou para Silvio, curioso, sem entender o que estava acontecendo.

Enquanto Beatriz declamava outro poema, Conrado desceu do palco. Chamava Silvio baixinho, fazia sinal para Silvio que queria falar com ele. Silvio pedia agoniado para ele calar e parar de gesticular que eles se falariam depois. Ok ok. O segundo poema foi mais aplaudido que o primeiro. Beatriz era só alegria. Silvio agradecia a sua participação enquanto os olhos dela já procuravam por Conrado que não estava na mesa da família de Silvio, não estava na mesa de autógrafos nem em parte alguma que desse para ser visto do palco.

Thelma, reconhecendo a sua quase vizinha, chamou-a para que ficasse ali na mesma mesa. Apresentou satisfeita Beatriz a todos que estavam à mesa. Pessoal, está aqui é Bia, minha quase vizinha. Bia, aqui temos Rodrigo, orientando de meu marido e Laura, esposa de Conrado. Laura, com um rosto que misturava ódio com desdém, cortou a apresentação com um ríspido: Ex-mulher. Desculpe, Lau, é que ainda não me acostumei. Thelma riu sem ter conhecimento da raiva que Laura nutria por Beatriz.

Então, o nome dessa Lolita é Beatriz? Pensava zangada para si mesma. Tudo parecia estar mais claro ainda para Laura. Beatriz conheceu Conrado através de Silvio. Homens não prestam mesmo. São uns corporativistas. Agora essa ceninha para impressionar o otário do Conrado. Tudo armado. E se foi ela a pessoa com quem Conrado saiu naquela noite? Olhou Beatriz de cima a baixo lentamente e sem disfarçar. Até que seus olhos se encontraram. Por segundos, um olhar se deteve no outro. Desviaram-se. Ela é horrivelmente tão linda, explodindo vivacidade por aí. Sua presença, ainda mais assim tão perto, a molestava. Beatriz também foi tomada por pensamentos. Achou Laura linda. Queria tanto transmitir aquela maturidade. Se chegasse aos 40 como Laura estaria feita. Ela é de uma beleza tão ímpar, elegante na medida. Estar tão perto de Laura assim lhe causou estranheza. Se Duda tivesse um terço daquela delicadeza. Beatriz não teve como recusar o convite. Thelma praticamente a obrigou a sentar. Sentiu-se incomodada com aquela coação. Sentou-se meio que comprimindo suas ações. À mesa, insolitamente, Thelma, Laura, Rodrigo e Beatriz. Onde estaria Conrado?

Capítulo 38

Do lado de lá da vida, Conrado batia a carteira de cigarros na palma da mão. O *Malba* no canto da boca. Os pensamentos querendo atravessar seu compromisso. Tinha que subir. Sabia. Atenção aos leitores e blá blá blá. Tinha uma saudade do tempo em que o livro bastava. Precisava de um tempo. Arrumar as ideias. Ligar as peças. Beatriz conhecia Silvio esse tempo todo. Estava no sarau de um ano atrás. Ele era praticamente íntimo dela: Bia, Bia, Biaaa... ai ai. Será que ele também já não dormiu na casa dela alguma vez? Perseguiu o escritor e perseguiu o crítico. Será que Beatriz não passava de uma alpinista literária? Mas ela era tão gente boa. Mas por que nunca me disse que escrevia? Mas ela era tão tranquila. Mas por que não me disse que declamava? Conrado sentia o espasmo querendo voltar. Lembrou-se de Eduarda. Será que ela o levaria pra casa?

Vocês viram Conrado? Todos da mesa de pronto disseram não. Laura já tinha vasculhado por cada canto daquela livraria. Beatriz disse que ia ver se ele estava na sala dos vinis. Laura não gostou nem um pouco. Foram as duas. Reviram o espaço e nada de Conrado. Enquanto isso, vozes se revezavam no palco. Nesse momento, mais música que poesia. As pessoas começavam a se socializar. O papo corria solto. A fila para compra dos livros já era considerável, mas a mesa dos autógrafos continuava vazia.

Laura e Beatriz unidas pela primeira vez, motivadas pelo mesmo intento: encontrar Conrado. Conhecia mais Laura do que ela imaginava. Era interessante dar um corpo e um comportamento àquela que protagonizava a vida de seu escritor predileto. Poderia também ver se Conrado, ao falar sobre sua ex-mulher, exagerava na mão ou não. Pelo visto, não exagerou no quesito beleza. Mas achava que ela fosse um pouco mais severa e um tanto intratável. Pensava Beatriz, inocente, sem saber o risco que corria diante da cólera que a superficial delicadeza de Laura freava. Na sala de vídeos, se emparraram. O "desculpa" simul-

tâneo e um riso aberto e sincero de Beatriz ao final tornou o convívio das duas menos pesaroso.

Conrado, dez minutos depois, já estava no segundo cigarro. Guardou a carteira. Pegou seu bloquinho de anotações, *Crown* a postos. "Marília estava conseguindo alcançar seus planos, enquanto Ricardo, preocupado àquela altura com o que ela já representava para ele, nem desconfiava de suas verdadeiras intenções". Conrado! Então você está aí, seu cabra. Num sobressalto, Conrado deixou sua caneta cair ao chão. Caramba, Silvo. Vá à merda. Que susto da porra é esse?! Você tinha que estar lá em cima, esqueceu? Não esqueci, é quê... Depois conversamos, meu amigo. Parece que aquela menina mexeu com você, hein? Menina? Que menina? A que declamou. Deixe disso, você sabe me convencer a subir. Como está a fila? Grande. Você é um sucesso, meu caro, um sucesso! Entrando no purgatório em 3, 2, 1...

Capítulo 39

Maria Eduarda já não tinha esperança de chegar no horário marcado. Corria para pelo menos diminuir o atraso que já era uma certeza. Mas em um das avenidas centrais, o trânsito estava horrível. Estava praticamente parada há pelo menos 40 minutos. Uma *blitz* na avenida, não havia por onde cortar caminho. Pior do que a espera é o risco de ainda ser pega no bafômetro. Por que não resistiu àquela *Budweiser* com Conrado? Vai ver que ele era mesmo um sedutor. Aproveitou para consultar o celular. Viu nele várias notificações. Pelo menos, umas dez chamadas perdidas de Júlia. Odiava mulheres grudentas. Sentia falta de quando Beatriz era bem grudentinha. Não sabia precisar quando tudo mudou. Em seu *whats*, entre grupos da família, do trabalho e amigos, mais de 100. Tudo isso uma chateação. Até que subindo a tela viu uma mensagem de Beatriz enviada há pouco. "Duda, consegui. Declamei! ;)"

Sabia que ela estava no sarau. Sabia! Ela ia perder de ficar pertinho de Conrado nada. Ainda agora que são íntimos. Aquele ciúme que admitiu ter um pouquinho voltou com tudo. Respirou fundo. Lembrou-se de quando Bia foi dormir em seu sobrado. Aquele corpo lá, pertinho do dela. Lembrou-se do esforço que fez para não beijá-la. Depois que Beatriz dormiu, Duda ficou uns 30 minutos olhando para seu rosto, reconstruindo cenas do passado e se repetindo que a sua distância era o melhor para Bia. Pensou na noite linda de amor que poderiam ter dito. De como foi difícil mentir para Bia dizendo que tinha outra. De como foi mais difícil ainda permitir a aproximação de Júlia para provar a Bia que o que dizia era verdade. Nem conseguia beijar Júlia direito. Tem dias que nem consegue ouvir sua voz. Mantém ainda lá no fundo da carteira uma foto de Beatriz, a qual pega em alguns momentos do dia. Como agora. Não seria injusta de novo com Beatriz. Duda se sentia culpada por tê-la tirado de um relacionamento sério, normativo. A essa altura, ela já estaria casada e com filho. Podia estar mais feliz. Sempre

achou que Beatriz nutria ainda alguma queda por homens. Viveu esses quase três anos nessa insegurança. Não estragaria a vida de Bia de novo.

Um policial interrompeu suas reflexões. Não está vendo eu dando sinal, mocinha? Encostou o carro, tentando controlar o nervosismo. Boa noite, garota. Boa noite, seu guarda. Dirija mais atenta da próxima vez. Documentos, por favor. O tom era tão agressivo que o "por favor" era só figurativo mesmo. Conferiu um por um. Essa *blitz* é da *Lei seca* poderia sair do carro para se submeter ao etilômetro. Seu policial, é quê. Vamos testar sua alcoolemia e liberá-la em seguida. Só isso. E se eu não soprar aí? A senhora será autuada e levada à delegacia. E se eu soprar? Se atestar mais de 0,04 mg/l além de multa de R$ 1.915,40 a senhorita terá a CNH apreendida por no mínimo 24 horas. E vou pra casa? Não, o carro só será liberado com um condutor habilitado e que não tenha ingerido bebida alcoólica. Caracas! Me fudi. Quê? Nada não. Velho, é o seguinte. Trabalho com entregas, transporte de pessoas e tal. Estou com um trabalho super importante com uns escritores. Por educação tomei uma *longnekzinha*, cara. Alivia aí para mim, vai? Não tenho antecedentes nem nada. Olha, só porque fui com tua cara, vamos fazer assim. Chame um condutor habilitado para vir retirar seu carro daqui. Não vou multá-la nem apreender sua carteira dessa vez. Mas fica esperta, garota. Um alívio tão grande surgiu que ela quase abraça o policial. Seus problemas, entretanto, ainda não estavam todos resolvidos.

Capítulo 40

Conrado não tinha achado de jeito nenhum a sua caneta. Estava muito chateado. Lá com uma esferográfica qualquer, não aguentava mais escrever dedicatórias. Impedido de sair, cansava-se física e psicologicamente. Vez e sempre, esticava o olho na direção de Laura e via Beatriz, na direção de Beatriz e via Laura. Não conseguia se familiarizar com aquela circunstância. Ao longe percebia que elas conversavam como quem se entende. Já se conheciam? De onde? Silvio ia ter que lhe explicar muita coisa. Beatriz também.

Laura, com seu uísque e Beatriz, com sua cerveja sem álcool, observavam, às vezes diretamente, às vezes disfarçadamente, Conrado lá à mesa, escrevendo suas dedicatórias. Thelma, com seu suco de abacaxi com hortelã, percebendo a situação estranha, encarregou-se logo de distraí-las. Não queria que nenhuma indisposição se fizesse ali.

Thelma era natureba, quase vegana, se é possível ser sendo quase. Suas roupas tinham resquícios fortes da Hippie que foi durante seus anos de graduação. Manteve aquela postura paz e amor. Era uma diplomata nata. Sabia intermediar qualquer discussão. Profissão? Dona de uma loja de produtos orgânicos? Não. Professora de biologia? Não. Ambientalista? Não. Não e não. Advogada. E das boas. Direito do consumidor e responsabilidade civil. Amante das artes. Preferia pinturas a livros, mas é a companheira que Silvio pediu a Deus: embarca em todas as suas aventuras literárias. É óbvio que ela percebeu certa rispidez inicial de Laura contra Beatriz. Sentiu cheiro de ciúmes no ar. Mesmo as duas tendo voltado da incursão em busca do Conrado perdido um tanto mais leves, Thelma notava que aqueles olhares poderiam suscitar a discórdia a qualquer momento e se encarregou de contornar a situação, o que fez com sucesso. As três, então, nessa hora, papeavam como velhas comadres.

Silvio prestava uma atenção rápida a sua esposa e a maior parte do tempo cuidava do andamento do sarau, principalmente ficava adminis-

trando a revolta de Conrado, encorajando-o a continuar com as dedicatórias e abastecendo o seu copo de cerveja. Rodrigo tinha ido ajudar na venda dos livros, colocava o nome de cada comprador num papelzinho para que Conrado não passasse pelo acanhamento de ter que perguntar de um por um. Como era péssimo fisionomista, era capaz de perguntar o nome até de alguém próximo, ou de um colega, de um amigo de copo, de algum ex-aluno. Ver aquelas pessoas todas o conhecendo sem ele as conhecer era assustador. Pior quando eles demonstravam uma intimidade com Conrado que ele desconhecia ou simplesmente havia esquecido que tinha. Essa parte, realmente, era a mais enfadonha. Aff. O bom mesmo é escrever. Pensava. Ser lido também é bom, claro. Mas, para ser lido, tem que publicar, e tudo que envolve o publicar sempre é uma angústia para ele.

Silvio encerrou a mesa de dedicatórias antes que a grosseria de Conrado não pudesse mais ser dissimulada. Ele era brincalhão e sincero. Conrado para irritá-lo o chamava de baixinho ou gordinho. Mas Silvio não deixava barato, imitava o cacoete de Conrado de forma caricatural e saía falando "Ok ok" a tudo que Conrado falasse. Seu gordo. Ok ok. Era o suficiente para ganhar a briga. Ainda aproveitava pra chamar Conrado de politicamente incorreto. Retificando-o, ironicamente, sou um pouco verticalmente horizontalmente e prejudicado. Só isso. Não aprende nunca. Riam sempre. Gostavam-se. Antes do e-mail de Conrado, havia quase um ano que não trocavam uma ideia. À medida que Conrado foi se afastando da universidade e Silvio da produção literária, eles, simplesmente foram se afastando um do outro.

Fique feliz, meu caro. Está faturando. Pior que estou precisando mesmo. Antes queria ser lido por ser lido, hoje penso também na percentagem sobre o preço de capa. Sacanagem. É... Escreve um romance, cara. Esqueceu? O rascunho que lhe enviei é uma tentativa de novela, romance, não sei ao certo ainda. Hummm. Por falar nele, quem é Marília? Seu puto, volta aqui.

Meninas, desculpe vir aqui assim tão rapidinho. Pelo visto, vocês já estão super enturmadas. Thelminha, meu amor, viu o que nossa quase vizinha fez? Beatriz sorriu. Você sabia que ela declamava? Sabia nada,

essa danada estava escondendo o jogo. Cadê seus pais, Bia? Eles foram morar no Rio. No Rio? Isso. Por que você ficou? Para construir eu mesma o meu destino. Todos se olharam achando a resposta pomposa. Paradoxal, isso aí. Mas tá valendo. Contratei aquela sua amiga que você me indicou. Amiga? Qual? Maria Eduarda. Você uma vez me deu o cartão dela. Não lembra? Ah, sim. Se tem uma coisa que ela faz bem é o trabalho. Ela é hiperprofissional. Percebi, deixou Conrado aqui dois minutos antes do combinado. Ela buscou Conrado? Buscou. Beatriz achou incrível aquela situação. Conrado agora conhecia Duda. Que loucura. O que é loucura, Bia? Nada, nada. Tenho que voltar lá em Conrado. Precisando de alguma coisa, eu e Thelminha estamos lá no prédio ao lado. Já sabe, né? Sei, sei. Digo a mesma coisa.

Os copos de uísque já faziam efeito sobre Laura. Ela estava achando Beatriz tão legal que não estava conseguindo manter a raiva que queria nutrir por ela. Talvez fosse melhor assim. Se quisesse descobrir algo, melhor ficar por perto mesmo. Sem contar que o papo estava bom de verdade. Vira e mexe, ela se pegava tentando fazer um perfil de Bia. Dava um ódio pensar na possibilidade de ela estar com Conrado. Os dois nem trocaram duas palavras até agora. Isso poderia ser porque de fato não se conheciam ou porque estavam disfarçando a relação, sei lá, pra respeitar a presença e tal. A maior parte do tempo, todavia, não pensava nada, seguia o ritmo de Thelminha. Enquanto contava sobre o seu Doutorado em Campinas, ouvia Bia falar sobre seu sonho de ser jornalista da área cultural, da especialização que pretendia realizar em breve, do curso de teatro e, é claro, de suas pretensões literárias.

Capítulo 41

Maria Eduarda ligava insistentemente para Beatriz. A única pessoa que ela pensava que poderia ajudá-la naquele momento. Ou melhor, a única pessoa que ela queria que a ajudasse naquele momento. O som alto, Bia não ouvia, estava atenta à conversa de Thelma e admirando a elegância de Laura. Também estava envolvida naqueles acontecimentos todos. Estava mais ainda prestando atenção nas apresentações. Até aquele momento, nada de conversa com Conrado.

Beatriz sentiu uma enorme vontade de fumar. Embora tivesse acabado a fila das dedicatórias, percebeu que Conrado ia demorar realmente de sair da mesa, estava ainda rodeado por algumas pessoas. Pediu licença a Thelma, pediu que prestasse atenção em sua bolsa, perguntou se Laura não queria fumar com ela. Laura declinou do convite. Bia soltou um inesperado: É mesmo você não fuma mais. Saiu já pegando seu *L.A*. Laura ficou encucada com a sua última afirmação: "É mesmo, você não fuma mais". Como assim? Ela me conhece de onde? Como sabia que eu fumava e parei? Perguntou a Thelma. Mas você parou? É, tinha parado. Voltei. Mas ela sabe que fumava e parei de fumar, só não sabe que voltei a fumar, enfim. Vou tirar essa história a limpo. Levantou-se.

Já na calçada, Beatriz pisa numa *Crown*, que aparentava ser usada. Era a de Conrado com certeza. Não se esqueceria daquela caneta nunca. Quase chora no dia em que ele havia contado para ela sua história. Ela, que tinha uma caixinha de objetos do passado, sabia muito bem como coisinhas desse tipo eram importantes. Como Conrado ia escrever sem ela? Entendia essas sensibilidades. Pegou-a. Ficou olhando os seus detalhes. Embora surrada, ainda era muito bonita. Repensou, por estar surrada, tornava-se mais interessante. Pensou em tantas ideias que ela já ajudou a transformar em poesia, em conto. Riu orgulhosa da alegria que causaria a Conrado por tê-la resgatado. Colocou-a em seu bolso.

Antes de Laura conseguir atingir a calçada, percebeu que Conrado se desvencilhava das pessoas e se levantava da mesa. Ficou com um pé querendo sair outro querendo entrar. Voltou. Ia para onde, senhorita? Perguntou Conrado, querendo ser gentil. Ah, falou comigo enfim. Que fria você me deu, hein? Aprendi com você a ficar calado quando estou zangado para não falar merda. Está zangado? Zangado comigo? Conrado não respondeu nada. Só olhou mais atentamente para Laura e pensou como seria possível ficar ainda zangado tão perto dela. É por que eu me esqueci de nosso almoço, não é? Não necessariamente isso. Não esperava você por aqui. É, vim, né? Veio. O último que tinha vindo sei lá, tem um ano, eu acho. É isso, um ano. Trocavam algumas palavras e calavam. Seu cabelo está lindo. O cabelo ondulado de Laura, castanho claro, formava cachos um pouco abaixo dos ombros. Isso é um elogio mesmo ou é o que você dizia ser função fática? Conrado riu de canto. Boba. É um elogio. Obrigada. Sua barba também está caprichada. Deixei crescer um pouco de novo. Volta quando para Campinas? Campinas... humm, em breve. Em breve é quando? Depois de amanhã. Depois de amanhã? Já? Isso. Conrado ficou abatido com a resposta. Laura percebeu. Gostou até. Gostou muito. Não quero falar sobre isso agora. Adorei sua participação, estava mais solto, mais alegre no palco. Fez Conrado voltar a sorrir. Ouvi seus conselhos, tá vendo? Meus conselhos? Humrum. Continuavam conversando ao pé da porta de entrada.

Beatriz guardou a *Crown* e perdia o tempo pensando em Duda. Estava vivendo. Fazendo suas coisas de sempre. Lá dentro, porém, uma dorzinha chata cortava o seu dia. Era saudade. Pensou que ela esteve lá na frente da livraria e não entrou. Ela levou Conrado. Que loucura. Com certeza ela sabe que eu estou aqui. Nem subiu para me ver. Bia não entendia. Como todo aquele amor poderia se transformar em tanta indiferença? Ela ficava procurando, procurando, mas não encontrava respostas. O que mais doía não era o fim, mas como ele se deu. Largou tudo por planos nos quais Duda a fez acreditar, nos quais ela fazia parte e agora estava ali sozinha sem seus pais e sem Duda. Eliminava esses pensamentos, não era culpa de Duda. Não poderia culpar Duda.

Capítulo 42

Não me atende. Não responde minhas mensagens. Assim como Bia não tinha familiares na cidade, Eduarda era sozinha. Restou-lhe ligar pra Júlia. Júlia por pirraça ou retaliação não atendia. O policial lhe dava pressa. A blitz ia ser encerrada já já. Ou ela encontrava alguém para levar o carro ou seria guinchado. Duda já estava desesperada. Ligava para uma e para outra. Nessa altura do campeonato, quem atendesse ela já sairia no lucro. Não sabia quem mais poderia ajudá-la naquela hora. O sarau acabaria a qualquer momento. Não podia furar com Silvio. Nunca tinha se sentido tão só. Nem mesmo na primeira briga feia que teve com Beatriz.

Capítulo 43

O papo de Laura e Conrado estava leve, mesmo que com alguns momentos de tensão. Eles pareciam estar se conhecendo ali, naquele momento. Ambos testavam suas ações, prestavam atenção nas reações. Tinham cuidado um com o outro. Trocavam elogios. Estavam quase se paquerando. O flerte deles virou assunto entre Silvio e Thelma que se mantiveram à distância. Rodrigo, não percebendo a importância daquele momento, o interrompeu. Precisava que Conrado respondesse algumas perguntas. Laura, para não ser vista como a que atrapalha, fez questão de incentivar Conrado a ir responder logo as questões. Pode ir. Conversamos depois. Mas... não podemos fazer essa entrevista amanhã não, rapaz? Não, Conrado. É só um depoimento. É rápido. E é para sair no site do grupo de pesquisa ainda hoje. Internet é assim. Se deixar pra amanhã, não é mais notícia. A notícia caduca. Vamos vinculá-lo às notícias sobre o sarau, então. Ahh tá, tá, tá. Voltou contrariado para a mesa, olhando para trás.

Laura descia as escadas quando se deparou com Bia subindo. Demorou lá embaixo. Demorei? Nem percebi. É perigoso, vim ver se estava bem. Tudo bem. Se Beatriz já tinha achado Laura elegante e bonita, agora juntava mais uma qualidade: cuidadosa. É que demorou mais do que um cigarro... Tá sim. Tá tudo bem mesmo, vamos entrar. Subiu um degrau à frente de Laura. Laura ficou parada por alguns segundos antes de começar a subir também. respirou fundo. Sabia que seria agora que Beatriz e Conrado se falariam. Entraram. Conrado ainda não saiu daquela mesa? Saiu sim, voltou para dar um depoimento ao orientando de Silvio. Ahhh. Quer falar com ele? Quero sim. Muito. Hummmm. Thelma já começava a controlar o uísque de Laura. Olha, Bia. Ou tem um bicho vivo dentro de sua bolsa ou seu celular vibrou mais que ganhador de *Mega-sena*. Informou Thelma muito bem humorada. Meu Deus, me esqueci completamente de meu celular. Mais de 15 notificações, pelo menos 10 de Eduarda. Deus, preciso ir. Mas você

nem falou ainda com Conrado. Nós nos falamos depois. Manda um abraço pra ele diz que tive que ir embora. Levantou agoniada, preocupada. Duda não era de ligar, muito menos de insistir. Leu a mensagem. Retornou rápido à mesa. Entrega isso aqui a Conrado. Laura já não tinha gostado de muita coisa que ouviu: "Nós nos falamos depois". Depois quando? Onde? O que esta caneta está fazendo na mão de Beatriz? Antes de Laura conseguir perguntar, Bia já não estava mais na livraria.

Conrado vê Beatriz correndo e não entende, não conseguiria falar com ela? Faz até menção de ir atrás dela, mas Silvio o interpela. Epa, meu amigo. É impressão minha ou ia atrás de Bia? Não, não. Acho que ia. Olha Laura ali, não faz isso. Espera que a menina volta.

Por falar em Beatriz, você a conhece de onde? Longa história, meu caro. Sintetizando: ela é minha vizinha de prédio. Disso eu sei. Sabe? Como sabe onde ela mora? Isso é outra longa história. Por que não falou com ela desde quando ela chegou se a conhece? Não tive oportunidade, só por isso? Ihhhh, meu irmão. Que é, Silvio? Já vi tudo. E minha caneta, cara? Olhamos tudo aqui dentro. Deve ter caído lá fora. Silvio, tem certeza que você olhou direitinho? Tenho, velho. Olhei mil vezes, pedi pro Rodrigo olhar também. Não tinha caneta nenhuma nem aqui nem lá. Dou uma de presente pra você, ok? Não. Aquela era especial. Hummm... lembrei. Era a caneta que seu pai lhe deu em seu primeiro lançamento. Isso? Exatamente. Agora não vou conseguir escrever mais nada mesmo. Já era o tempo de você largar o papel e ir direto para o PC, ou melhor, um notebook. Você não entende, Silvio. O que eu não entendo? Deixa pra lá, vocês acadêmicos, sei não, viu? Nós, acadêmicos, o quê? Pareciam que iriam começar as antológicas brigas. Mas Silvio tinha mais o que fazer. Pensou de forma vingativa que ainda bem não tinha se dado o trabalho de ficar procurando porcaria de caneta nenhuma. Achava Conrado um caçulinha mimado às vezes. Já tinha passado do tempo de ele desapegar de seu pai. Afinal, já se passaram dez anos. Foi ver por que o contratado pela voz e violão tinha parado. Faltavam 30 minutos para o dono da livraria botar todos para fora. Começava a se agoniar com o transporte que ainda não havia chegado.

Capítulo 44

Tudo certo, senhoritas. Vocês estão liberadas. Olha aqui, você, mocinha. Nada de beber e dirigir. Maria Eduarda tinha que ouvir calada. Odiava quando não estava com a razão. Júlia, brigada, viu? Tô devendo essa. Oxe, amor. Não está devendo nada, mas tem uma forma que você pode me pagar. Ela se projetou para dar aqueles beijos em Duda que se esquivou justificando que não era legal ali na frente dos policiais. Quanto deu seu *Uber*? Eu pago. Deixe de bobagem. Não quero dinheiro, além do beijo, quero explicações. Por que não me atendeu logo? Eu que pergunto por que não me atendeu? Liguei mais de dez vezes. Vai ver que foi por isso. Como? Nada, Ju. Eu estava trabalhando, dirigindo, como ia atender. É? E que horas teve tempo para tomar uma cerveja? Com a fisionomia de enfadada, Duda não queria mais papo. Olhando para Júlia ali, tinha decido que acabaria tudo e lutaria por Beatriz mais uma vez. Vamos? Pra casa aí vamos nós! Não. Tenho que ainda fazer um trabalho. Sério? Sério. Vamos pra Barra. Mas eu pensei quê. Ju, Barra, por favor. Poxa... Ok. Você quem manda, patroa.

Capítulo 45

Silvio já ligava para Eduarda. Seu celular só dava caixa. Sem conseguir contato com Duda, Bia tentava tirar seu carro do estacionamento. Laura perturbada pelos acontecimentos, pelas conjecturas e pelas certezas que suas doses de uísque 12 anos ajudavam-na a ter, já tinha chamado Conrado para uma conversa, que havia começado ali na frente de Thelma mesmo e num tom mais alto.

Vou ver o que Silvio está precisando, fiquem à vontade. Sabia que a sua diplomacia naquele momento de nada adiantaria, mas ficou a postos observando. Quer dizer que você já conhece Beatriz? Vocês são amigas? Vi vocês conversando a noite toda. Não mude de assunto! Eu e Bia somos amigos sim. Pelo visto, íntimos. De onde tirou essa conclusão? Disso. Laura joga a *Crown* com toda a força sobre a mesa e Conrado vê a sua caneta se dividindo em três partes à sua frente. Minha caneta! Você achou, minha caneta? Achei não. Beatriz, que estava ansiosíssima pra conversar com você. Como ela tem nas posses dela sua caneta de estimação? Ela achou. Achou? Sim. Eu tinha perdido a caneta. Onde? Na casa dela? Conrado não gostava do tom cada vez mais hostil de Laura. Por que está falando assim? Calma. O beijo na testa, nosso abraço, o papo de nestante, tudo, pensei que estávamos nos entendendo. Tudo isso não passava de encenação retórica? Do que está falando, Laura? Abaixa o tom. Não me dê ordens. Você está descontrolada. Eu? Sim. Catando as partes da caneta, Conrado dá as costas para Laura. Faz sinal para Silvio e sai rapidamente, meio transtornado com a mudança da cena e com uma vontade enorme de conversar com Beatriz. Laura levanta, mas é impedida por Thelma de seguir Conrado.

Conrado chega à calçada meio transtornado. Olha a seu redor sem esperança de encontrar Beatriz, mas a avista. Discutia ainda a essa altura com o guardador de carros que havia permitido que outro veículo fechasse o seu, impedindo-a de sair. O tempo passava, Duda precisava dela e ela lá trancada. Quando finalmente conseguia entrar em seu

carro para tirá-lo, Conrado pega em seu braço. Ela se vira, assustada. Quando percebe que é Conrado, o que no seu rosto era susto vira surpresa. Conrado vê aquele rosto tão perto. Acha mais linda ainda que da primeira vez. Confuso com toda aquela situação. Inesperadamente, puxa Beatriz e lhe dá um beijo. Nessa hora, Eduarda chegava para cumprir o resto de seu trabalho. Ali não é a sua ex? Continua, Júlia. Não para! Foram embora. Não ficou tempo suficiente para ver Beatriz dando um sonoro tapa na cara de Conrado que caiu em si. Desculpa, Bia. Beatriz apenas olhou para sua cara com raiva. Entrou em seu carro e saiu cantando os pneus. Duda precisava de ajuda. A forma como Beatriz o olhou fez causar nele uma vergonha sem tamanho. Estaria, então, enganado?

Sem conseguir nenhum contato, Silvio caiu em si que a menina do transporte havia deixado ele na mão. Thelma consolava a amiga que, passado o momento de desordem, estava com vergonha da ceninha que fez. Conrado, não podendo voltar para a livraria, pegou um táxi. Precisava ir para casa, colocar a cabeça no lugar.

Capítulo 46

Não havia mais ninguém na Av. Oceânica. Nem *blitz* nenhuma, nem Duda. Beatriz estava realmente triste. Sentiu-se invadida por Conrado. Situou a atitude dele entre a covardia e a prepotência. Quem ele pensava que era para poder sair assim beijando? Sentiu-se traindo seus sentimentos por Duda. Sentia mesmo que falhou com Duda. Onde ela estaria? Não sabendo o que fazer, não tendo mais o que fazer, foi para o sobrado. Ela chegaria lá em algum momento.

Conrado desceu na orla como de costume. Precisava olhar o mar. Nunca tinha visto Laura com aquela ferocidade. Irreconhecível, pensava. Nunca tinha levado um tapa na cara. Aquela bofetada doeu muito mais do que a força que a Beatriz imprimiu conseguiria provocar. Estava se sentindo um cafajeste de novo. Leu uma mensagem de Silvio "Espero que esteja bem, meu amigo. Levamos Laura para casa sã e salva. O Sarau foi um sucesso! Depois nos falamos. Abs". Sucesso pra quem? Já em casa, pegou os pedaços da *Crown* e conseguiu reencaixá-los, não ficou perfeita, mas era um salvamento necessário. Tantas coisas aconteceram em dois dias. Estava cansado.

Laura deitou no sofá mesmo. Estava embriagada de fato. Havia tempo que não bebia dias seguidos daquele jeito, ainda mais uísque. Dona Sônia olhou a filha naquele estado e até gostou. Sabia que era preciso extravagar de vez em quando. Sabia que a filha tinha que sair do controle se quisesse ser feliz. Cobriu com um lençol leve. Deu-lhe um beijo na testa e a deixou lá no sofá mesmo. Passava da meia-noite, já estava com saudade da filha que viajaria no dia seguinte.

Capítulo 47

"BLOG ESTUDOS DA LITERATURA BAIANA HOJE
Algumas palavras de Conrado Fischer
publicado em outubro 20, 2017 por rodrigonunes | 15 comentários

Leia, abaixo, as impressões do escritor Conrado Fischer sobre a escrita literária.

As palavras têm que participar do espetáculo e não serem apenas o burro de carga de um significado. Escrever pode ser uma tarefa difícil, um trabalho de paciência e, sobretudo, insistência, pelo menos para mim é assim. Existem várias chaves de leitura. Vejo pelos romances atuais que as fronteiras entre ficção e realidade foram desgastadas. Não escrevo assim. Para mim ficção é ficção. A persona empírica sou eu. As personagens que essa persona cria já são outras coisas diversas dela mesma. Crio fabulações, não confissões. A narração boa é aquela, inclusive, na qual se pode interromper o progresso do enredo só para que o leitor se volte à própria narrativa. Os recursos estilísticos é que atribuem ao texto um efeito literário, está neles o segredo que separa o literário do não literário. Pra mim é assim, é o trabalho estético, o trabalho com as palavras, sua organização, as articulações que vão sendo realizadas, as figuras. Elas são nosso instrumento. A vida nos dá a matéria, mas é a forma que nos dá a obra. É isso.

Fiquem atentos, em breve o grupo de estudos da literatura baiana hoje irá promover um curso de escrita criativa com Conrado Fischer, acompanhem as nossas postagens."

Postado por rodrigonunes às 01:45 15 comentários

Capítulo 48

Embora cansado, não tinha cabeça para dormir. As cenas da noite passavam atropeladas em sua mente. Quando estava agoniado assim, só conseguia raciocinar direito quando escrevia. Sentou-se em frente ao PC. Não pegou nenhum cigarro. A sua conversa com Eduarda, o seu desentendimento com Laura, a sua cafajestada com Beatriz martelavam. Não conseguia ainda metabolizar direito os dois últimos. Abriu seu hipotético romance. Releu trechos para se situar. Achou *Cantiga apenas de partida* agora muito brega. Romântica demais. O que faria com aquela história de Ricardo, Marília e Carolina? Não conseguia se concentrar no seu romance, mas não tirava da cabeça a história que Eduarda havia lhe contado. Escreveria ela mesma.

"Era apenas uma flor, mas já lhe representava muito – aquela alegria certa, aquela esperança. A transparência do plástico que a envolvia mais salientava que escondia a sua beleza. O laço, então, doava-lhe mais expressividade e encanto. Era apenas uma flor, ela sabia, mas não era uma flor qualquer, era a flor da lembrança.

Aquele carinho custou-lhe um sorriso largo e uma cara de boba sem tamanho. A entrega sutil e acanhada foi outro processo encantador. Não tinha onde deixá-la. Espremeu-a, não sem dor, entre as páginas de um Proust e suas palavras. Era seu aniversário, completava mais uma das vinte e poucas primaveras. Já ganhara flores, buquês, inclusive, mas esta flor, esta lhe era diferente, única na sua essência de ser dela daquela forma, momento e atenção.

Tinha compromisso, sabia. Tinha que ir, decerto. Mas não queria, queria mesmo era ficar ali dando beijos que retribuíssem aquela flor, mas não podia! Fosse uma violência já tinham todos se habituado, mas essas coisas de amor, ainda mais amor assim diferente, ninguém compreenderia. Agradeceu meio de longe, o beijo na bochecha pretendia a boca interdita. Os outros olhavam desconfiados, melhor não arriscar. E a cautela, com o coração escondido em sua algibeira, voltava a martelar: desafiar assim a tolerância àquela hora da manhã talvez fosse *dangerosíssimo*. Mesmo Eduarda não concordando, desistia de qualquer ação mais próxima apesar de

seus corpos exalarem essa vontade por quarteirões. Queria mesmo mandar todos "pra porra" ou para qualquer outro xingamento tipicamente baiano: não mandou. Queria que todos a aceitassem. Mas ainda nem se aceitou direito. Queria poder gritar sua angústia: não gritou.

Diante de mesas e cadeiras repletas, seus olhos se encheram de lágrimas que não rolaram pelo seu rosto tímido. Suas mãos suavam um pouco como sobre quem se queda um tanto de nervosismo e pronto. O tempo derretia, tinha que ir. Pegou livros e papéis e foi. Antes, no entanto, deram um abraço meio sem braços, um tanto constrangido e mais leve que demorado. Ao se desvencilharem, foi em direção a sua sala, mas não sem antes olhar para trás e ver aquele corpo lindo de mulher indo com passos firmes e desejosos para longe de si. Em tempo, olhou as longilíneas pernas, as abundantes e chamativas nádegas, a cintura marcada e sedutora que nem mesmo as roupas largas conseguiam disfarçar e passou mais tempo prendendo seu olhar nos pretos e longos cabelos que de tão lindos, reluziam...

Andava devagar, demorando de sumir de sua visão. Ao acompanhar toda essa cena, girou, sem querer, a maçaneta que já estava quente em sua mão. Quase chegou a abrir a porta e trancar-se numa sala por horas, mas não. Deixou a porta semiaberta, jogou para o ar compromissos, foucaults, deleuzes, barthes e apostilas. Antes que sua amada sumisse, gritou seu nome e, antes mesmo que ela percebesse o que acontecia, levou um beijo suave e destemido na boca, de língua e tudo, diante de todos que poderiam não entender..."

Leu e releu esse texto. Trocou palavras. Mudou parágrafos. Pensou de que forma ele poderia ser aproveitado pra o seu romance. Mas o romance não tinha nenhum caso assim. Mudaria os gêneros? Perderia o impacto. Deixaria assim como um conto. Escreveu numa caixa de comentário: "trocar o nome". Trabalharia mais sua ficcionalização. Por enquanto não, ficaria lá, seria apenas mais um texto em sua gaveta de maturação, como chamava seu arquivo de textos em andamento. Mas antes, deu-lhe um título: "No dia em que você comemorou o dia dos meus anos".

Escrever o serenou. Depois de muitos anos, dez anos, foi a segunda vez em que percebeu que conseguia pontos finais sem a necessidade de um cigarro como companhia. Foi dormir.

Capítulo 49

Beatriz já havia voltado para casa. Pela segunda vez, sentia que tinha perdido Duda para sempre. Tinha que tê-la ajudado. Estava exausta, o banho, no entanto, a despertou. Deitou-se na rede. Zapeava no celular. Desejava algum contato de Duda. Em sua caixa de e-mail, uma notificação do blog que seguia informava um novo post: Algumas palavras de... Era o depoimento de Conrado. Pela primeira vez, deixou para ler depois. Pegou um livro de poesia. Abriu o livro aleatoriamente. Pegou o primeiro poema que se apresentou a seus olhos e leu baixinho.

Epílogo

E tu,
O que farás com meu poema?
Deitarás fora?

Que função terá ele para ti?

Meu livro fará companhia,
Em tuas noites,
A tua insônia?

Minhas palavras
se farão voz em tua boca?

Diz-me:
Qual o fim dos meus versos em tuas mãos?

Minhas estrofes, onde estarão?

Se num sebo (qualquer) eu encontrar
o teu exemplar, terá, ao menos,
memorizado a dedicatória?

Outras mãos comprarão
O meu-teu livro

E, inocentes, não saberão que
É nossa... aquela história.

E, inocentes, não saberão que
É nossa... aquela história.

Capítulo 50

Laura ainda sentindo os efeitos da ressaca, arrumava a mala e as ideias. Misturava ainda um resquício de raiva, ciúme e vergonha. Nunca havia se descontrolado assim. Ainda bem que voltaria às tarefas do doutorado, iria para Lisboa, pra bem longe daquilo tudo. Decidiu aceitar o doutorado sanduíche. Já havia contado a novidade a mãe e tido seu apoio e aos filhos que iriam durante as férias para lá. O convite do programa era importante para seu currículo. Quando aceitou, tinha certeza que, apesar de ainda amar Conrado, não havia mais nada a recuperar. Agora, que sabia que tinha muita coisa para resolver, não podia mais voltar atrás. Ocuparia seus dias. Era tudo o que precisava. Tetê ajudava a mãe já triste com a distância que se imporia daqui a menos de 24 horas e Zinho pedia para mãe levá-lo com sua voz dengosamente pueril. Ela não estava tendo maturidade para controlar a sua vida, não sabia como administrar, naquele momento, ainda ser mãe.

Conrado foi acordado pelo celular que tocava insistentemente. Por que me tomas? Atendeu irônico. Oi, é Conrado? É sim, diga. É Paulo. Diga, Paulo. Esqueceu de nós, meu caro. De nós quem, cara pálida? Do site. O texto que você tem que publicar às sextas-feiras. Esperamos até agora, temos que atualizar. Lembra que o principal acordo era manter a frequência. Velho, não dá. Não tenho nada pronto aqui. Desculpa. Cara, tá no contrato. Não pode simplesmente não publicar. E os leitores? Se nos avisasse antes. Mas agora? Caramba. Pera aí, pera aí, não precisa se alterar. Me lembrei de uma coisa. Tenho um texto sim. Envio para você agora. Certo? Ok. O "No dia em que você comemorou o dia dos meus anos" foi enviado daquela forma mesmo. Sem revisões ou melhoramentos. Sou um cara de palavra, velho. Desculpa o susto que lhe dei. O atraso tal. Tudo bem, confirmo recebimento. Vamos postar agora mesmo. Inclusive, você tem uns comentários para responder. Isso também estava no contrato? Estava. Esse problema Conrado resolveria depois. Aproveitou que já estava com o PC ligado e começou a atualizar seu provável romance.

"O esperado sarau, enfim, aconteceu. Ricardo conheceu uma me-

nina gente boa. Com um jeitão e uma roupa que contrastavam com a delicadeza de seu rosto e o desenho feminino de seu corpo. Linda. Percebeu suas tatuagens. Machista, achou improvável uma menina fazendo um serviço daqueles: transporte. Apesar disso, achou que ela dirigia muito bem. Quase batem umas três vezes. Ricardo ria ao pensar no contraditório de sua frase. Teve uma empatia de cara com ela. Nos 18 minutos que dividiram sua casa da livraria, conversaram. Conversaram tanto que nem deu vontade de subir. Ricardo ficou por lá mesmo, um pouco distante da entrada. Quando deram por si, estavam já tomando uma cerveja e papeando mais um pouquinho para desespero do organizador que não fazia ideia de onde estava a sua contratada e seu autor.

Antes que fossem pegos, Ricardo decidiu subir e logo foi levado para o palco sem poder nem cumprimentar direito aquela presença que para ele era surpresa: Carolina. Ao subir no palco, entretanto, seus olhos buscavam mesmo era Marília. Ela não viria? O que será que aconteceu? O circo todo armado, ele lá em cima sendo o bobo da corte para divertir a plateia. Nunca gostou disso, mas precisava vender livros. Respondeu sobre seu processo criativo. Falou o que pensava sobre o fazer literário. Ponderou sobre a literatura contemporânea. Amostrava-se para Carolina. Recitou alguns poemas seus e de outros poetas de sua predileção para alegria de todos que, já cansados de lenga-lenga, estavam mesmo era querendo a voz e violão que o sucederia. Quando o mestre de cerimônia abriu o microfone, a entrada de Marília, recintando um poema de sua autoria, causou um sobressalto em todos. Ricardo sentiu um prazer inesperado. Lembrou-se das tantas vezes em que pediu para Carolina declamar e ela só lhe dava o silêncio. Gostou mais de Marília por isso. O que ela fazia por ele era incrível. Ela o amava de fato. Pensava e jubilava-se, se esquecendo por instantes da presença enfurecida de Carolina à mesa do organizador".

Uma fome atingiu Conrado. Fez algumas anotações. Continuaria depois. Pela segunda vez em dez anos, percebeu que conseguia mais pontos finais sem ter o cigarro como arrimo. Foi-lhe uma alegria notar isso. Foi tomar um café tão atrasado quanto reforçado. Não tinha cara para ligar para Beatriz. Não tinha vontade de ligar para Laura. Nem almoçaria, muito trabalho o esperava.

Capítulo 51

Agora era Duda quem não atendia Bia. Beatriz decidiu se explicar por mensagem mesmo. Ia ver de um jeito ou de outro. Suas costas doíam. Tinha a rede mais com uma função decorativa que prática. Dormiu lá mesmo, mas sem perceber. Pegou o livro que tinha caído no chão. Colocou-o de volta na estante no lugar de sempre. Sabia de cor onde cada livro estava. Deitou-se na cama, tentando esticar a coluna. Quando a imagem do beijo vinha à sua mente, não era com contentamento, era com repulsão. Pensava com um tanto de felicidade por que Duda ligou para ela, pediu ajuda a ela e não para Júlia. Pensava em Laura e o quanto ela era infinitamente mais gente do bem do que Conrado a pintava. Vai ver quando brigava com ele por causa do cigarro era para o bem dele mesmo. Orgulhava-se por ter, enfim, tido coragem de falar uma poesia em público. Tentava tirar um saldo da noite, mas não conseguia. Não precisaria ir para o jornal nessa manhã de sexta. Ficou olhando o teto e pensando que perdeu a amizade de Conrado para sempre. Não tinha mais como eles se encontrarem como antes.

Ao pensar isso, lembrou-se do post. Resolveu ler o depoimento de Conrado, a quem ela chamava agora de "aquele pilantra". Deixou o celular ao lado do seu notebook e começou a navegar. Ao entrar no seu e-mail, percebeu outra notificação. Era mais um texto de Conrado, agora de um site. O site para o qual ele escrevia todas as sextas-feiras, pelo menos desde que o suplemento literário para o qual ele trabalhava foi fechado. Beatriz era mesmo fã dele, lia o jornal, depois passou a segui-lo pela web, não perdia uma de suas postagens. Antes de ler o depoimento, clicou na notificação do site que a conduziu para o texto: "No dia em que você comemorou o dia dos meus anos".

"Mesmo Eduarda não concordando, desistia de qualquer ação mais próxima apesar de seus corpos exalarem essa vontade por quarteirões." Leu o texto todinho, releu e releu, perplexa. Aniversário? Eduarda? Flor? Beijo? Que diabos era isso! Trocando os livros que eram de jornalismo e não de literatura ou filosofia, era dela aquela história! Ele sabia de minha história com Eduarda e mesmo assim me beijou. Usou ainda nossa história. Como pôde?

Capítulo 52

Como estava sem cabeça para compor mais, Conrado resolveu ler seu depoimento postado no blog e acabou também olhando alguns dos comentários do site. Um, como que inesperado, era biaspina | outubro 20, 2017 às 11:04. Pera aí, Bia Spina só pode ser Beatriz. Ela escreveu há um minuto? Ficou contente de ela ainda segui-lo apesar dos últimos acontecimentos. Foi para lê-lo empolgado:

"Não sei o que ganha um autor, expondo a intimidade do outro dessa forma. Nem o trabalho de alterar o nome dos envolvidos teve. Será que só é isso que o Senhor Conrado sabe fazer, usar as pessoas como matérias de seus textos? Canalha."

Pasmo, Conrado perdeu o chão. Não entendia o que Beatriz tinha a ver com aquilo. Seu tique veio depois de um tempo de trégua. Colocava a mão na barba tentando entender. Certo que se esqueceu de mudar o nome de Eduarda, mas o que Beatriz tinha a ver com Eduarda? Eduarda jamais o leria. No mesmo instante, ligou para Beatriz que, claro, não atendeu. Mandou, então, mensagem marcando encontro no *Cafétéria*, às 14h. Como da primeira vez, queria se desculpar. Parecia que era o que mais tinha a fazer nesses últimos tempos.

Capítulo 53

Malas prontas, Laura conversava com a mãe sobre os ocorridos da noite anterior. Dona Sônia foi firme ao afirmar que, dessa vez, quem devia desculpas era ela a Conrado e não o contrário. Mas, mãe. Sem mais nem menos, filha. Quem pediu o divórcio foi você. Não sabe se ele está com essa menina, só supõe, mas se ele estiver, é um direito dele. Não queria dar o braço a torcer, mas sabia que Dona Sônia tinha razão. Você está com malas prontas pra outro país e ele nem suspeita disso. Você acha certo isso? Eu ia contar ontem, mas foram tantas coisas. Inclusive pensei até em chamá-lo pra ir comigo. Chama! Mas isso foi antes dos acontecimentos de ontem. Quem sabe essa não é uma grande forma de pedir desculpas?

"Conrado, não liguei para você por pura vergonha. Desculpa o que fiz ontem. Sabe que viajo logo mais, daqui a algumas horas. Preciso muito falar com você antes. Pensei em ser hoje às 16h, no *Cafétéria*, que acha? Responde, ok? Bjs."

Olhando para o celular à espera da resposta de Bia, nota uma mensagem de Laura. Leu sem acreditar. Apesar de zangado com ela, sentia que tinha sido mais sacana com ela do que ela com ele. Tinha beijado Beatriz, afinal. Não queria mais machucar as pessoas. Visualizou a mensagem, mas não respondeu. Ela não poderia vê-lo com Beatriz. Pensaria no que fazer, era melhor do que agir por impulso. Concomitantemente, pensava que não tinha muito tempo. De qualquer forma, Campinas é logo ali. Cogitou adiar esse encontro.

Capítulo 54

Duda voltava para casa sozinha depois de uma noite terrível. Júlia se desesperou com o estado em que Duda ficou ao ver o beijo de Conrado e Beatriz. Sentiu algo além dos ciúmes, sentiu abandono. De supetão, entendia que tinha perdido aquela guerra apesar de ter vencido as últimas batalhas. Jogou na cara de Duda tudo o que fez por ela. O jeito que Duda a tratava. Disse que merecia coisa melhor. Melhor acabar assim no início. Duda concordou com tudo. Não tinha forças para lutar e nem queria. Talvez fosse melhor assim. Não sabia ficar sozinha, mas pela primeira vez se viu não querendo ficar com qualquer pessoa. Queria Bia. Apenas Bia. Como não notou antes que a dificuldade de Bia em se aceitar era na verdade atração pelo sexo oposto? Derrotada, pensava. Ela que dizia que nunca tinha acontecido nada mais sério entre ela e o ex-noivo. O que afinal ela tinha a oferecer a Bia? Conrado era um escritor famoso. Tinha tudo o que ela queria. Toda marra de Eduarda era insegurança acumulada e, nessas horas, ficava bem evidente o quanto suas inquietações eram medo de se machucar. Fingir indiferença lhe era proteção.

À porta do sobrado, Beatriz avistou Eduarda ao longe. Duda de cabeça baixa, se aproximava sem notar aquela presença imprevista. Quando Duda notou que, o que primeiro foi um vulto e depois um corpo se delineando, era Bia, conteve a alegria de vê-la. Não poderia se esquecer do não socorro, do beijo, da dor que sentia. Passou por Beatriz como se não a conhecesse. Vai fingir que não estou aqui de novo? Já me humilhou aqui uma vez. Falou Beatriz inabalável. Sem encará-la, Eduarda abriu a porta e permitiu que ela entrasse. Já sei o que tem a me dizer, Beatriz. Que não é culpa sua. Que são seus instintos. Que é de outra orientação. Fracassei com você. Já sei. Não precisa me jogar na cara. Eu vi! Viu o quê? O beijo. Beijo? Você e Conrado na saída do estacionamento. Não! Vai me dizer que não houve beijo. Houve, mas não houve. Se decida. Já me decidi. Nesse momento, avançou sobre

Duda e deu um beijo ao qual ela não conseguiu resistir.

Quando menos esperavam, já estavam entregues uma a outra. Suas pernas se cruzavam, suas mãos percorriam o corpo, suas carícias avançavam. Duda não estava entendendo muito bem. Mas já tinha parado de tentar entender desde quando a boca de Beatriz alcançou o seu sexo. Ouvir os suspiros de Duda excitava ainda mais Beatriz que estava empenhada a lhe proporcionar prazer como nunca. Trocavam a posição. Beijavam-se como em tempo nenhum. Parecia que uma boca estava descobrindo a outra, que a pele estava se conectando a outra, naquele exato lance. Era linda a cena. Aqueles dois corpos femininos nus, cheios de lascívia, exalando amor e tudo com uma força, com uma intensidade, mas, sobretudo, com uma delicadeza, com um carinho tão grande, como se tudo aquilo fosse um grande cuidado, um cauteloso zelo de uma pela outra. E era. Bastavam-se.

Capítulo 55

Conrado não respondeu a Laura. Nem Beatriz respondeu a Conrado. Ele, por sua vez, decidiu ir ao *Cafétéria*, de qualquer forma Beatriz trabalhava por perto, poderia vê-la por lá. Tinha que resolver esse problema primeiro. Levou um livro seu, um esgotado, para presentear Beatriz. Achava que ela gostaria de ter o único livro dele que ela ainda não tinha. Precisava entender o comentário especialmente. Pediu um cappuccino. Pegou sua caneta que, apesar de danificada, ainda servia, e começou a escrever, juntando guardanapos.

"Na verdade, Ricardo encontrava em Marília tudo o que ele queria encontrar em Carolina. Queria se sentir desejado, admirado, querido, útil até. Tudo o que Carolina roubava-lhe o direito de ser. Não era um bom pai, não era um bom marido, tudo o que produzia caducava. Seus hábitos eram vícios. Seu trabalho, vadiagem. Seu amor, insuficiente. Não tinha nela mais a esposa, nem a leitora. Apenas vinham dela reclamações e cobranças. A discussão que teve com Carolina durante o evento literário só aumentava sua certeza. Sentia saudades de ser o homem por quem Carolina se apaixonou há pouco mais de uma década. Nunca tinha visto Carolina assim, tão descontrolada. Tinha certeza que ela o odiava. Quando deixou aquele amor escapar?

Ricardo a amava tanto ainda. Estava confuso. Precisava se sentir acolhido. Era isso que encontrava em Marília. Sem pensar em mais nada, foi atrás de Marília que saia correndo do espaço. Estava com ciúmes de sua conversa com Carolina com certeza. Consertaria tudo. Não perderia as duas. Aprenderia a amar Marília depois. Ricardo saiu esbaforido da livraria, desceu as escadas rapidamente, olhou em volta e para sua surpresa ainda conseguiu alcançar Marília. Não querendo ser mais racional. Não querendo perder aquele abrigo. Decidiu retribuir todo carinho que Marília tinha por ele. Deu-lhe um beijo repentino ao qual ela retribuiu num impulso. Ela sim o amava."

Cansado de ficar lá em vão, Conrado pagou seu cappuccino e foi

para casa passar o novo capítulo para o PC. Cogitou ir até a casa de Laura, conversaria antes da viagem. Mas achou que isso seria pouco demais. Não a interceptaria no aeroporto, era óbvio demais. Não impediria a viagem, era muito egoísmo. Nunca tinha feito nenhuma loucura de fato por ela. Faria agora. Mudou o caminho e em vez de ir para casa foi para o aeroporto. Faria uma surpresa incrível para Laura. Qual o próximo voo que vocês têm aí disponível para Campinas?

Capítulo 56

A viagem de Laura seria durante a madrugada, 0h45min. Estava agoniada com a possibilidade de viajar sem nem conversar com Conrado. Precisava, mormente, contar a ele que a viagem seria para Lisboa, não para Campinas. Tinha os filhos. Além de resolver coisas afetivas, havia coisas práticas a serem discutidas. Ele tinha que ouvi-la, mas não atendia o celular, não respondia as mensagens. Decidiu ir para o *Cafétéria*, quem sabe Conrado aparecia por lá. Os dois não se cruzaram. Às 18h, Laura desistiu de esperar. Tinha que estar no aeroporto às 22h. Iria curtir um pouco mais os filhos. Dona Sônia já estava preocupada com a sua demora. Já vou, mãe. Estou indo para o carro. E Conrado? Não apareceu, nem ligou, nem respondeu nada. Vou passar na casa dele antes de ir pra aí. Ok? Chego rápido.

Foi o que fez. Saiu do *Cafétéria* e parou o carro em frente ao prédio de Conrado. Pela janela, dava pra ver que nenhuma luz estava ligada. Ele não estava em casa. Esperou alguns minutos. Chorou perdendo as esperanças. Chegou a sua casa já depois das 19h, o aeroporto era longe, tinha que se apressar. Zinho não saía de perto dela. Tetê também. Os dois estavam já cansados daquelas despedidas, mas eufóricos com a promessa de que daqui a três meses iriam ver a mãe noutro continente.

Laura escreveu uma carta para Conrado, como fazia no início de seu relacionamento. Pediu que Dona Sônia lhe entregasse quando, enfim, resolvesse aparecer. Explicava o doutorado sanduíche, explicava a autorização que iria precisar para levar os meninos, explicava tudo de forma paradigmática. Ao final, resolvidos os problemas práticos, colocou um PS. Em letras maiúsculas. LISBOA É ÓTIMA PARA POETAS, POR QUE NÃO VAI COM AS CRIANÇAS? TE AMO.

Dona Sônia guardou a carta sem lê-la. Prometeu que entregaria e avisaria assim que entregasse. Ele teria que aparecer, seus filhos estavam lá. Tinha que vê-los. Isso tranquilizou um pouquinho o coração de Laura. Partiram para o aeroporto sem mais despedidas.

Capítulo 57

Assim que chegou do aeroporto, de ônibus era praticamente uma viagem, Conrado digitou o texto do guardanapo. O rompante que o fez comprar as passagens já tinha se arrefecido. Já estava na dúvida se iria mesmo ou não. Sentiu-se canalha por nem ter se oferecido pra levar Laura ao aeroporto ou se despedir dela. Ela sempre tinha esse poder de tirar dele toda sua capacidade de reação. Agora que Laura não iria querer mesmo olhar para cara dele. A essa altura, Dona Sônia já deve tê-la levado.

Fumou pra descontar o tanto que não havia fumado ao longo do dia. Tomou uísque também. Veio tudo de vez, inclusive o cacoete que o acompanhava, que agora concorria com uma tosse chata. Era ele de novo. O clima estava preparado para a escrita. Deixou o PC de lado, entretanto. Pegou a carta que seu pai deixou para ele, ficou na varanda por minutos incontáveis. Lembrava-se penosamente de seu Afonso. Estava fazendo tudo errado.

Voltou para o PC e deletou, na pasta "Textos em andamento", o arquivo chamado "Conto novo 2017". Rasgou uma por uma cada página dele que havia sido impressa. Foi até sua caixa de e-mail e deletou também os e-mails com anexo que havia enviado para Silvio. Mandou um e-mail para Silvio, pedindo, por favor, que ele fizesse o mesmo. Vou fazer outro, aguarde o próximo, via ser bem melhor. Aproveitou esse momento de fúria lúcida e rasgou também as passagens que tinha acabado de comprar. Tinha muito trabalho a fazer. Buscando inspiração, pegou um livro do Bandeira. Leu em voz alta:

Assim eu quereria meu último poema
Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume
A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos

A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

Agora entendia porque seu pai o traiu daquela forma, por que o privou assim para sempre de sua proteção. Seu Afonso, onde estivesse, se orgulharia de seu filho ser um escritor famoso, prometeu. Ria, chorando, desamparado, enquanto compunha o romance que sempre tinha perseguido escrever.

Capítulo 58

"A rua parecia tão breve quanto fevereiro, mas seu andar lento alongava o asfalto que teimava em existir. Os jardins das casas restantes exibiam plantas minuciosamente dispostas e árvores, no passeio, apresentavam copas arredondadas dignas de um jardineiro-artesão a fazer estátuas que, em vez da palidez marmórea, expunham à vista o poder verde da clorofila. Seus olhos tudo acompanhavam. Vez ou outra, um latido forte tentava tirar sua atenção das coisas, mas, os portões o socorriam. Sua concentração não chegava a ser abalada. Não se sabe se existia algo capaz disso. Suas longas pernas pareciam curtas a cada passada, seu corpo esguio sustentava a cabeça que pendia de um lado para o outro em um movimento de procura inconsciente... Nunca andou assim, desse jeito assim, assim dessa forma como agora com as lembranças que seu esquecimento rejeitava. Não sabia mais o que fazer direito com os seus desejos. Deixou-se sair do passeio: a rua, o auto, a multidão. [...]

O caixão já dava a volta. A sepultura estava próxima, uns quatro metros, no máximo. Muitas pessoas acompanhavam o cortejo. Poucas ainda choravam. Com sua obsessão por Bandeira, pela quinta vez repetia mentalmente *Momento no Café*. Ele era o que olhava o *esquife longamente*. Esquife o quê? Disse o quê? Quase balbuciando, pensou para si: ataúde, féretro, tumba, mas na verdade não disse nada. Estou apenas pensando alto. Só isso. Seus passos nem apressavam nem retardavam a comitiva apenas a acompanhavam dolorosamente. Seu irmão mais velho não o entenderia. Pra que explicar? Aproveitando o campo aberto, que o cemitério lhe representava, pegou mais um cigarro que deixou no canto da boca enquanto anotava algo com sua *Crown* vermelha, inseparável, em sua caderneta improvisada."

O texto deste livro foi composto em fonte Garamond corpo 12 e 14, impresso em papel Offset 90g, na Gráfica e Editora Liceu, em 2019.

Depois do sucesso da primeira edição, lançada em 2016, o Selo Literário João Ubaldo Ribeiro tem a honra de trazer mais um conjunto de obras produzidas por novos e consagrados autores baianos. Para garantir a diversidade de gêneros, foram mantidos os estilos Conto, Crônica, Dramaturgia, Infantil, Poesia, Romance, Republicação e Livre.

A continuidade dessa iniciativa demonstra o quanto Salvador necessitava de uma ação que pudesse incentivar, valorizar e apoiar a produção literária local. Afinal, as belezas, a cultura, as tradições e as contradições da primeira capital brasileira serviram de estímulo e inspiração para grandes nomes da literatura brasileira e mundial, dentre eles o próprio baiano João Ubaldo Ribeiro, que dá nome ao selo.

Com o Selo Literário, a Prefeitura e a Fundação Gregório de Mattos prosseguem com a missão de investir no mais importante elemento de identidade da capital baiana: a cultura.

ACM Neto

FGM Fundação Gregório de Mattos

Secretaria de Cultura e Turismo

SALVADOR PREFEITURA
PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL